

Amor à moda antiga

Amanda York

Momentos Íntimos Tarja Vermelha 45



Dois amantes marcados por um estigma!

Glenda tenta evitar os lábios de Conrad que, ávidos, procuram os seus. Quer se desvencilhar das mãos que afagam seu corpo, mas não consegue.

Desesperada, percebe que não pode mais fugir e deixa que ele a deite ali mesmo, no chão da casa antiga, cheia de mistérios, e a ame.

No dia seguinte, realizada, ela o procura, chama seu nome. Em vão. O quarto, escurecido pelas pesadas cortinas de veludo, estava vazio.

CAPÍTULO I

Glenda Halliday afundou o pé no freio da velha caminhonete, evitando por milagre um acidente que poderia ser fatal. A bela égua castanha relinchou e levantou as patas dianteiras; por um triz não derrubou o cavaleiro em seu reluzente traje de montaria cinza e dourado.

Ela desligou o rádio com raiva, esquecendo o noticiário sobre a crise econômica na América Central. Aquelas notícias atuais formavam um estranho contraste com o homem no resplandecente uniforme de confederado, que parecia saído de um romance antigo.

— Tom Stuart! Onde é que estava com a cabeça? Quase atropelai você e o seu cavalo!

— Olá, meu bem. Você não teria coragem de atropelar Red Lady. Além do mais, sabe muito bem que sou o melhor cavaleiro das redondezas.

— Por que está fantasiado desse jeito? Ainda faltam três meses para a festa. Será que não tem mais nada para fazer?

Tom dirigiu o animal para perto de

Glenda e, ao tentar beijá-la através da janela, caiu pesadamente no chão.

A moça não pôde conter uma gargalhada, apesar do susto. Tinha que admitir que Tom parecia um autêntico oficial confederado naquele uniforme, capaz de emocionar todas as viúvas da cidade com seus belos cabelos lisos e loiros, o par de olhos claros a refletir o tom acinzentado do traje, o sorriso largo estampado no rosto de linhas corretas e o porte garboso que trazia de volta à memória uma geração de jovens que tudo sacrificaram por uma causa.

As mesmas viúvas que os apontavam pelas ruas da cidade, espalhando aos quatro ventos que ele e Glenda tinham nascido um para o outro...

O próprio Tom insinuara repetidas vezes que os dois tinham vindo ao mundo para dar continuidade a uma espécie ameaçada de extinção: os loiros de olhos azuis.

Nas palavras dele, Glenda era um exemplo perfeito daquele tipo: olhos de fazer inveja ao céu do mais límpido verão e cabelos... a desafiar o brilho dos raios de sol!

Ela própria estava convencida de que iriam casar-se um dia. Afinal, o que mais

poderia esperar? Tom era perfeito para o tipo de vida que tinha pela frente.

A voz do rapaz, que de pé procurava livrar-se da terra que a queda inesperada fizera grudar em sua roupa, a trouxe de volta à realidade:

— Acabo de vir do centro da cidade. Temos um visitante *yankee* e, pelo que ouvi, ele está atrás da minha garota. Estava perguntando onde fica a Companhia de Construções Halliday.

— Um *yankee*? Deve ser o sr. Conrad Landry. Não o esperava tão cedo. Depressa, tire Red Lady do caminho! Tenho que voltar para o escritório antes que ele chegue!

— Ei, espere um pouco! Você me fez duas perguntas, lembra-se? Não quer mais saber por que estou fantasiado desse jeito? Pois bem, fui convidado para fazer uma série de fotografias para uma revista da capital. Estão preparando um artigo sobre a nossa festa anual.

— Que maravilha, Tom!

— Antes que me chame de mal-educado: como está seu pai?

— Na mesma. Mas ouça, estou animada com essa reportagem. Estamos mesmo

precisando de publicidade. Agora seja bonzinho e me deixe passar. Os negócios me chamam e Conrad Landry pode vir a ser um dos melhores clientes.

— Ele sabe que é você quem está à frente da empresa agora?

— Não vamos recomeçar com essa maldita discussão, está bem? Sabe que sou perfeitamente capaz de conduzir os negócios. Além do mais, não se queixe; já tem seu contrato de construção em Summerville.

— Aí é que está o problema. A Stuart & Son está indo muito bem, com ou sem recessão. Por que você e seu pai não aceitam de uma vez a nossa oferta de compra e param de se preocupar?

Glenda ligou o carro.

— Agora chega, Tom. Deixe-me passar.

Antes de dar partida, ela ainda o ouviu gritar:

— Depois não diga que não a avisei!

Glenda ignorou a ironia e pisou fundo no acelerador, indiferente à bela paisagem à sua volta. O sol refletia-se em todo seu esplendor nas águas do rio e pássaros de todas as cores voavam entre as árvores da densa floresta do Mississippi. Mas ela estava com pressa. Não

tinha tempo a perder.

O escritório da Companhia de Construções Halliday situava-se no meio de um grande pátio, longe do centro da cidade. Ao parar diante dos portões, Glenda percebeu, aliviada, que não havia nenhum carro estranho por ali. O pátio, outrora lotado de caminhões, guindastes e todo tipo de máquinas e equipamentos de construção, hoje se encontrava vazio. Os bons tempos haviam terminado.

A recessão destruíra aos poucos a indústria de construções, assim como um maldito acidente destruíra para sempre a correria do pai de Glenda.

Tão logo abriu a porta do escritório, ela deparou com o olhar contrariado do sr. Halliday, que tentava impacientemente mover a cadeira de rodas em direção à saída.

— Ainda bem que você chegou! O tal rapaz de Washington acabou de telefonar. Já está na cidade e vem para cá.

— Eu sei, Tom me avisou. Estive pensando, papai... Não seria melhor que você mesmo o recebesse?

— Nunca! Assim que ele me vir nesta maldita cadeira, perderemos o negócio. Como

aconteceu com todos os outros, aliás.

— Que outros? Nós estamos à beira da falência há dois anos! Não se ouve falar em novos contratos por aqui há meses!

Glenda preferiu não dizer que, na sua opinião, haviam perdido os dois últimos negócios muito mais pelo fato de ela ser mulher do que pela invalidez do sr. Halliday. O problema era que o pai recusava-se terminantemente a refazer sua vida depois do acidente. Às vezes tinha a impressão de que preferia ter morrido ao cair do telhado naquele dia nefasto, pouco tempo depois de perder a esposa num desastre.

— Não me sinto bem, filha. Vou descansar um pouco. Diga ao sr. Landry que você está plenamente capacitada a tomar todas as decisões.

Era assim que ele vinha se comportando desde que ficara viúvo: como uma verdadeira criança. Fugia sempre que precisava enfrentar um desafio.

Pelo menos dessa vez não mencionara o casamento da filha com Tom como a solução para todos os problemas.

Glenda caminhou conformada em direção ao arquivo, de onde tirou algumas pastas,

espalhando-as sobre a mesa. Mas mal teve tempo de examinar os papéis. Um magnífico carro azul metálico estacionou ao lado da velha caminhonete. Ela pegou apressadamente o telefone e fingiu estar conversando.

— Sim, claro que cumprimos o cronograma. A obra está bem adiantada e temos certeza de que ficará satisfeito com os resultados, senhor. — Glenda olhou "casualmente" para a porta de entrada e viu a silhueta elegante e sóbria do visitante. Fez um breve aceno com a cabeça e continuou ao telefone: — Queira me desculpar, senhor, preciso atender um cliente. Claro, prazer em ouvi-lo. Lembre-se da nossa companhia quando resolver construir um novo restaurante.

Repôs o fone no gancho e em seguida estendeu a mão ao visitante.

— Meu nome é Glenda Halliday, senhor. Em que lhe posso ser útil?

Sua mão ficou estendida por um instante. Apesar de toda a encenação, o visitante com toda certeza a estava confundindo com uma simples recepcionista e aparentemente a cumprimentava apenas por educação.

— Sou Conrad Landry. Escrevi sobre a

reforma da velha Mansão Prendergast, próxima ao rio.

Glenda sentiu-se ligeiramente desapontada. Esperava receber alguém um pouco menos insípido. O estrangeiro era pálido como quase todos os grandes homens de negócios, que passam a maior parte da vida enfiados dentro de seus escritórios, e tinha olhos de um verde indefinido, frios. Apesar disso, vestia-se com extremo bom gosto. As roupas de aparência cara e bem talhadas combinavam com seu ar ausente.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Landry.

Sem se dar ao trabalho de responder, o visitante abriu a maleta e espalhou algumas fotos da magnífica mansão, construída antes da guerra, vista através de enormes arcos de carvalho cobertos de musgo.

— Suponho que a senhorita conheça a propriedade, não?

— Todos nesta cidade a conhecem, mas só por fora, porque seu avô, o antigo proprietário, era um homem de poucos amigos. Jamais a vi por dentro.

— A casa está em péssimo estado de conservação. Não fosse por isso eu a colocaria à venda imediatamente.

— Então pretende vendê-la? — perguntou Glenda, sem disfarçar a decepção.

Ocorreu-lhe, naquele momento, que todos os habitantes da pequena cidade de Willow Bend aguardavam com ansiedade que o novo dono da mansão devolvesse o aspecto glorioso à única relíquia que sobrevivera à Guerra de Secessão.

— Pretendo fazer alguns reparos básicos, o suficiente para vendê-la. Tudo o que quero é uma estimativa rápida e precisa e amanhã mesmo a importância estará depositada em sua conta. Gostaria de tê-la pronta no máximo em três semanas.

Glenda pensou com seus botões que aquele era um prazo demasiado curto, mas decidiu examinar de perto o estado da mansão antes de dar uma palavra final.

Então, Conrad continuou:

— Alguns antigos empregados de meu avô ainda residem na casa e você terá que se acostumar a trabalhar com eles por perto. Dou-lhe carta branca para conduzir a reforma, mas não se deixe entusiasmar. Tudo o que quero é torná-la vendável.

Olhou em volta, como se tivesse subitamente lembrado de alguma coisa.

— Falei com Ethan Halliday ao telefone, ao chegar à cidade. Ele não está?

— Não, meu pai teve que sair para supervisionar algumas obras.

— Foi o que pensei. Estou a caminho da mansão; julguei que ele fosse me acompanhar para examiná-la.

— Eu mesma o acompanharei, senhor. Estou legalmente habilitada a organizar o plano orçamentário — disse, apontando o diploma exposto na parede do escritório.

Conrad Landry, porém, já fechara sua valise e dirigia-se à saída sem dar a mínima importância a Glenda, que o seguiu sem pestanejar, disposta a ignorar aquele pouco-caso.

Diante da casa, e antes mesmo de sair do carro, Glenda não pôde conter um comentário:

— É uma excêntrica e maravilhosa combinação de estilos, sr. Landry. Pena que a tenham deixado chegar a esse ponto. — Olhou-o de soslaio, esperando alguma reação, que não veio. — Soube que uma das paredes foi perfurada por uma bala de canhão e que seus antepassados não permitiram que a reparassem, para perpetuar a História.

— Se isso não prejudicar a estrutura,

deixe a parede como está — disse Conrad, saindo, finalmente, do carro.

Ela hesitou um pouco, antes de perguntar:

— Os empregados foram avisados de que viríamos?

A resposta foi um "não" ríspido e seco.

Os dois caminharam por uma trilha semi-abandonada, em direção aos fundos da mansão. Todas as janelas abriam-se para pequenas sacadas, com grades de ferro no mais puro estilo crioulo, formando uma atmosfera dramática em contraste com as pesadas pilastras de arquitetura grega. O autor daquele projeto era muito ousado, sem dúvida, pois toda aquela extravagante mistura de estilos poderia ter resultado num autêntico desastre.

— Pelo que sei, os Prendergast possuíam vários hectares de terra nos velhos tempos, onde havia uma extensa lavoura de cana-de-açúcar. O que restou dela?

Mais uma vez, aquele circunspecto sr. Landry ignorou a pergunta e prosseguiu em direção à frente da mansão.

As águas de um riacho corriam, tranquilas, entre os jardins. Glenda notou uma

magnífica porta colonial que precisava urgentemente de restauração, embora as colunas brancas ainda estivessem em perfeito estado.

— Desde pequena ouço falar numa antiga escada em espiral que há no *hall* de entrada. Sempre tive muita curiosidade de conhecê-la. Gostaria que tivéssemos mais tempo para procurar com cuidado os materiais certos para a reforma. Seria um crime usar essas porcarias que vendem por aí como antiguidades.

— Use apenas o que puder encontrar nos arredores. Já lhe disse que pretendo me livrar dessa mansão o mais breve possível. Saberá me informar quando e onde vai se realizar a tal parada dos confederados?

Glenda, mesmo furiosa, ainda tentou esboçar um sorriso.

— É uma festa em memória da batalha em defesa da cidade, seguida de um baile a caráter. Os filhos das antigas famílias de soldados tomam emprestado os uniformes de seus antepassados e representam a batalha ao ar livre. Costumamos contratar pessoal de fora para vestir as fardas azuis dos *yankees*, nossos adversários. — Acelerou o passo para

acompanhá-lo, enquanto circundavam a casa, e continuou: — Acontece todos os anos, no mês de julho.

— Julho? Má notícia. Seria uma ótima oportunidade para atrair compradores em potencial, mas quero vender a propriedade antes disso.

— Sr. Landry, temo que seja impossível satisfazer a sua vontade. Mesmo que o telhado esteja em bom estado, precisamos de tempo para testar as tubulações e a fiação. Pelo que pude observar até agora, teremos que reestruturar toda a fachada. E veja esta varanda! Além do mais, precisamos contar com alguns imprevistos, tais como mau tempo, chuvas...

— Se acha que a sua empresa não é capaz de arcar com o trabalho...

— Claro que é! Em três semanas podemos fazer qualquer tipo de milagre!

Dentro da casa, Glenda observou o imenso *hall*, frio e escuro, que ia da frente aos fundos. Reparou na beleza do piso em mármore italiano e logo viu a graciosa escada em espiral, além da bela e delicada balaustrada em ferro esculpido.

— Alguém em casa? — gritou Conrad.

Uma voz então fez-se ouvir:

— Quem são vocês e o que querem aqui?

Tanto Glenda quanto o dono da casa olharam em volta, procurando localizar de onde vinha aquela voz.

Uma mulher de cabelos escuros, quase negros, surgiu no topo da escada. De feições bonitas, embora um tanto duras, tinha a pele quase tão branca quanto o vestido leve e vaporoso que usava. Os saltos, altíssimos, talvez para disfarçar a baixa estatura, tilintavam enquanto descia. Assim, de perto, não parecia tão jovem.

— Sou Conrad Landry e esta é a srta. Glenda Halliday. Os advogados de meu avô lhe escreveram, suponho, avisando a minha chegada.

Glenda dirigiu-se à mulher.

— Tentaremos não incomodar, senhora...

Devia ser a governanta que o velho contratara, um ano antes de morrer. Ela não costumava aparecer muito pela cidade.

— Sou Fayette Stanhope — disse a jovem — Senhor?, — dirigindo um sorriso formal ao sr. Landry e estendendo-lhe a mão. — Muito prazer. Fui. secretária e acompanhante de seu falecido avô.

— Gostaria de lhe falar um instante em particular, sra. Stanhope. — E, virando-se para Glenda: — Por que não visita o resto da casa, senhorita?

Fayette caminhou até uma pequena mesa e fez soar um sino de prata.

— Pedirei a Barnaby que a acompanhe, srta. Halliday. Ele lhe indicará onde não deve pisar. Os pisos superiores são de madeira e alguns trechos estão danificados. Poderia ser perigoso. — A mulher a examinou de alto a baixo, como se avaliasse seu jeans e as botas de couro. Então dirigiu-se a Conrad. — Barnaby é nosso jardineiro e faz de tudo um pouco. Está na casa há muitos anos e é meio surdo. Há também uma copeira chamada Annie. Não tem andado muito bem de saúde, mas é muito trabalhadeira.

Fayette e Conrad desapareceram por uma das portas, deixando Glenda sozinha. Aquele, decididamente, não era o seu dia. Todos pareciam dispostos a ignorá-la.

De súbito, o velho Barnaby apareceu à frente dela, perscrutando-a cuidadosamente com seus olhos espertos. Glenda fitou com ternura aquela figura curvada pelo peso dos anos e explicou o que fazia ali. Ele apenas

assentiu com um gesto de cabeça e começou a subir.

Bem no meio da escadaria, parou bruscamente e virou-se devagar, encarando-a.

— Ele vai ter que desistir de vender a casa, sabe! Por isso não vou procurar outro lugar para morar. A sra. Stanhope não para de falar nesse assunto, mas eu não me importo.

— Por que diz isso? — perguntou Glenda, esquecendo-se da surdez de Barnaby.

O velho continuou subindo a escada, resmungando. Aparentemente achava tudo aquilo uma perda de tempo. Mas, de repente, levantou a voz outra vez:

— Quando ele souber de toda a verdade, vai ter que parar com essa história. A não ser que não ligue para o escândalo que pode provocar e que o passado não enterrou...

CAPÍTULO II

O trabalho de reforma ia de vento em popa e o movimento dentro e fora da casa era bastante intenso. Glenda andava por toda parte, examinando o andamento das obras, criticando os pontos fracos e mantendo os operários em ritmo acelerado.

Sentado sob um frondoso carvalho, Tom Stuart a observava com um sorriso divertido nos lábios. A moça o viu e caminhou em sua direção.

— Ouça, já que cismou de andar atrás de mim, por que não faz alguma coisa? Temos muito trabalho, sabia?

— Meu anjo, não vim até aqui para trabalhar e sim para levar você para bem longe disso tudo.

— Escute, você não trabalha nunca?

— Às vezes. Estive concentrado num projeto até agora. Mas não pude resistir a este sol e além do mais estamos na hora do almoço, beleza.

— Estou tentando descobrir onde encontrar o vidro certo para consertar aquelas janelas. Sabe, até agora ainda não consegui

ver o quarto do velho Prendergast. Dizem que ele o transformou num autêntico museu militar. Está trancado há anos e o sr. Landry só receberá a chave quando o processo do inventário terminar. Tentei vê-lo através de um buraco de bala na parede, mas um armário impede a visão.

— E por onde anda o seu cliente almofadinha?

— Voltou para Washington, mas telefona quase todos os dias para saber do andamento da reforma.

— Então, vamos ou não vamos almoçar?

— Não tenho tempo para isso, Tom.

— Está bem, acho que vou convidar a adorável Fayette para ir comigo. Depois não se queixe.

— Eu só espero que você não se queixe.

— Glenda virou-se para os operários que aguardavam suas ordens. — Levem este material até o terceiro andar. Estarei lá num minuto. Tomem cuidado para não destruir as paredes pelo caminho, hein?

Tom a fez girar e encostou-a no tronco de um carvalho, envolvendo-a num abraço protetor enquanto lhe beijava o rosto, descendo até o pescoço e segurando-a com

força para que não fugisse.

— Tom, solte-me. Não me obrigue a ser grosseira.

— Por favor, seja grosseira comigo! Eu adoro ver você zangada. — Depois disso, ele segurou-lhe o rosto entre as mãos com delicadeza e falou, sério: — Sou um homem paciente, meu bem, mas você está demorando demais para se decidir. Por que não desiste de uma vez de lutar contra o inevitável? Seu pai nunca mais vai deixar aquela cadeira de rodas e ninguém nesta cidade gosta de vê-los se destruindo aos poucos. Eu já disse que pagarei todas as suas dívidas depois que nos casarmos, não disse?

Glenda afastou-o mais uma vez.

— Tom, pela última vez: gosto muito de você, apesar de não aprovar as suas péssimas maneiras... Mas ainda não me sinto preparada para o casamento. Será que não podemos continuar a ser os bons amigos de sempre?

O rapaz retrucou, desta vez com raiva:

— Podemos ser concorrentes, Glenda, embora eu preferisse que fôssemos marido e mulher. Agora, bons amigos, não. Sinto muito.

Glenda baixou os olhos, indecisa.

— Mas faz apenas um ano que...

— Olhe aqui, moça, sei que você enfiou nessa cabecinha linda que precisa tomar conta de seu pai, mas eu lhe digo: ele precisa de um enfermeiro e você, de um homem! Posso muito bem tomar conta dos dois. Tenho me esforçado bastante para diverti-la, mas esse complexo de culpa que tomou conta de sua vida, desde que sua mãe morreu, não permite sequer que se olhe no espelho. Eu não entendo... — dizendo isso, virou-lhe as costas e sumiu de vista.

Glenda avistou Fayette que descia a escada, deslumbrante em seu vestido rosa em tom champanhe, e admirou mais uma vez a beleza sóbria, o ar afrancesado e os olhos verdes ainda brilhantes da mulher. Pensou, desalentada, no que seria dela quando a casa fosse vendida.

— Ainda está aqui, srta. Halliday? Pensei que seu pai viesse supervisionar os trabalhos.

Glenda jogou para trás a cabeça, tentando afastar uma mecha de cabelo que caíra sobre os olhos.

— Meu pai está impossibilitado de assumir o comando, srta. Stanhope...

— Sra. Stanhope! Agora me diga: por que ele não pode vir? Ao que me consta, foi a seu pai que o sr. Landry contratou.

Glenda não pôde responder de pronto, pois estava surpresa. Jamais ouvira dizer que a secretária do velho Prendergast fosse casada.

— Tenho plenos poderes sobre os negócios de meu pai, minha senhora. Pensei que tivesse tomado conhecimento do acidente que o tornou inválido para o exercício da profissão.

A mulher avaliou-a mais uma vez de alto a baixo e torceu ligeiramente o nariz. Não parecia apreciar muito o modo como Glenda se vestia. Jeans e camisetas deviam ser algo absolutamente deselegante para ela.

— Achei melhor avisá-la de que o sr. Landry acaba de telefonar e me pediu que a lembrasse de que estará aqui neste fim de semana com o fiscal, o corretor e possíveis candidatos à compra da mansão.

— Mas... ele me disse que dilataria o prazo por mais uma semana! Eu lhe contei sobre as dificuldades que tenho enfrentado na busca de materiais adequados e simplesmente não posso usar peças vulgares nesta reforma! Seria um crime! Além do mais, preciso da chave daquele quarto trancado.

Fayette manteve o ar de frieza.

— Não é a mim que deve explicações,

senhorita. Já lhe transmiti o recado. Ele disse que virá esta semana. Devia tê-lo avisado de que sua firma seria incapaz de cumprir este prazo.

Glenda afastou-se, resolvida a não desanimar. Aquela esnobe sra. Stanhope dissera que Conrad Landry viajara e que só seria possível encontrá-lo naquele final de semana. Pois bem, teria que agir sozinha. Haveria de encontrar o material correto, não importava como. Aquele era o primeiro projeto que conduzia sem nenhuma ajuda, e do pleno sucesso dele dependia o futuro da Companhia de Construções Halliday e de todas as outras pessoas envolvidas, empregados e credores. Talvez devesse ser menos perfeccionista e um pouco mais imparcial. Afinal, não era a dona da mansão e Conrad Landry fora bastante claro quanto às suas pretensões. Tudo o que queria era uma coisa vendável... em três semanas.

Ao entrar na casa, deparou com o velho Barnaby, resmungando como sempre. Pelo que pôde entender, ele reclamava de um dos funcionários, que se sentara numa cadeira do século passado e fizera um minúsculo furo no bordado do estofamento. Glenda desculpou-se

às pressas, prometendo chamar a atenção do causador daquele crime e jurando que resolveria pessoalmente o problema. Deixou-o perdido em lamúrias e subiu, furiosa, a escadaria.

Nem bem tinha chegado ao último andar começou a gritar:

— Quem foi o infeliz que se sentou naquela maldita cadeira lá embaixo?

Bobby Jim, o mais jovem dos trabalhadores, respondeu em seguida:

— Ora, senhorita, ao que me consta é para isso que servem as cadeiras.

— Mantenha-se longe da mobília desta casa, ouviu bem? Do contrário pode esquecer que um dia trabalhou para nós! Você está aqui para restaurar o assoalho e portanto se limite a cumprir sua obrigação!

O rapaz afastou-se, cabisbaixo, murmurando desculpas, e Glenda tomou a escada que levava ao sótão, sentindo-se envergonhada por sua atitude. Bobby Jim era um jovem esforçado, inteligente, e ela estava certa de que seu pai teria dado um jeito na situação com muito mais tato. *Não* conseguia entender por que se exaltara daquela maneira. Contudo, resolvida a esquecer o incidente,

tratou de trabalhar na medição dos degraus.

No dia seguinte, ao cair da tarde, quando quase todos os homens haviam voltado para suas casas, Glenda continuou na mansão, para traçar os próximos passos a tomar. Ao descer a escada mal iluminada pelo crepúsculo, notou que as duas portas do salão de festas estavam escancaradas.

Parou para admirar as linhas aristocráticas da mobília, os enormes espelhos de cristal que refletiam os últimos vestígios de claridade, sentindo-se transportada ao passado de pompa e glória que aquelas paredes haviam testemunhado. Podia quase ouvir o som das vozes animadas, o tilintar das taças de champanhe, a mistura de perfumes caros confundindo-se com o aroma das delicadas magnólias que entrava pelas janelas abertas da varanda, convidando os pares a festejar o amor à luz da lua, ao som do riacho que por ali passava...

Como poderia o dono daquele palco vivo de recordações ficar indiferente ao passado histórico e vitorioso da família Prendergast, e simplesmente transferir a estranhos todos os sonhos, as promessas sussurrantes que pressentia impregnadas naquelas paredes?

Na certa Conrad devia ter coisas muito mais importantes em que pensar na agitada vida da cidade grande, ponderou ela, decidindo que não era de sua conta a insensibilidade do proprietário daquela maravilha.

Ao voltar ao trabalho, resolveu verificar mais uma vez todo o piso da mansão, percorrendo devagar os corredores até chegar a um dos quartos, que certamente teria pertencido a uma das mocinhas da família. Era todo em branco e rosa-pálido e havia uma ante-sala cercada de espelhos, onde a juvenzinha provavelmente perdia algum tempo antes de cada baile, admirando-se e adivinhando os efeitos que sua aparência iria surtir.

Glenda parou um instante diante do espelho, lembrando-se da última festa de que participara, quando sua mãe ainda era viva.

Ambas vestiam longos vestidos rodados em renda francesa, muito armados pela infinidade de anáguas, o forro encorpado de *shantung* a emoldurar-lhes as formas perfeitas. Sua mãe usava o vestido que fora de uma bisavó e irradiava beleza. Havia chegado ao centro da cidade numa charrete emprestada pelo museu histórico dos confederados

enquanto o pai as acompanhava montado num puro-sangue todo branco, imponente em seu uniforme de cavaleiro.

Glenda afastou as lembranças com um longo suspiro. Prender-se ao passado era o caminho certo para perder o futuro.

No momento, era o presente que importava. E se mostrava negro: a empresa da família de Tom havia tomado a si todo o trabalho de construção das redondezas: fábricas, usinas, parques industriais, conglomerados residenciais para operários...

Enquanto isso, o pai de Glenda se entregava ao desespero e ao abandono da má sorte que lhe atingira a vida.

Esta era sua primeira chance de arrancar a Companhia de Construções Halliday da falência. Mas o tempo escoava-se e ela nem mesmo conseguira ver o quarto do velho Prendergast, para avaliar o trabalho a ser feito.

Aquele cômodo da casa continuava fechado, pelo visto para todo mundo. A própria sra. Stanhope havia dito, dias atrás, que jamais visitara o "museu", e que aliás não lamentava nem um pouco, pois deveria estar cheio de ratos e teias de aranha.

De repente, o silêncio foi interrompido

pelo ranger de uma porta. Glenda foi arrancada de seus devaneios e sentiu, sem saber por que, uma ponta de medo. Em seguida, um baque seco chamou sua atenção para o lado do quarto misterioso enquanto vozes alteradas e passos apressados vinham daquela direção.

Correu até lá e deparou com o mestre de obras, que se virou e falou-lhe, por cima dos ombros:

— Srta. Halliday, acho que estava enganada quando disse que havia apenas um pequeno pedaço do assoalho neste lado do corredor necessitando de reparos. Havia Outro. Bobby Jim acaba de cair por aquele buraco.

O homem apontava um rombo no chão, próximo a uma das portas, que ela havia inspecionado pessoalmente.

Bobby Jim estava lá embaixo, estatelado.

CAPÍTULO III

Glenda bateu o telefone com uma expressão de raiva e desespero. Fora informada de que o fornecedor local de madeira tivera que atender a um grande pedido de outro empreiteiro e só teria chances de enviar-lhe o que precisava na terça-feira seguinte. Três dias, portanto, depois do prazo fixado para a entrega da obra. E quem mais poderia ser o outro empreiteiro, senão Tom Stuart?

Andou pela sala, nervosa, enquanto falava sem parar. O sr. Halliday a observava com preocupação.

— Calma, filha. Tom não fez isso de propósito.

Era sempre assim. Tom não tinha culpa, não fizera por mal e toda aquela conversa sobre o bom caráter do rapaz.

Claro! Não era Tom quem levava o pai aos bares para beber mais do que devia e podia? Não era ele quem enchia os ouvidos do velho com toda aquela história de ser o marido ideal para Glenda? E quem afastava todos os outros possíveis pretendentes que apareciam?

Qualquer outro homem que se aproximasse dela era repellido pelas lamúrias de auto-piedade do sr. Halliday. Não era assim?

Mas ele negava e mudava de assunto, como fazia agora:

— Tem notícias de Bobby Jim?

— Está quase bom. Fraturou o braço e foi só. Fiquei de passar na casa dele mais tarde, para uma visita.

— Isso vai atrasar ainda mais a conclusão do serviço. Por que não desiste de uma vez? Tom já se ofereceu para ajudá-la... Por que não telefona para ele?

— E entregar de bandeja a única oportunidade que tiremos, em dois anos?! Não, não, eu vou até Natchez buscar o que me falta.

— Mas já pagamos por essa madeira! Além do mais, você sabe que não temos mais crédito e, ao que me consta, o resto do depósito que o sr. Landry fez em nosso banco foi gasto com a última compra de tijolos!

— Sei disso, papai. Tivemos que pagar adiantado mais uma vez.

— E provavelmente todos os madeireiros de Natchez conhecem a situação precária que enfrentamos.

— Pode ser, mas vou até lá assim mesmo.

— Vestida desse jeito? Vão tratá-la como a uma mendiga!

— Tem razão, mas dou um jeito nisso também. Telefone para os operários, por favor, e diga que fiquem onde estão e continuem trabalhando. Estarei lá logo após o almoço.

Glenda saiu e, ao ligar a caminhonete, lembrou-se do dia em que a comprara para o pai. Era equipada com dispositivos especiais para paraplégicos, mas ele se recusara a usá-la e dava graças a Deus que a esposa tivesse morrido sem vê-lo naquele estado.

Uma lágrima teimosa surgiu nos olhos de Glenda e ela enxugou-a com as costas da mão. Dirigia-se a toda velocidade para a casa querida, que outrora abrigara uma família feliz...

Crescera entre os comentários da vizinhança, que a via à imagem e semelhança de Clorinda Halliday, mulher de rara beleza. Havia uma pequena diferença, contudo. Glenda jamais se vestia com o esmerado bom gosto de sua mãe, talvez para evitar as eternas comparações.

Estacionou o carro na calçada e percorreu o jardim, entrando na pequena sala

da velha casa que conservava o toque pessoal, aconchegante e leve da sra. Halliday.

Móveis claros e confortáveis foram distribuídos por toda parte com elegância e bom gosto. As cortinas esvoaçavam, brancas, quase transparentes, e deixavam entrever o jardim que Glenda procurava manter como fora deixado, embora hoje as muitas flores transmitissem apenas tristeza e solidão.

Glenda procurou em seu armário a maleta que adquirira havia dois anos, quando ainda tinha esperança de tornar-se uma negociante famosa. Vestiu um conjunto de linho bege-escuro que ia bem com seu porte alto e esguio. Escovou os longos cabelos loiros, prendendo-os no alto da cabeça de maneira descontraída. Estava perfeita, pronta para o desafio.

A caminho de Natchez distraía-se ensaiando uma boa técnica de abordagem. Sabia o quanto era difícil conseguir crédito instantâneo via computador, fosse qual fosse o argumento que encontrasse. Precisava de uma estratégia realmente eficaz.

Duas horas mais tarde estava sentada no banco do automóvel, absolutamente desanimada. Todos os fornecedores que

visitara dispensaram-na com educada firmeza.

Resolvida a não desistir, entrou em mais um escritório de representações e apresentou-se à recepcionista com determinação:

— Boa-tarde, senhorita. Vim a mando do sr. Conrad Landry para apanhar as pranchas de madeira de lei que encomendou.

Os dedos ágeis da moça digitaram qualquer coisa no teclado do computador e, claro, não havia nenhum pedido registrado em nome de Conrad Landry.

Glenda mal disfarçou a inquietação e estava prestes a girar sobre os pés em direção à saída quando uma voz masculina a fez parar:

— Alguém mencionou o nome de Conrad Landry?

— Sim, senhor, mas ao que tudo indica o computador não tem nenhum registro sobre isso.

O homem começou a discursar sobre um artigo que havia lido numa revista qualquer a respeito da influência política da família de Landry e de todo o dinheiro que ganhara com o negócio de computadores. Glenda ouvia tudo com interesse forçado, pensando em sair dali o mais rápido possível com o material de que precisava. Afinal, ouviu o outro dizer:

— Mas não vamos deixar a senhora esperar mais.

"Enfim, consegui!", pensou, entregando um cartão de sua empresa à moça da recepção. Glenda acrescentou:

— Pode mandar a conta para este endereço.

O homem pareceu preocupado ao ler o *nome* da Companhia de Construções Halliday no alto do cartão, mas nada comentou.

No caminho de volta à Mansão Prendergast, Glenda relaxava aos poucos, pensando no falatório do representante sobre o magnata dos computadores, aquele seu cliente frio e circunspecto. Estava explicado por que Conrad Landry não se interessava por relíquias do passado. Era mais um aficcionado por novas tecnologias.

Ao percorrer a trilha que levava à mansão, notou um carro esporte estacionado no caminho. Devia pertencer a algum amigo de Fayette.

Entrou, esbaforida, e estava a meio caminho da escada quando uma voz a fez parar:

— Procurando a mandachuva da Companhia de Construções Halliday? Desista,

ela não está. Também estou esperando por ela!

Glenda voltou-se, surpresa, e encarou o olhar cínico de um estranho, encostado à entrada do salão. Era um homem de trinta e poucos anos, pele morena, olhos escuros e porte atlético. Apesar dos traços duros do rosto sensual, tinha um ar alegre e juvenil e vestia roupas esportivas e descontraídas. A camisa de mangas curtas deixava à mostra braços musculosos, bem torneados. Era a própria força personificada e o sorriso largo mostrava dentes muito brancos em contraste com a tez bronzeada.

— Se quiser esperar, posso pedir a Fayette que nos mande servir um café.

Glenda o encarou sem dizer palavra. Quem seria aquela nova figura?

"Mandachuva. ..", ele dissera.

— Por acaso é a pessoa enviada para tratar dos tijolos que encomendei?

— Não, não. Estou apenas admirando a paisagem — disse o rapaz, examinando-a de alto a baixo com um sorriso zombeteiro.

Ela sentiu-se enrubescer e perguntou-se mais uma vez, cada vez mais intrigada, quem seria o visitante inesperado.

Talvez um interessado em comprar a

propriedade... Ah, não! Ela ainda tinha três dias de prazo e além do mais seria decepcionante ver aquela maravilha nas mãos de um *playboy*. Estava certa de que sua primeira providência seria transformar aquela jóia numa residência moderna, cheia de vidros fume e detalhes metálicos.

— Muito bem, então se limite a admirar o andar de baixo. Os superiores estão proibidos à visitação.

— Por ordem de quem?

— Ordem minha, senhor. Sou a responsável pelo projeto de restauração.

— Então é Glenda Halliday?

— Sou sim, o que estava esperando? Uma matrona com um uniforme nazista e um bastão entre as mãos?

O estranho riu alto.

— Mil desculpas; mereço que seja áspera comigo. Não me considero um machão, mas há preconceitos difíceis de serem superados e, quando eu soube que o encarregado da obra era uma mulher, fiz uma idéia totalmente diferente dela. Prazer em conhecê-la, srta. Halliday.

Ele endireitou-se e tomou as *mãos* de Glenda, que sentiu de imediato o calor e a

sensualidade do seu toque.

Desvencilhando-se do cumprimento, apressou-se em dizer:

— Veio para tratar dos tijolos? Quando vão trazê-los?

— Não sei de que tijolos está falando.

— Bem, então é o fiscal de obras? Mas o sr. Landry me garantiu que só viria no final de semana e ainda faltam três dias. Não terminamos o serviço.

O estranho estava se divertindo à custa dela, era evidente. Mostrou mais uma vez aquele sorriso aberto e franco. Seria então um comprador? Por que não parava de rir? Estava deixando-a inquieta e aborrecida.

— Está certo, não tenho tempo a perder com jogos de adivinhação. Se não quer me dizer quem é, pouco importa. Tenho muito o que fazer.

Afastou-se em direção à escada, chamando pelos operários, pedindo-lhes que descarregassem a caminhonete.

Um silêncio constrangedor instalou-se depois disso e, como o homem permanecesse parado, a examiná-la, Glenda resolveu livrar-se dele de uma vez por todas.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Gostaria de conhecer toda a casa. Poderia me acompanhar?

— Infelizmente não, senhor, mas estou certa de que a sra. Stanhope terá prazer em fazê-lo.

Cada vez mais indignada, Glenda pensava que aquele forasteiro impertinente seria a última pessoa para quem entregaria seu tesouro, se fosse a dona da mansão. Ele não merecia a honra de viver entre aquelas paredes preciosas.

— A sra. Stanhope não está e eu não tenho muita paciência para aturar as ranhetices de Barnaby. Há de convir que é muito mais agradável estar acompanhado de uma bela mulher. Gostaria de conhecer suas idéias a respeito da maneira certa de restaurar a mansão.

— Quer dizer que...

— E esqueça este prazo ridículo de três semanas.

— Já está decidido a comprar a propriedade? Não tenho conhecimento de nada a respeito e, até que o sr. Landry comunique o fato, a casa ainda não é sua.

Sem dar a mínima importância para as palavras dela, o rapaz a pegou pelo braço,

conduzindo-a em direção à escada.

— Pretendo morar aqui, srta. Halliday.

CAPÍTULO IV

Tomada de surpresa, Glenda deixou-se conduzir escada acima. Sem sequer lhe dar tempo para reagir, o homem a crivava de perguntas sobre os mais variados detalhes da restauração, agindo como se já se considerasse o novo dono da propriedade.

Apesar da antipatia que lhe despertara o ar pretensioso do rapaz, de certa forma o interesse que demonstrava era contagiante e Glenda resolveu satisfazê-lo, até por ser gratificante ver que alguém se interessava por seu trabalho.

— Tentei convencer o sr. Landry da necessidade de encontrar o tipo certo de material para cada revestimento, mas ele não parece ligar muito para o destino desta obra-prima. Seja como for, no prazo que me deu seria impossível fazer grande coisa.

Apontava de maneira atropelada e um tanto ríspida o que considerava prioritário, informando-o sobre o acabamento correto para as paredes, escadas, portas e janelas, dando-se conta, depois de certo tempo, de que tudo o que queria era ver-se livre daquela situação

inesperada. Afinal, estava com pressa, tinha apenas dois dias para cumprir o contrato e aquele estranho roubava-lhe um tempo precioso.

— Penso que está convencida de que não sou a pessoa certa para morar na mansão Prendergast. Não se pode dizer que esteja usando de boa psicologia para quem anda interessada em realizar um trabalho decente.

— Sinto muito, senhor...

— ... Smith. Perdão, se não me apresentei antes.

— Está bem. Agora pode largar o meu braço, por favor?

— Só se prometer que irá me mostrar o resto da casa. Asseguro que você não está perdendo seu tempo e Conrad Landry apreciará a sua gentileza.

Glenda olhou para ele, impaciente. Os operários agora transportavam as toras de madeira para o terceiro andar e ela ainda dispunha de algum tempo até que descarregassem totalmente a caminhonete.

Enquanto percorriam os cômodos da mansão, Glenda a descrevia com riqueza de detalhes e, ao ouvi-la, tinha-se a impressão de que conhecia cada pedacinho da história

daquelas paredes.

— A casa foi construída em 1860, um ano antes da Guerra de Secessão. Toda a mobília é de madeira nobre, o piso dos salões e do *hall* é em mármore italiano e a maioria das luminárias, em cristal francês.

A parede de um dos quartos exibia o retrato a óleo de um oficial confederado, austero em seu uniforme cinza e dourado.

— Este é o coronel Prendergast, bisavô do atual proprietário da mansão. O senhor conhece Conrad Landry?

O rapaz assentiu e Glenda notou que ele não estava olhando para o retrato, e sim para ela. Tentando aparentar indiferença, prosseguiu:

— Esta casa foi usada como posto de comando. Penso que este seja o motivo pelo qual não foi destruída. Nenhuma das outras mansões sobreviveu à guerra.

— Esses *yankees* terríveis... — O ar zombeteiro com que ele fez o comentário funcionou como um alerta para Glenda, que se deu conta de que estava se estendendo demais em descrições.

Então, resolveu encurtar a conversa:

— Suponho que poderá encontrar a

história completa da casa na biblioteca.

Retomando o passeio, continuou a falar do mobiliário e das demais peças, apontando aqui e ali as maravilhas que o tempo ia se encarregando de destruir. Não conseguia resistir à tentação de falar mais sobre a beleza dos quartos, da decoração, do estilo. Entretanto, cada vez que olhava para o rapaz, surpreendia o olhar dele fixo em seu rosto, como se não estivesse prestando a mínima atenção às suas palavras.

— Se não está interessado, por que não me deixa voltar ao trabalho e continua a visita sozinho?

— Perdão, estava apenas admirando suas covinhas. Mas creia, estou bastante impressionado com a sua sensibilidade. Parece que conhece mais a história deste lugar do que o dono. Diga, consegue me ver como proprietário deste lugar?

— Sinceramente, não.

— Bem, o que me interessa realmente é a sua opinião sobre as condições da casa, embora fosse bastante agradável se eu pudesse passar o dia inteiro a ouvi-la.

Glenda não tinha a menor intenção de perder um minuto a mais com o desconhecido

e muito menos pretendia convencê-lo a adquirir a propriedade.

Por isso, jogando os cabelos para trás num gesto muito seu, apressou-se a dizer:

— Sr. Smith, creio que é inteligente o bastante para perceber que está me atrapalhando. Se vier mesmo a comprar a mansão, terei prazer em criar um projeto de restauração condizente com a dignidade deste lugar.

— Ótimo, porque estou resolvido a ser o próximo habitante deste paraíso.

— Francamente, não entendo como uma pessoa habituada às comodidades dos ambientes modernos pode se acostumar a morar tão longe da vida prática e agitada das grandes metrópoles.

— Já vivi em lugares mais ermos, senhorita. Tive todo tipo de experiência, boas e ruins. Viajei o mundo inteiro e acho que é hora de descansar e desfrutar uma vida tranquila. Este me parece o cenário ideal para o que tenho em mente.

— Aviso que, para devolver a esta casa a aparência do passado, terá que gastar uma fortuna.

— Dinheiro é a única coisa que não me

preocupa, senhorita.

Por um breve instante a fisionomia do rapaz se anuviou. Glenda sentiu, afinal, que ele não era tão leviano quanto procurava parecer. Talvez quisesse esconder-se do mundo naquelas paragens, quem sabe houvesse sofrido muito e achara o clima ideal para esquecer... Mas poderia um homem tão cheio de si descer aos sentimentos humanos? Não era provável.

— Por que não constrói sua própria residência perto do centro?

— Sua persistência me confunde, moça. Por que insiste em me fazer desistir?

Ela não teve resposta. Em vez disso, procurou explicar a si mesma por que lhe desagradava tanto a idéia de aquele estranho morar ali. Naquelas três semanas aprendera a amar cada recanto, a sonhar acordada enquanto desfilava pelo salão em cada final de expediente, a imaginar-se vivendo ali, valorizando cada minuto.

Aquele homem fútil não saberia admirar aquelas formas, absorver a sabedoria que emanava daquelas paredes. Precisava dissuadi-lo daquela idéia absurda.

— É preciso fazer várias peregrinações

pelos antiquados até conseguirmos as peças adequadas que substituam a mobília do quarto do final do corredor, que está completamente arruinada. Venha comigo.

Dirigiram-se para lá e, ao abrir a porta, Glenda pôde captar a expressão de espanto no rosto do visitante.

O quarto, mantido fechado, parecia jamais ter sido limpo ou arrumado. Os vidros e espelhos encontravam-se quebrados, a madeira dos umbrais dilacerada, as cortinas cheias de mofo. E havia poeira por toda parte. A impressão que se tinha era de que uma fera havia sido mantida presa naquele compartimento e em suas crises destruía as luminárias, as paredes e a mobília.

— Todos os demais quartos estão em bom estado e precisam apenas de pequenos reparos, mas este aqui, o chamado Quarto Verde... Se não fosse pelas teias de aranha e o cheiro de mofo, poderia jurar que todo esse estrago foi feito ontem. Dizem que o sr. Prendergast não admitia que ninguém chegasse perto deste local porque era aqui que o comando se reunia.

— Eu diria que as aparências levam a outra interpretação. Violentas brigas de amor,

talvez...

— Imagino como não estará o quarto que foi do coronel. Até hoje não o conheço.

— Vamos até lá.

Glenda ficou parada por um instante, atônita, enquanto o homem se dirigia a passos largos em direção ao "museu" com o buraco na parede. Em seguida foi atrás dele.

— Mas não temos a chave!

Sem lhe dar ouvidos, o estranho continuou a caminhar, cruzando com Barnaby e Annie no corredor e ordenando-lhes que fossem imediatamente limpar e arrumar o Quarto Verde.

O mais extraordinário foi que os empregados obedeceram de pronto, sem nenhum protesto. Aquilo era demais para ser verdade. Afinal, quem ele pensava que era?

O mistério cresceu quando Glenda viu aquele homem retirar do bolso a chave do quarto do velho e abri-lo, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

A atmosfera úmida do aposento, impregnada de poeira e bolor, tornava-o um espetáculo arrepiante. A penumbra, o cheiro de roupas velhas e fungos acumulados durante muito tempo causavam uma certa

náusea.

As paredes eram quase encobertas pelos muitos quadros, gravuras, retratos e armas antigas. A mobília infestada de cupins ameaçava desmoronar a um simples toque. A um canto, esquecida, uma arca gravada a fogo com a bandeira dos confederados assemelhava-se a um santuário.

Uma espada enferrujada descansava sobre o baú, como uma cruz, entre medalhas e fitas. Quantos sonhos e ideais enterrados para sempre entre aquelas quatro paredes!

Tomada de angústia, invadida por uma profunda tristeza, Glenda virou-se lentamente para o desconhecido e perguntou:

— Quem é você?

O homem a fixou nos olhos, com um ar grave e sofrido.

— Meu nome é Conrad Landry... sou o herdeiro da Mansão Prendergast.

CAPÍTULO V

Glenda ocupava-se em arrumar uma valise com objetos pessoais e algumas peças de roupa enquanto Lucie Mae Emory, a irmã casada de Tom Stuart, a observava, entre curiosa e intrigada.

Lucie casara-se com um banqueiro de sólida fortuna, abandonando uma promissora carreira como jornalista para dedicar-se ao árduo ofício de vasculhar a vida alheia.

— Como pode ter certeza de que está lidando com o verdadeiro Conrad Landry, depois de toda esta confusão?

— Pelo passaporte, Lucie, e todos os outros documentos que colocou à minha disposição quando lhe fiz esta mesma pergunta. E havia a chave! Por que estaria em seu poder?

— Ah, sim, é verdade... Mas, então, quem era o outro?

— Vernon Sewall, o primo dele. Ouça, é uma longa história e talvez você possa me ajudar a compreendê-la melhor.

Glenda relatou tudo o que soubera naquela mesma tarde na mansão. Conrad

Landry estava longe quando o avô falecera, deixando um testamento fora do comum: caso ele não fosse encontrado num prazo de três meses após sua morte, Vernon Sewall herdaria a propriedade, único bem de valor entre os itens arrolados.

Temendo que o outro viesse a requerer seus direitos legais, Vernon tomara a frente no processo, apressando as obras para colocar a mansão à venda o mais cedo possível.

Mas Conrad Landry regressara a tempo de impedi-lo.

— Muito esquisito mesmo. E o que vai acontecer agora?

— Sei apenas o que combinamos. Ficarei uma semana na Mansão Prendergast por causa do novo projeto de restauração.

— Seu pai deve estar odiando a idéia!

— E como! Até parece que o estou abandonando para sempre num asilo! São apenas alguns dias e ele não ficará sozinho porque nossa vizinha, a sra. Brewster, estará aqui para ajudá-lo no que for preciso. Sabe como é papai... Mas ele terá que se conformar, Lucie. Precisamos deste contrato.

— Sei disso, querida, e compreendo. Mas duvido que Tom aceite esta história.

Glenda fechou a maleta.

— Quando nos casarmos...

— Acredita mesmo que isso acontecerá algum dia?

— Assim que liquidarmos todas as nossas dívidas.

— Primeiro você tem que pagar por não ter morrido no lugar da sra. Halliday, não é isso?

— Vamos deixar a psicologia de lado, está bem? Tom e eu não temos pressa.

Lucie agitou a cabeleira ruiva, como se quisesse afastar algum pressentimento. Achava que, se o irmão tivesse mesmo a pretensão de casar-se com aquela linda mulher, teria que se apressar.

— Querida, como é esse Conrad Landry?

— Ora... moreno, olhos e cabelos escuros...

Glenda evitou falar do quanto era sensual, de como mexia com suas emoções mais íntimas, do olhar ávido e cheio de segredos, daquele perfume que parecia ter sido criado especialmente para o seu tipo de pele, do toque morno, da fala macia...

— Só isso?

— Bem, o que mais? Conrad Landry é

filho de uma das duas únicas herdeiras do velho Prendergast, ambas falecidas, e o principal acionista de uma indústria de computadores.

— Ah, eu vou descobrir muito mais e não será nada difícil.

Lucie era muito amiga de um dos advogados que cuidavam do inventário dos Prendergast. E o juiz que provavelmente decidiria a questão era cliente de seu marido, que o julgava um velho desonesto.

Na manhã seguinte, Glenda mal acabara de tomar seu café e Lucie já estava ao telefone, com um relatório completo.

— Querida, está sentada? Nosso Conrad Landry é um legítimo dom-juan! Meus informantes disseram que foi envolvido num enorme escândalo, há dez anos, quando deixou esta cidade.

— Nosso Conrad Landry?! Até onde sei, ele está apenas contratando a Companhia de Construções Halliday para a execução de um projeto.

— Dizem que ele foi a revelação da indústria de computadores quando tinha somente vinte e dois anos. Com um simples diploma de engenheiro, expandiu sua empresa

com tamanho talento que antes mesmo de chegar aos trinta estava multimilionário!

— Pelas informações que obtive nos bancos, ainda está em ótima situação financeira. Mas, e quanto ao escândalo?

— Envolveu-se com a esposa de um político famoso, um ex-candidato à presidência dos Estados Unidos. Para encurtar a conversa, o tal político contratou alguém para matar o nosso amigo e quem acabou no hospital foi o assassino. O caso chegou aos tribunais e na última hora a mulher simplesmente mudou de idéia, para não prejudicar a candidatura do marido. Sabe como são essas coisas, não é? Conrad Landry foi absolvido, mas sua imagem ficou bastante prejudicada.

Do outro lado da linha, Glenda ouvia o caso com ar grave e pensativo.

— Descobriu também por que a herança foi legada a ele?

— Claro que sim. Esta é a parte mais intrigante da história. O tal Vernon Sewall, único filho da outra Prendergast, é executivo de salário médio numa companhia de seguros e sempre invejou o talento e a sorte do primo magnata. Cometeu o erro de tentar envolver o avô num processo de incompetência senil, ao

perceber que a mansão e as terras do velho eram suas únicas chances de fortuna e sucesso. Obviamente o avô nunca o perdoou por isso e assim decidiu escrever um testamento em que nomeou Conrad Landry seu herdeiro universal, condicionando a herança à volta do neto num prazo de três meses. Assim, somente no caso de ele não voltar, Vernon herdaria a mansão e as terras.

— Bem, de tudo isso a parte que me interessa é que Conrad Landry tem uma boa ficha de crédito.

— Olhe, depois não diga que não a avisei. Pelo que ouvi, o rapaz é um conquistador irresponsável.

— De que tem medo, afinal? Para mim isto é apenas trabalho, nada mais. Agora me deixe desligar, estou com pressa. Prometi estar na mansão antes do meio-dia.

Enquanto se preparava para sair, Glenda ainda teve que ouvir toda a ladainha de recriminações que o sr. Halliday não se cansava de repetir. Tinha tomado todas as providências para que ele ficasse cercado das atenções da viúva Brewster, a qual parecia radiante por estar sendo útil novamente. Mas o homem tinha a expressão de um marido

prestes a ser abandonado após trinta anos de casamento.

Com a cabeça entre as mãos simulara uma dor terrível, recusara-se a tomar o café da manhã e fizera todo tipo de chantagem emocional. A pobre sra. Brewster tentava consolá-lo, descrevendo as maravilhas que era capaz de criar na cozinha, mas o sr. Halliday simplesmente a ignorava, afundando-se cada vez mais em sua cadeira de rodas.

Glenda estivera a ponto de desistir quando a amável senhora entregou-lhe a mala e disse:

— Está na hora, querida. Quanto mais tempo ficar aqui, mais esse velho teimoso vai reclamar. Deixe que eu cuido dele.

A moça aproximou-se do pai e beijou-o no rosto, com carinho quase maternal.

— Se precisar de mim, sabe como me encontrar. Em uma hora estarei a seu lado.

Durante todo o trajeto, não deixara um só minuto de pensar no velho. Chegou à Mansão Prendergast pouco antes do meio-dia.

A caminho da mansão, imaginava um meio de reconstituir a parede daquele quarto sem precisar cobrir o orifício que a bala de canhão fizera. Tinha esperanças de que algum

dia a propriedade viesse a fazer parte do patrimônio histórico da cidade. Aquela parede era parte relevante do passado.

Um homem enorme, de feições orientais, trazendo uma tesoura de jardinagem numa das mãos, surgiu em silêncio. Ele atravessou o caminho de Glenda, arrancando-a de seus pensamentos de forma brusca.

— O senhor é por acaso... o jardineiro do sr. Landry?

O homem curvou-se em reverência e desapareceu de vista. Lá dentro, ouvia-se o movimento da equipe de limpeza que Glenda havia contratado para retirar dos quartos toda a mobília estragada, colocando-a no estábulo. Mais tarde decidiria que peças mereciam ser restauradas e aproveitadas.

Sob a orientação de Barnaby, outro grupo retirava os carpetes, tapetes, passadeiras, quadros e gravuras, enquanto Annie fazia o mesmo com os trilhos e cortinas.

Conrad Landry e Fayette deviam estar na biblioteca; suas vozes vinham daquela direção. Glenda seguiu até lá e observou por alguns segundos o belo perfil do novo proprietário, debruçado sobre alguns livros.

Por trás dele, quase lhe roçando o rosto,

os cabelos bem-arrumados. Muito elegante em seu vestido de *voil* estampado e exalando um perfume francês, Fayette apontava sobre a página envelhecida que examinavam com visível interesse.

Diante daquela exibição de feminilidade, Glenda sentiu-se como um garoto.

— Com licença, sr. Landry. Queria que soubesse que já cheguei.

Levantando os olhos do livro, ele a encarou para depois ir descendo devagar o olhar até a altura dos quadris que o jeans realçava.

Ela começava a sentir-se perturbada quando o atrevido abriu um sorriso provocante e disse:

— Prefiro que me chame de Conrad. Você se importa de me dizer o seu nome?

— Clorinda Glenda Halliday. Mas todos me conhecem por Glenda.

— Clorinda... o nome da heroína de Tasso, o poeta italiano. Se não me engano era uma donzela que gostava de bravos militares.

Glenda olhou-o, intrigada. Ele não parecia ser o tipo de pessoa que apreciava a leitura de poesia.

— Bem, esse é um nome muito popular

em minha família.

Fayette fez-se notar, em tom de provocação:

— Boa tarde, srta. Halliday.

— Como vai?

Glenda já não fazia questão de ser educada com aquela mulher, que não lhe inspirava confiança. Dirigiu-se a Conrad, demonstrando vontade de retirar-se logo dali.

— Posso saber qual vai ser o meu quarto?

— Escolha o que lhe agradar mais, mas antes de sair diga uma coisa: a Clorinda de hoje também gosta de militares heróicos?

— Estou mais interessada em começar a trabalhar. Com licença.

— Não, um momento. Poderia me dar ao menos o privilégio de representar o lacaio, como nos velhos tempos? Vamos, me dê a sua valise.

No meio da escadaria ela teve que se desviar do velho Barnaby, que vinha na direção contrária resmungando algo sobre como os operários de hoje eram preguiçosos. Logo atrás, vinha Conrad, e Glenda continuava achando que ele se divertia à sua custa.

— Sr. Landry... perdão, Conrad, não me oponho ao fato de dispensarmos certas

formalidades, mas gostaria de ser tratada como uma profissional. Ou melhor, como um profissional...

— Se você fosse um homem, eu provavelmente a convidaria para pescar ou para tomar uma cerveja no bar. O que acha da idéia?

O velho sorriso instalara-se mais uma vez, mas ela resolveu entrar na brincadeira.

— Claro. Sempre que tiver tempo.

Dessa vez foi ele que ficou sem graça.

— Venha ver o que uma boa limpeza pode fazer por um quarto destroçado.

Glenda o acompanhou, curiosa. O Quarto Verde estava agora quase habitável. Os tapetes empoeirados haviam sido removidos, assim como o papel de parede e os cacos de vidros.

As janelas abertas pareciam a moldura de um quadro vivo; mostravam o rio silencioso, o verde da floresta ao longe, o céu límpido e luminoso. Uma brisa suave preenchia o espaço vazio.

Glenda corria os olhos pelas paredes nuas e pelo mármore da lareira, milagrosamente intacto. A despeito da luz suave e do ar fresco da tarde, sentiu-se tomada de uma tristeza indescritível. Ao seu lado,

Conrad estava sério pela primeira vez.

— Você também sente, não é? Uma espécie de perda.. . O que pode ser isso?

— Há sempre uma aparência de abandono num quarto vazio...

— Gostaria de saber o que aconteceu aqui. Talvez explicasse por que me sinto mais vazio do que ele. Acabo de verificar o catálogo da biblioteca, onde foram registrados dois volumes sobre a história da família, mas não pude encontrar o primeiro. Talvez esteja no quarto de meu avô.

— Sim, é possível.

Glenda sentiu-se distante, como que enfeitiçada. Era como se uma cena trágica tivesse acabado de acontecer ali e não restasse ninguém para contar a história.

— Jante comigo esta noite, para que possamos discutir melhor os planos de restauração.

A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que não trouxera nada além de jeans e camisetas. A segunda... seu conceito sobre aquele seu cliente estava começando a mudar.

CAPÍTULO VI

Pensando no que o pai diria ao vê-la vestida em seu "jeans de festa", como ele costumava comentar, Glenda soltou os longos cabelos loiros que caíram como uma cascata, lindos e brilhantes. Era a única coisa que brilhava em seu "traje de gala". Estava pronta.

Às sete em ponto entrou no salão. Conrad a esperava, curvado sobre a janela, admirando o gramado extenso como um tapete, que ia da casa até a beira do rio.

Ao perceber que ela chegara, voltou o rosto sobre os ombros largos, virando-se em seguida para mostrar aquele peito escandalosamente bronzeado que realçava o azul-claro da camisa de seda pura. Era difícil encarar aqueles olhos negros, que reluziam sensualmente, aquela expressão sarcástica e o ar seguro de quem sabia o efeito que causava nas mulheres.

Glenda ainda não definia bem a que tipo de êxtase o homem a levava. Desviando a atenção da figura morena, notou as rosas frescas sobre a mesa posta de forma exótica, de fino gosto; a luz dourada dos candelabros

refletia-se sobre os cristais delicados. Uma garrafa de champanhe repousava num balde de prata. Um cenário perfeito para um romance, não para um jantar de negócios.

— O crepúsculo é a minha hora preferida. Uma pequena pausa entre o dia e a noite.

Conrad a olhava como se captasse o efeito que cada palavra sua exercia e como se essa fosse a coisa mais importante do mundo.

Ela pensou que devia ter trazido um bloco de anotações e uma caneta, algo que quebrasse o encantamento. Desse jeito, Conrad acabaria por notar sua perturbação.

— Já relacionei todas as ordens de compra. Amanhã mesmo falarei com os fornecedores para estabelecermos uma programação das entregas.

Ele apenas assentiu e caminhou até a mesa; puxou uma cadeira convidando-a a sentar-se. Ao empurrá-la de volta ao lugar, a mão forte roçou-lhe o braço, fazendo-a sentir uma espécie de frêmito.

— Ouça, vamos relaxar e tirar o máximo proveito das delícias que mestre Tanaki preparou. Depois falaremos do projeto.

— Pensei que ele fosse seu jardineiro. Nós nos encontramos hoje...

— Mestre Tanaki é um grande amigo, mas gosta de jardinagem e é especialista em arte culinária. — Glenda sorriu.

— Vai nos acompanhar no jantar?

— Não, ele prefere comer sozinho. Deve ter ligação com algum ritual, suponho. Ele a assustou?

Glenda lembrou-se da súbita aparição do oriental, naquela tarde. Ainda se perguntava como um homem daquele tamanho era capaz de caminhar sem fazer um só ruído!

— Deve ser delicioso vê-la amedrontada.

— Por que diz isso?

Ela abriu o guardanapo sobre o colo, enquanto recusava a taça de champanhe que lhe era oferecida.

— Você nunca sai da defensiva? Pelo modo como se veste e por suas reações, parece que não. Posso compreender; mulheres que abraçam carreiras essencialmente masculinas devem sofrer as mais diversas cantadas. Costuma ser muito assediada?

— Não, hoje em dia não. Agora eu sou a chefe.

— A mais linda e sensual mandachuva que já conheci.

— Isto me soa como mais uma cantada e,

se quer saber, não acho este ambiente apropriado para discutirmos negócios.

Ele molhou os lábios no champanhe francês.

— Não vejo mal em sermos um pouco sofisticados. Que diferença faz? Por que faz questão de se comportar como uma...

Foi interrompido pela entrada de mestre Tanaki, resplandecente em seu quimono de seda vermelha. Trazia uma bandeja de prata apoiada sobre o antebraço, de onde um aroma exótico era exalado. Curvou-se ante Glenda e dirigiu-se a Conrad, falando em japonês.

Glenda não conhecia a cozinha japonesa, mas os pratos mostravam-se apetitosos. O mestre serviu-os com rapidez e eficiência e desapareceu.

— Estava me dizendo que me comporto como uma...

— ... uma mandachuva. Perdão, talvez não devesse dizer isso, mas acho que gostaria de ter outro tipo de relacionamento com você.

— O quê?

— Desculpe-me. Não precisa ficar tão ofendida.

Glenda concentrou-se nas saborosas costeletas que tinha à sua frente.

Estava faminta, mas não podia deixá-lo sem uma resposta à altura:

— Lembre-se de que está falando com uma provinciana. Não sou o tipo de mulher que finge interesse a cada elogio que lhe é dispensado. Nem mesmo para garantir um contrato, embora admita que a Companhia de Construções Halliday esteja dependendo muito dele.

— O contrato é seu, seja qual for o nível do nosso relacionamento.

— Ótimo. Agora que tal me dizer como resolveremos a nova decoração do quarto de seu avô? Precisa me dizer se vamos cobrir aquele buraco.

Dessa vez ele foi direto e conciso.

— Não vamos tocar naquele quarto por enquanto.

— Mas, e se precisarmos trabalhar no telhado? Aquela parede não oferece muita segurança, .sabe disso.

Aproximando mais o rosto do dela, Conrad mudou de assunto:

— Você nem tocou no champanhe.

— Quero manter a cabeça fria para quando decidir tratar do motivo que me trouxe até aqui.

Como se tosse o gênio da lâmpada, o gigante oriental surgiu ao seu lado, substituindo os pratos vazios por outros cujo conteúdo recendia a amêndoas doces.

Ambos dedicaram-se a degustar a delícia de sabor delicado em silêncio, por alguns segundos.

— Não sente um prazer quase sensual em experimentar essa maravilha?

Glenda enrubesceu e, furiosa consigo mesma, insistiu:

— Que estilo de mobília gostaria de usar no Quarto Verde? Acho que só a cama poderá ser reaproveitada.

— Tem razão. O que acha mais urgente na restauração ?

— Antes de mais nada deveríamos repor toda a madeira estragada pela umidade e pelos cupins. Depois cuidaríamos do sótão e das paredes exteriores; há muito o que fazer até tratarmos da mobília. Mas pensei que, caso resolva conservar as peças originais, deveríamos nos preocupar em pesquisar os antiquários e isso leva tempo.

— Já reparou que fala demais quando está embaraçada?

— Não estou embaraçada. Já terminamos

o jantar e estou cansada. Ainda tem alguma coisa a me dizer?

— Bem... poderia dizer que você me deixa louco. Nunca imaginei que encontraria alguém tão encantador neste fim de mundo.

Ele levou o champanhe aos lábios devagar. Os dedos longos e morenos contrastavam com o frágil cristal da taça.

— Eu a procurei por todas as partes do mundo e tinha que encontrar justamente aqui. Parece mágica.

— Não acredito em mágicas.

Ele arregalou os olhos, entre sério e divertido.

— Está me dizendo que nunca seremos mais do que as duas partes de um contrato? Ouça, acho que vai ser difícil manter essa distância.

— Ora, eu não disse que não podemos ser bons amigos.

O par de olhos negros aproximou-se do rosto dela, enquanto ele lhe segurava a mão fina e delicada.

— Por que negar a natureza? Sou um homem e você é uma mulher lindíssima. Amizades platônicas estão fora de moda.

— Neste caso ficaremos restritos aos

negócios. Agora, se me der licença...

Glenda levantou-se e Conrad sobressaltou-se.

— Não vá dormir ainda, por favor. Seria interessante que avaliássemos a casa de uma certa distância. Vamos dar uma volta lá fora.

— Acho que esta herança está humanizando os seus hábitos. Você já começa a parecer um provinciano.

— Não se esqueça de que minha mãe nasceu aqui.

Glenda caminhou devagar até a porta da varanda, que dava para os jardins, e deslizou os dedos pelas dobradiças enferrujadas.

Atravessaram juntos o salão em direção à porta da frente e desceram ao pátio frontal, onde o farfalhar das folhas dos carvalhos fazia um grande bem aos ouvidos. A lua crescente emprestava seus raios luminosos às águas do rio, que corriam, vagarosas, rumo ao mar. A promessa de um verão generoso chegava no aroma dos frutos nas árvores.

— Fico imaginando o que Vernon teria feito deste paraíso, se eu não chegasse a tempo.

— Como descobriu as intenções dele?

— Você não acreditaria. — Segurou-lhe o

braço para ajudá-la a saltar um montículo de terra. — Mestre Tanaki leu o meu futuro.

Ela sorriu.

— Ora, vamos!

— Sêrio. Aprendeu com um velho japonês uma maneira diferente de ler o futuro, a sorte ou como quer que chame. Certo dia veio me visitar e disse que um parente meu havia morrido e que eu precisava dar notícias à minha família com urgência.

— Onde você estava?

— No Tibete. Não mantinha contato com o meu povo havia meses, mas ouvi o conselho do mestre e telegrafei ao meu avô. A resposta veio em seguida: ele havia falecido e eu precisava voltar imediatamente à Mansão Prendergast.

— Quem lhe deu a notícia?

— Não sei, mas com certeza não foi Vernon.

— Não teria sido Fayette?

— Talvez. Mas, nesse caso, por que ela não descobriu que Vernon e eu não éramos a mesma pessoa?

— Ele está contestando o testamento, não é?

— Sim, e pode ser que tenha sucesso por

algum tempo, mas perderá na hora certa e já terei gasto um bom dinheiro para restaurar a mansão. Meu pobre avô não nos deixou nenhum dinheiro. Com muita dificuldade conseguiu pagar os impostos e sustentar a amante.

Ele devia estar falando de Fayette Stanhope, claro, mas Glenda decidiu não estender o assunto. Virou-se de frente para a casa.

— Este é o melhor lugar para se ter uma vista perfeita da Mansão Prendergast. Os visitantes deviam chegar de barco e ter uma bela idéia do lugar. Olhe como estes carvalhos foram plantados de forma artística, formando um grande arco. E veja como os balcões de ferro esculpido parecem feitos de renda delicada sob os raios da lua.

Admiraram em silêncio o jogo de sombra e luz sobre a beleza graciosa da construção antiga. Assim, sob o disfarce da noite, pouco apareciam as imperfeições que o tempo causara.

Ambos sabiam-se conscientes da presença um do outro, apesar de contagiados pela atmosfera de paz e solidão. Era como se seus corpos e mentes percorressem uma trilha

de sonho e misticismo.

Resolvida a não permitir que Conrad a surpreendesse assim, desarmada, Glenda acordou-o de seu próprio devaneio.

— Precisamos substituir alguns daqueles balcões. Talvez possa encontrar um bom fornecedor em Nova Orleans.

— Como conseguiu fugir tão depressa dos mais líricos pensamentos para falar em ferro rústico? Será que a minha presença lhe dá medo? — A pergunta era uma armadilha declarada.

— Nem tanto. Não é a primeira vez que fico ao lado de um homem, sabia?

Era melhor dobrar a guarda. Qualquer vacilada poderia ser fatal.

— Por que não esquece só por um momento essa muralha que faz questão de erguer entre nós?

Glenda baixou os olhos, desconcertada, e só depois percebeu que cometera um erro. A luz do luar desenhou seu perfil na tela negra da noite e Conrad sentiu-se tenso e excitado, incapaz de controlar-se.

— Você é linda, Glenda...

Seus braços pousaram nos ombros femininos e deslizaram pelo corpo de forma tão

natural que ela não reagiu e só se deu conta do que estava acontecendo quando o hálito perfumado atingiu-lhe o rosto, morno, carinhoso.

— Aqui, neste mesmo lugar, muitas outras pessoas se conheceram, se amaram e se separaram. Quantas lágrimas regaram este jardim...

Conrad prendeu o rosto de Glenda entre as mãos, com suavidade, e os lábios pousaram sobre os dela como uma brisa quente para em seguida pressioná-los, ávidos.

Foi mais que um beijo. Todas as carícias do passado que aquele lugar guardava reuniram-se naquele instante antes que ele a afastasse, como se despertasse de um sonho de infinito prazer.

— Perdão, eu me deixei levar pela magia deste lugar.

Glenda respondeu em voz baixa entre surpresa e desapontada:

— Boa noite. — E dirigiu-se à mansão rapidamente como se flutuasse pelo jardim.

CAPÍTULO VII

Glenda segurou com força o peso de papel, resistindo ao desejo de atirá-lo contra a parede.

Depois de uma breve pausa, com a fisionomia crispada, respondeu ao telefone:

— Droga, eu sei que fez isso de propósito, Tom! Garanto que não precisava daquele tipo de mármore nas suas construções modernas. Vai atrasar o meu trabalho e sabe muito bem disso.

— Não é verdade, querida. Estou trabalhando em um novo projeto e realmente preciso daquele mármore. Mas 'posso cedê-lo a você, se faz tanta questão. Só que vou querer algo em troca.

— Muito bem, e o que quer de mim?

— Você sabe. Quero que seja minha mulher, mas por enquanto basta ser meu par na festa da cidade.

— Mas eu não vou ao baile, você sabe disso. Conhece minha opinião sobre essa representação ridícula.

— Mas, desta vez poderá ser interessante, meu bem. Temos um autêntico *yankee* na

cidade para o ato final. Acha que Conrad Landry aceitaria o papel? É simples. Ele só teria que atear fogo em algumas casas e atirar em uns poucos civis inocentes...

— Ele vai atirar é em você, se continuar tentando sabotar nosso trabalho de reforma.

A risada estridente de Tom obrigou-a a afastar o fone do ouvido.

— Deixe disso, amor. Diga que vai comigo ao baile.

— Promete que manda o mármore hoje mesmo?

— Tem minha palavra de honra.

— Não sei se isso vale grande coisa, mas, enfim... Está bem, irei à maldita festa. Isso se eu conseguir entrar num daqueles estúpidos vestidos de cintura marcada. Recuso-me a usar aqueles tolos espartilhos.

— A dona da cinturinha mais fina da cidade? Ora, você não precisa disso.

Glenda esboçou um leve sorriso.

— Até logo, Tom.

Assim que desligou o aparelho deparou com Conrad Landry de pé, encostado no umbral da porta. Pela expressão de seu rosto, ele estivera escutando a conversa desde o início.

— Não concordo com essa absurda troca de favores. Podemos conseguir o material de que precisamos em qualquer outro lugar.

— Meus favores não estão à venda. Apenas aceitei um convite para a festa — dizendo isso tratou de remexer os papéis sobre a mesa, decidida a encerrar o assunto ali mesmo.

Mas ele não estava disposto a desistir.

— Vi a foto do jovem Tom Stuart no jornal, todo fantasiado. É mesmo verdade que pensam em se casar?

— Pergunta inconveniente, não?

— Deve ser interessante a batalha simulada entre os confederados e os *yankees*. Suponho que no final os jovens conduzam as donzelas ao baile de maneira galante.

— Não gosto desse tom de deboche. A cidade inteira dá muito valor à sua história. Muita gente foi morta durante a guerra e eles simplesmente não querem que isso seja esquecido.

— Eis uma das sérias consequências da guerra. Todos fazem questão de guardá-la para sempre na memória, para desprezar os adversários pelo resto de suas vidas. De minha parte, eu lhe peço desculpas por ser filho de

um *yankee*, mas não se esqueça de que minha mãe era filha de um confederado.

— Tom sugeriu que você poderia liderar as tropas da União na festa, já que a Mansão Prendergast foi usada como posto de comando.

Glenda constatou, com surpresa, que ele sorriu animado ao ouvi-la.

— Ótima idéia!

— Você aceita?

— Claro, mas com uma condição. Quero participar também do baile.

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Por que não? Direi a Tom que você concordou. A família dele é responsável pela organização da festa.

Mestre Tanaki apareceu nesse instante. Ele e Conrad trocaram algumas palavras em japonês e o oriental afastou-se em seguida.

Glenda o acompanhou com o olhar, intrigada, comentando em seguida:

— Não entendo por que ele insiste em falar em japonês, se domina o inglês com perfeição!

— Mestre Tanaki acha o inglês uma língua monótona. Prefere a dele por ser mais musical. Viajamos o mundo inteiro e nos tornamos grandes amigos Não vejo razão para

contrariá-lo, já que conheço bem o idioma japonês.

Glenda calou-se, indagando-se se a febre de viajar não tomaria conta daquele homem outra vez. Ainda não sabia bem por que, mas o fato de a Mansão Prendergast correr o risco de parar em mãos estranhas a incomodava de forma dolorosa.

Um raio de sol atravessava o quarto, obrigando-a a cerrar os olhos.

— Por que finge não perceber que estou olhando para você? Será que nunca vai deixar essa máscara de mulher insensível? Sinto que por trás dela há um ser romântico e apaixonado.

Ela o encarou.

— Acha mesmo? Então me deixe dizer o que penso de você. Sinto que usa as mulheres que encontra em seu caminho até elas não lhe interessarem mais. Daí, parte para um novo país, uma nova aventura.

— Foi isso que concluiu depois de apenas dois dias de convivência?

— Sua reputação não é das melhores.

No momento seguinte ela arrependeu-se de ter dito aquilo. Não queria envolver Lucie em nenhuma intriga

— Ah, sim, acho que andaram comentando sobre o escândalo de Washington. E daí você resolveu pensar que procedo assim todas as vezes em que termino um caso de amor. Precisa ouvir o meu lado da história. A mulher em questão era uma fútil fantasiosa e inventou um romance a partir de um encontro casual. O marido dela era um pretensioso que se achava no direito de representar todos os papéis de uma só vez: juiz, jurado e carrasco. Eles estavam enganados.

— Mas você deixou o país.

— Ia fazer isso de qualquer maneira. Meus negócios na cidade já estavam resolvidos e eu tinha tomado a decisão de partir dois meses antes do escândalo. Sentia-me desmotivado.

— Então resolveu correr atrás do verdadeiro sentido da vida.

— Talvez.

Fayette chegou naquele instante. Parecia recém-saída das páginas de uma revista de modas, irrepreensível em seu vestido de seda rosa, a maquilagem e os cabelos per feitos, como se acabasse de chegar do salão de beleza. Dirigia aquele sorriso entusiasmado de sempre para Conrad, mal disfarçando o interesse que

a jovialidade do rapaz lhe despertava, após o longo romance com o velho Prendergast.

— Acabei de examinar todos os livros da biblioteca. O primeiro volume da história de sua família não está entre eles, posso assegurar.

— Obrigado. Também não o encontrei no quarto de meu avô e estou quase acreditando que alguém tenha dado sumiço nele de propósito.

A mulher hesitou por um rápido momento, sem contudo diminuir em um milímetro a extensão de seu sorriso.

— A tarde está linda e ensolarada hoje. Não gostaria de me acompanhar até o terraço para tomarmos um drinque?

Conrad virou-se para Glenda.

— Virá conosco?

Glenda sacudiu as chaves do carro.

— Obrigada, mas preciso dar um pulo na cidade. — E afastou-se sem olhar para trás, imaginando o sorriso da outra expandir-se com ar de vitória.

A neblina era intensa por toda parte, dificultando o reconhecimento dos homens que, em seus uniformes de confederados, corriam como que tomados de pânico. Ela

tentava em vão gritar por socorro ao saltar sobre os corpos banhados em sangue que cobriam todo o gramado, lutando desesperadamente para alcançar a casa e salvar-se dos terríveis *yankees* que a perseguiam. Glenda piscou. Mal acreditava no que via. Ali estavam os móveis, em seus devidos lugares, e seus contornos em nada se pareciam com a atmosfera sinistra que acabara de presenciar.

Então, tivera um pesadelo! Suas pernas ainda tremiam, como se tivesse realmente corrido em busca de abrigo. O ambiente daquela casa, os retratos nas paredes e a festa, tão próxima, eram os motivos daquele sonho aterrorizante.

Melhor levantar-se e caminhar um pouco. Talvez beber um copo de leite morno e ler alguma coisa antes de tentar conciliar o sono.

Sem acender as luzes para não acordar os demais, ela bateu no escuro em busca de um robe. Desceu a escada guiando-se por um fecho de luz que a lua emprestava ao corredor escuro.

A cozinha ficava separada do salão por um pequeno corredor onde havia uma porta, mantida fechada desde os tempos do velho

Prendergast. Esta porta dava para um cômodo conhecido como "santuário". Glenda jamais o vira por dentro, mas naquele dia...

Ao atravessar o salão, notou que a porta do quartinho estava aberta. A sombra de um homem projetava-se na única parede visível do compartimento às escuras, exceto pela luz tênue que vinha da lua, através da persiana de uma janela.

Glenda hesitou, incapaz de obedecer ao impulso de fugir. Seu coração batia, alucinado, quando de repente a silhueta de Conrad desenhou-se, nítida, inconfundível, à sua frente.

Um grito foi sufocado em sua garganta. Ele a encarou, surpreso por um breve momento, para em seguida descer devagar os olhos pelo corpo sensual que o tecido fino e transparente mostrava. Reparou nos seios rijos e ainda tensos pelo medo, na cintura delicada, nos quadris bem-feitos... Era como uma aparição, um sonho tentador.

Glenda, incapaz de mover-se, esperava em silêncio que o minucioso exame terminasse. A emoção a dominava por inteiro e sua excitação a impedia de quebrar o silêncio.

Quando o olhar de Conrad encontrou

outra vez seu rosto, Glenda baixou os olhos rapidamente e só então notou uma espada na mão do rapaz.

Como se adivinhasse a pergunta que viria em seguida, ele apressou-se em dizer:

— Estava tentando derrubar uma caixa da última prateleira, aqui. Pode entrar um minuto para me ajudar? — Ela assentiu, curiosa. A proximidade daquele homem a fazia tremer. — Não consegui dormir e resolvi encontrar aquele primeiro volume da história de minha família. Creio que estou bem perto de encontrá-lo. Venha, eu a levantarei.

Os dedos longos e quentes de Conrad enlaçaram a cintura delgada de Glenda, fazendo-a estremecer. Ela alcançou a caixa entre teias de aranha e pó acumulado.

— Pronto.

Conrad a trouxe de volta ao chão, mas seus dedos permaneceram em torno da cintura de Glenda. Ela ficou parada, de costas para ele, ouvindo-lhe a respiração ofegante, sentindo o hálito morno sobre os ombros e em seguida o toque dos lábios úmidos, ávidos, em sua pele.

Glenda não sentia o peso da caixa que ainda carregava, como já não conseguia sentir

as próprias pernas. Tirou-a de suas mãos com cuidado, como se tivesse medo de acordar, e a colocou sobre uma prateleira mais baixa.

Então as mãos de Conrad apertaram ligeiramente um seio de Glenda, escorregando ágeis sobre o mamilo retesado, como o volume que ela sentia contra as nádegas, quase a romper o tecido vaporoso do robe para lhe tocar a pele macia.

De repente, como se levasse uma bofetada, Conrad soltou-a, afastando-se dela.

Sua voz soou embargada:

— Desculpe-me, estou me comportando como um adolescente que ainda não sabe se dominar. — Ele a pegou pelos ombros, virando-a e fixando-lhe os olhos. — Não está zangada comigo, está? — Ela o olhou, incapaz de afastar-se, sem saber o que dizer. Fez menção de sair. — Por favor, não fuja. Deixe-me explicar... Acho que foi esse robe, eu nunca a vi sem aquele jeans...

— Tudo bem, a culpa é minha. Pensei que fosse a única pessoa acordada na casa e não havia necessidade de trocar de roupa. Tive um pesadelo com os *yankees*.

— Não acha que essa velha mansão retém a energia, o clima passional de sua história?

— Eu não sei...

Sob a cumplicidade protetora da penumbra, ele tornou a enlaçar a cintura de Glenda, trazendo-a para si.

— E se eu fosse um *yankee* e você a filha virgem de um confederado? E se eu ameaçasse violentá-la?

— Acho que tentaria matá-lo, para preservar a minha honra.

— Acha? Então não tem certeza? E se eu a beijasse antes, para ajudá-la a se decidir entre atirar em mim e perder a honra?

Ele acariciava o corpo esguio de Glenda com uma das mãos, enquanto a outra trazia-lhe o rosto cada vez mais para perto.

Primeiro tocou-lhe as faces com os lábios, levemente. Depois os olhos, a testa, o nariz, tentando envolvê-la num clima de sonho e lassidão.

Depois, apertou-a mais contra si e os lábios molhados alcançaram-lhe a boca com suavidade, os pelos do bigode roçando sua pele devagar, devagar...

Num flagrante de lucidez, ela pensou que Conrad poderia estar fingindo, tentando mais uma conquista, e quis fugir dali antes que fosse tarde demais.

Mas era tarde demais! Os lábios de Conrad pressionaram os seus, incontrolláveis, famintos... Seu abraço tornou-se forte, suas mãos experientes procuravam tirar-lhe a roupa...

Ela sentiu que não podia mais fugir. A paixão a enlouquecia e, enfraquecida, deixou a inibição de lado. Procurou com as mãos o sexo de Conrad, que ressaltava sob a calça do pijama de seda. Isso fez com que ele explodisse em gemidos excitados.

No instante seguinte estavam nus, ali mesmo sobre o chão, esquecidos de tudo e de todos. Ele a penetrou com uma delicadeza indizível num homem tomado, louco de desejo. Glenda queria gritar, dizer-lhe que tudo aquilo era novo para ela, que nunca experimentara sensações tão maduras, tão intensas, mas tudo o que conseguia era repetir o nome dele, muitas vezes, tantas vezes, sussurrando junto ao seu ouvido e fazendo-o excitar-se cada vez mais enquanto lhe segurava os quadris com força, como se não quisesse permitir que aquilo acabasse nunca...

Mas acabou.

Glenda segurava a cabeça do homem que acabara de amar, deitado sobre seus seios

nus, como se tivesse medo de acordar de novo, de que tudo aquilo não tivesse passado de um sonho. Suas pernas já não tremiam mais. Mal podia senti-las, estavam dormentes, relaxadas.

Ela jamais poderia esquecer aqueles momentos, em que se sentira viva como nunca. E tampouco queria esquecer.

Glenda o desejava. Conrad a desejava. Isso era definitivo.

De repente ele desvencilhou-se dos braços macios e abriu os olhos devagar, com um sorriso, exausto e realizado.

— Quero que me perdoe. Não sei onde estava com a cabeça.

CAPÍTULO VIII

No dia seguinte, bem cedo, Glenda tomou seu café da manhã na copa, servido por Annie, a arrumadeira sempre sorridente.

Enquanto observava distraída, os passos da empregada, repassava na memória aquela noite inesquecível, de vez em quando estremecendo ao reviver uma outra sensação mais forte.

Estava disposta a evitar encontrar Conrad durante algum tempo, pelo menos naquele dia. Ainda não observara bem o desfecho daquela madrugada: sonho e pesadelo andavam juntos.

Trancou-se no escritório improvisado e começou a planejar as ligações que teria que fazer naquele dia. Primeiro o encarregado da restauração do telhado. Ameaçava chover e isso não era propício para aquele tipo de trabalho.

Mal começara a tomar notas quando o telefone tocou.

A voz de seu pai do outro lado da linha soava eufórica:

— Filha, você nem vai acreditar! Temos

dois novos negócios em perspectiva! Acho que a notícia de que estamos reformando a Mansão Prendergast já se espalhou por aí!

— Que ótimo! Quando vai se encontrar com os clientes?

— Eu?! Quero que você venha aqui agora mesmo. Diga ao *yankee* que não está mais à disposição dele vinte e quatro horas por dia e venha já! Você pode controlar as obras daqui mesmo.

— Está certo, papai. Estarei aí em uma hora, está bem?

Dois novos chamados em apenas um dia era demais. A sorte dos Halliday começava a mudar.

Glenda desceu á escada, apressada, encontrando-se com Fayette.

— Bom dia, sra. Stanhope. Preciso ir até o escritório da Companhia. Poderia avisar ao sr. Landry que preciso me ausentar por um dia? Nosso trabalho de hoje está mesmo prejudicado pela chuva e...

— Por que está falando tão baixo?

— Não quero acordar os outros.

— Se está se referindo a Conrad, perde seu tempo. Ele passou a noite na biblioteca, lendo mais uma vez a história da família.

Pensa que lá deve haver alguma informação sobre o primeiro volume. Por que não vai pessoalmente explicar-lhe que precisa sair?

Isso significava que Conrad não encontrara o tal livro naquela caixa.

— Sra. Stanhope, prefiro não o incomodar. Importa-se de transmitir-lhe o recado?

Fayette assentiu, com ar de pouco-caso.

Glenda caminhava desanimada sobre o terreno pantanoso, as botas afundando na lama enquanto uma chuva fina caía sobre as poucas árvores, criando uma atmosfera melancólica.

Perdera seu precioso tempo dirigindo até aquele lugar, pois o lote era impróprio para qualquer tipo de construção. Ficava muito próximo aos bancos de areia que se formavam a todo instante naquela margem do rio e, mesmo que a casa fosse construída sobre palafitas, sempre correria o risco de ser atingida pelas enchentes.

Essa era uma chance perdida, mas ainda havia outra.

Enquanto voltava para o carro ouviu o ruído de um motor aproximar-se. Tom Stuart parou seu conversível diante dela e saltou

sobre a porta, sem abri-la.

— Nunca lhe disseram que faz mal andar na chuva?

— Diga-me, Tom, como me descobriu aqui? Ou será que foi você mesmo quem inventou esses dois súbitos negócios da China?

— Calma, benzinho, eu explico. Admito que isso aqui é uma bomba que o dono vem tentando nos convencer a pegar há anos, mas o outro não...

— Então admite que está passando seus restos para nós? Pode ficar com eles, meu caro. Ainda não estamos pedindo esmolas.

— Espere um pouco, mocinha, me dê uma chance de explicar. Não tenho nada a ver com o outro projeto. Só vim aqui para levá-la até a nossa casa.

— Nossa casa?!

— Já tentei tocar no assunto outras vezes, mas você está sempre com tanta pressa! Hoje está chovendo e isto nos dá algum tempo para tratar de nossas vidas. Venha comigo.

Glenda decidiu acompanhá-lo e tomou o caminho da estrada. No caminho, idéias controvertidas passavam por sua cabeça. Gostaria que Tom desistisse dessa história de

casamento de uma vez e ao mesmo tempo sentia medo de assumir sua independência. Por outro lado, a amizade que tinha por ele não lhe parecia suficiente para levá-los ao altar. Havia o pai, também, que tudo faria para vê-los unidos para sempre. Além disso, não podia tomar a decisão de romper com aquele compromisso imposto porque não queria magoar Tom. Conhecía bem a agonia de uma perda e não a desejava para ninguém.

Seguia de cabeça baixa, ouvindo o barulho de seus próprios passos na terra encharcada, quando a voz de Tom interrompeu seus pensamentos:

— Acho que vai gostar de saber o que minha irmã descobriu sobre a Mansão Prendergast e por que Conrad Landry lhe entregou a reforma.

Glenda virou-se para ele, intrigada. Tom apressou-se em dizer:

— Até que enfim se mostra interessada em alguma coisa! Mas não vou dizer nada até chegarmos onde quero.

Ela abriu a porta da caminhonete.

— Vá na frente.

Dez minutos depois; Tom parou em frente a um portão de ferro. Do lado de fora a estrada

era ladeada por fileiras sem fim de magnólias. Glenda observava tudo, sem muito entusiasmo, embora tivesse que admitir que era um belo lugar para se viver.

Uma trilha ligeiramente inclinada levava até a estrutura semi-acabada. Glenda caminhou em direção à casa, seguida pelo rapaz, que não lhe tirava os olhos, ansioso por uma reação favorável. Ela examinava tudo em silêncio, enquanto avaliava o exagero dos cômodos enormes.

Tom mostrou-lhe onde seria a sala de estar, contou-lhe sobre os seis banheiros projetados e em seguida voltaram ao pátio.

— Exatamente neste lugar, no ponto mais alto da cidade, com vista para o rio, havia um canhão no tempo da guerra. Nossos soldados atiravam daqui nos adversários que tentavam navegar rio acima.

— Muito interessante, Tom, mas agora preciso ir. Ainda tenho que tratar do segundo projeto, lembra? E que tal me contar o que soube a respeito de Conrad?

— Ah, já estão íntimos, então! Agora o chama de Conrad!

O rapaz mostrava-se desapontado. Nem uma palavra sobre a casa que estava

construindo...

— Vamos Tom, diga logo.

— Pensei que fôssemos almoçar juntos.

— Tom...

— Está bem, está bem. Lembra-se da primeira vez em que foi consultada a respeito da reforma na mansão?

— Conrad Landry, ou melhor, Vernon Sewall nos escreveu... Ah, não! Antes disso recebemos uma consulta dos advogados do inventário sobre nossa disponibilidade para o trabalho. Respondemos que sim e logo depois fomos informados de que seríamos visitados pelo herdeiro, o que aconteceu dois dias mais tarde.

— Sim, mas os advogados não lhe disseram por que procuraram a Companhia de Construções Halliday e não a Stuart & Son, como seria de se esperar? Pois bem, acontece que o velho Prendergast havia determinado que o trabalho teria que ser entregue a Glenda Halliday. A você, não a seu pai.

— Está louco! Meu pai e eu jamais fomos sequer apresentados ao sr. Prendergast!

— Não, não estou louco. Lucie soube dessa história através da esposa de um dos tais advogados. Isso não é uma invenção,

querida, e se eu fosse você perguntaria a Conrad Landry o porquê dessa exigência.

— Tenho que ir agora, Tom.

Enquanto dirigia o automóvel, Glenda pensava no quanto seria interessante se amasse Tom como ele a amava. Por uma fração de segundo pensou em voltar e desculpar-se pela falta de entusiasmo, mas logo percebeu que isso seria inútil. Não havia como desculpar-se por amá-lo como a um irmão.

O *shopping center* de Dakin Charlebois já fora objeto de estudos do sr. Halliday dois anos antes.

Charlebois era um gigante de cabelos ruivos, voz cavernosa e ar bonachão, que fumava charutos de cheiro forte.

— Tive que pensar muito antes de resolver entregar o trabalho a uma mulher, mas os Stuart não poderiam pegá-lo senão daqui a alguns meses. Acha que poderá começar logo?

— Claro que sim.

Agora Glenda estava certa das verdadeiras intenções de Tom. Ele queria afastá-la da Mansão Prendergast e de Conrad, mas ela iria mostrar-lhe que era capaz de conduzir os dois projetos ao mesmo tempo.

— Dentro de dois ou três dias poderei apresentar as primeiras plantas. Tenho algumas sugestões para tornarmos o *shopping center* bastante atraente. Poderíamos preservar a atmosfera rústica, conservando algumas árvores e acrescentando outras. Sou da opinião de que a construção deve ser adaptada ao terreno e não o terreno à construção.

Charlebois sorria como quem tem certeza de ter tomado uma decisão correta.

— Gosto de suas idéias, moça. Se fizer um bom trabalho eu lhe prometo exclusividade para os meus próximos projetos. Isso significa que terá muito o que fazer pelos próximos dois anos.

Glenda conteve o impulso de pular e gritar como uma garotinha diante do presente ansiado. Aquele complexo comercial tomaria boa parte de seu tempo e isso a afastaria um pouco da Mansão Prendergast, o que não deixava de ser um excelente pretexto.

Tinha consciência de seu interesse exagerado pela mansão e só não sabia se era maior do que o interesse que sentia por Conrad. Não queria iludir-se quanto ao tipo de desejo que despertara naquele homem, acostumado a lidar com as mulheres mais

sofisticadas do mundo.

Não permitiria que ele a visse como mais um passatempo.

Tudo isso passara por sua cabeça enquanto se dirigia ao escritório para contar ao pai a boa nova. Ela o encontrou ansioso.

— Conseguimos!

O sr. Halliday soltou um grito de satisfação:

— Glenda! Sabia que conseguiria.

Ela lançou o orçamento sobre a mesa.

— Verifique estes cálculos, certo? Preciso esboçar alguns desenhos para entregar ao arquiteto amanhã cedo. Voltarei assim que terminar.

— Não me diga que vai para a Mansão Prendergast outra vez...

— Tenho que ir. A obra ficou praticamente parada por causa do mau tempo e amanhã terei que fazer o pessoal acelerar.

— Glenda, preciso de você aqui.

— Volto amanhã à tarde, assim que tiver encaminhado as coisas por lá.

Saiu sem olhar para trás, para não ver a expressão contrariada do pai. Ele precisava reagir, sair daquela dependência absurda, recomeçar a viver. E o trabalho era o melhor

remédio.

As sombras da noite desciam sobre a Mansão Prendergast, quando Glenda estacionou o carro. Não havia ninguém em seu caminho até o quarto.

Teria preferido trocar de roupa e dar um jeito nos cabelos antes de encontrar Conrad.

Porém mal teve tempo de colocar a mão sobre a maçaneta da porta, quando a voz dele fez-se ouvir:

— Até que enfim! Pensei que não viesse mais hoje.

Um pouco surpresa com o tom de censura, ela virou-se.

— Deixei um recado para você. Tive que atender a um chamado.

— Fayette não sabia informar onde você tinha ido, mas, assim que Tom Stuart ligou para cá à sua procura, julguei que fosse encontrá-lo.

— Pedi que o avisassem sobre a minha ida ao escritório. Quanto ao fato de ter visto Tom, isso não vem ao caso. De resto, você é bastante perspicaz para compreender que seria impossível trabalhar no telhado hoje, com toda aquela chuva.

— Pensei que esta obra tivesse

exclusividade.

Glenda percebeu que Conrad tentava aparentar uma calma que estava longe de sentir.

— Este projeto é prioritário, mas isso não significa que devo ficar aqui vinte e quatro horas por dia.

— Eu... , queria lhe pedir desculpas por ontem à noite. Espero que você não tenha sumido daqui por causa disso.

Glenda estremeceu à simples menção da noite anterior. Ainda sentia arrepios de prazer, cada vez que se lembrava daquela boca carnuda sobre seus seios. Desviou os olhos do rosto de Conrad, temendo que ele pudesse ler seus pensamentos.

Recuperando-se do choque, deu-lhe o que imaginava ser uma resposta desconcertante:

— Ora... do que está falando? Não me lembro de nada, exceto de que tive um terrível pesadelo.

Conrad ficou mudo por um breve instante, mas recuperou-se em seguida.

— Ouça, será que seu pai não pode tomar conta do novo projeto?

Glenda baixou os olhos e aproximou-se da escada, passando os dedos de leve sobre a

balaustrada.

— Papai depende de mim e suponho que saiba por quê. E, agora que estou familiarizada com a mansão, não vejo necessidade de morar aqui para conduzir as obras. Posso fazer isso pelo telefone.

Afastou-se um pouco e ouviu Conrad gritar assustado:

— Cuidado! Não encoste aí!

Ela saltou para longe da estrutura de ferro e grande parte da balaustrada caiu sobre o piso inferior, fazendo Um estrondo. Glenda sentou-se nos degraus e suas pernas tremiam de pavor. Permaneceu assim, calada, repassando o incidente que não entendia bem como acontecera.

Ela mesma havia examinado aquela estrutura e constatado que estava em perfeitas condições, ao contrário dos balcões que davam para o jardim.

Conrad sentou-se ao seu lado e segurou-lhe as mãos.

— É melhor avisar o resto do pessoal que não use o corrimão até que se tomem providências para reparar todo esse estrago. Agora entende por que preciso de você por aqui?

— Alguém provocou isto, Conrad, e tenho certeza de que não foi nenhum dos meus empregados. Aqueles parafusos não estavam apenas frouxos, mas completamente soltos. Pode imaginar quem seria capaz de uma coisa dessas? Eu poderia ter despencado daqui de cima e... morrido!

Lembrou-se, nesse instante, do acidente que seu pai sofrera e estremeceu outra vez.

Conrad passou-lhe o braço pelos ombros e apertou-a contra o corpo quente.

— Felizmente conseguimos evitar o pior. Venha, vamos avisar os outros.

Enquanto desciam os degraus, Glenda franziu a testa pensativa. A quem estariam querendo prejudicar, a ela ou a Conrad?

CAPÍTULO IX

No pátio externo da mansão, o sol batia no rosto de Glenda, tornando sua expressão ainda mais zangada. Ela tentava impor autoridade ao motorista do caminhão carregado de tijolos.

— Não se atreva a descarregar este monte de porcarias. Avisei o seu chefe que queria tijolos feitos à mão e ele me prometeu que arranjaria quem os fornecesse. Leve estas sucatas de volta imediatamente e diga a ele que eu mesma me encarrego de encontrar o material de que preciso!

O motorista voltou ao assento do caminhão e deu a volta no pátio, manobrando em direção à saída sem dizer uma só palavra.

Atrás dela, a voz de Conrad soou zombeteira:

— Esta atitude não combina com você. — Glenda virou-se e o encarou, a raiva brilhando em seus olhos. Conrad prosseguiu: — Apesar de seus esforços, você não representa bem o seu papel de manda-chuva. Tem uma aparência muito frágil para o tipo.

— Nessa espécie de negócio, todo mundo

quer bancar o mais esperto. Se eu não tomar cuidado, serei sempre enganada.

— Isso acontece em quase todos os ramos de negócios, meu anjo. De qualquer forma, acho que está coberta de razão quanto aos tijolos.

— Até que enfim concordamos em alguma coisa, não?

Ela caminhou de volta ao interior da casa, seguida por Conrad, que continuou a falar:

— Diga uma coisa: esta é realmente a vida que escolheu?

— No dia em que meu pai tomar consciência de que não está morto e ainda pode trabalhar, então vou fazer o que sonhei.

— Se é isso o que pretende, está no caminho errado. Enquanto teimar em ser o filho que ele não teve estará contribuindo para o adiamento dessa tomada de consciência. Quantos anos você tem? Vinte e cinco, vinte e seis?

— Vinte e sete.

— Não acha que está bem crescidinha para ficar bancando a princesinha do papai? Não pensa em se casar?

— O casamento não é tudo que uma

mulher pode querer da vida, sabia? Os tempos mudaram. Ninguém mais tem vergonha de ficar para titia.

— O casamento ainda é o melhor sistema para quem quer constituir família.

— Então por que não se casou ainda, se defende com tanta veemência sua utilidade?

— Porque eu estava esperando pela mulher certa.

Glenda tentou afastar-se, para fugir daquele olhar intenso e significativo, mas ele a tomou pela cintura e não a deixou ir.

— Sempre tive absoluta certeza de que a reconheceria, na primeira vez em que a visse. — Ela tirou as mãos de Conrad de sua cintura, tentando aparentar indiferença, enquanto ele continuava: — Vê? Não consigo manter minhas mãos longe do seu corpo. Agora, antes que faça aquela carinha zangada e suba a escada correndo, quero convidá-la a fazer uma pequena viagem comigo... de negócios, é claro.

— Que tipo de viagem e para onde?

— Iremos de lancha, rio abaixo, até Natchez, e depois tomaremos um veleiro até Nova Orleans, onde encontraremos a estrutura em ferro batido de que precisamos para restaurar os balcões e aquela maldita

balaustrada.

— Impossível, Conrad. Isso levará no mínimo dois dias. Não posso ficar fora por tanto tempo.

— Ninguém a está pressionando para terminar o trabalho aqui. Na verdade, eu não me importaria se você passasse o resto da vida cuidando desta casa.

Glenda fingiu ignorar a insinuação.

— Muito bem, mas e quanto ao outro projeto do qual lhe falei? Não se esqueça de que preciso cuidar pessoalmente dos dois.

— Nada disso. Seu pai pode muito bem tomar conta da outra obra. É uma ótima oportunidade para obrigá-lo a enxergar que precisa reaprender a se virar sozinho. — Ela o olhou bem nos olhos e percebeu que, por um minuto, Conrad perdera o ar cínico. — É apenas uma viagem de negócios, Glenda, prometo. Gosto da sua companhia; gosto de olhar para você. Acho que passei tanto tempo fora de meu país que quase me esqueci da beleza das mulheres americanas, de sua energia e honestidade. Poderemos cuidar dos negócios, apreciar a viagem, relaxar, clarear as idéias. Vamos, diga que sim.

— Bem...

Na verdade Conrad estava certo. Ela precisava mesmo de uns dias de descanso e seu pai poderia facilmente cuidar da parte preliminar do novo projeto. Além do mais, não via muita chance de poder ausentar-se dali por diante.

Conrad estudava a expressão de Glenda, certo de que ela estava a ponto de aceitar o convite.

— Mal posso esperar para ver como você se divertirá quando deixar de ser a babá de seu pai por uns tempos. Vamos logo, antes que mude de idéia!

Glenda observava o perfil de Conrad exposto ao sol, em contraste com a paisagem rústica às margens do rio. Fazia tempo que não experimentava aquela paz e ele parecia sentir o mesmo.

Ao avistar a graciosa e antiga cidade de Natchez, Glenda deixou de lado as preocupações e começou a entusiasmar-se. Estava certa de que a pequena viagem lhe faria bem. Havia muito tempo que sua vida transformara-se num eterno corre-corre.

Conrad quebrou o silêncio, dirigindo-lhe uma pergunta inconveniente:

— Diga, pretende mesmo prosseguir com

essa idéia absurda de se casar com Tom Stuart?

— Por que se interessa por isso?

— Talvez porque tenha a intenção de roubá-la e queria conhecer os riscos que terei de enfrentar.

Lá estava o velho ar de cinismo...

— Detesto esse tipo de jogo.

— Mas não é um jogo! Por que não me diz se tenho alguma chance nessa disputa?

— Conrad, você não me engana com este seu ar de santo. E, se quer mesmo saber, não tenho a menor intenção de me envolver seriamente com quem quer que seja no momento.

— Pode-se saber quando pretende se envolver, então?

— Não faço a menor idéia. Mas, para ser honesta, algum dia eu e Tom provavelmente nos casaremos.

— Esta é uma maneira muito prosaica de me desiludir. Além disso, não acho que esteja muito entusiasmada com a idéia.

Ela sentiu a raiva apoderar-se de seu sangue e não pôde conter o tom exageradamente contrito com que dispersou seu protesto:

— Conrad Landry, o que aconteceu entre nós não lhe dá o direito de avaliar os meus sentimentos. Você não conhece Tom e portanto não pode adivinhar o tipo de vida que ele poderá me proporcionar. — Parou de falar por um instante, para recuperar o fôlego, e depois prosseguiu: — E, já que estamos falando em Tom, ele andou me dizendo coisas muito estranhas a respeito da minha contratação para o serviço de reforma da Mansão Prendergast. Um dos advogados do inventário de seu avô parece ter falado mais do que devia.

— É, acho que eu já deveria ter falado a respeito. Meu avô exigiu que fosse você a encarregada da reforma.

— Então é mesmo verdade?

— É a pura verdade.

— Mas eu nem o conheci! Lembro-me apenas de tê-lo visto algumas vezes na festa da cidade, há alguns anos, mas jamais nos falamos. Nem mesmo nos cumprimentamos.

— Parece que sua tataravó, que também se chamava Clorinda, foi, como se dizia antigamente, prometida ao primeiro coronel Conrad Prendergast... Mas se casou com outro após a derrubada de Vicksburg. Não sabia dessa história?

— Não, nunca me falaram nela...

— Acho que sua família não deu tanta importância ao episódio quanto a minha, sei lá. Mas posso garantir que meu avô sabia tudo a seu respeito, moça. De acordo com o testamento, o velho tinha alguma noção romântica de que a primeira Clorinda havia salvo a Mansão Prendergast de um incêndio provocado pelas tropas inimigas e de que por isso deveria ser você a encarregada da restauração. Pelo menos esta foi a interpretação que dei ao fato.

— Pela maneira como fala parece que não acredita muito nessa história, não é mesmo?

— Parece muito dramática para ser verdadeira, não acha? Mas, se encontrarmos o primeiro volume da história da família, saberemos o que existe de real nisso tudo e quem sabe descobriremos que somos descendentes de duas pessoas que viveram um bonito romance.

— Não vejo no que isso poderia me interessar.

Glenda estava mentindo. Já ouvira muitas histórias a respeito de situações do passado que se repetiam nas gerações seguintes, e de certo modo respeitava esse tipo

de coincidência.

Além do mais, aquele passeio parecia feito sob medida para transportar ao passado. Não havia ninguém ao longo da paisagem verdejante e linda, nem fumaça. Nada que lembrasse a civilização. Apenas a densa mata, filha da natureza pura, encantava os olhos e o coração.

Glenda recostou-se na espreguiçadeira, oferecendo o rosto ao sol generoso da manhã. Os dedos de Conrad deslizaram sobre sua barriga, fazendo-a sobressaltar-se.

— Calma. Por que faz tanta questão de ser assim arisca? Para esconder a sua feminilidade?

— Não é nada disso. Deus sabe quantos homens encontrei, desde que comecei a trabalhar. Aprendi a me defender, eis tudo.

— Aprendeu a fugir, é o que quer dizer. Começo a entender por que Tom Stuart continua insistindo em se casar com você. Ele a conhece desde pequena, não é? Quando Glenda Halliday ainda não tinha essas defesas.

Ela levantou-se e desceu até a cabine, mas Conrad a seguiu.

— É assim que costuma agir quando não quer responder a perguntas?

— Também tenho algumas perguntas a fazer, meu caro. Comece por me dizer o que um homem de trinta e poucos anos, bonito, bem-sucedido e acostumado a ter muitas mulheres pode estar querendo com alguém como eu, que só está interessada em levar seu trabalho a sério.

— Sabe, tive mesmo todas as mulheres que quis, mas jamais me interessei por alguém como agora. Desta vez estou convencido de que encontrei a mulher da minha vida, e nada do que você disser vai mudar o que eu sinto.

O pequeno e luxuoso hotel em que se hospedaram, na cidade de Natchez, estava repleto de hóspedes. À luz de velas, no restaurante do andar inferior, casais de todas as idades conversavam em voz baixa.

Glenda e Conrad jantaram quase em silêncio, trocando apenas um ou outro comentário de vez em quando. Um silêncio cúmplice, como se soubesse que nenhuma palavra teria importância naqueles momentos. E, quando ele a deixou à porta do quarto, Glenda esperou ser beijada com aquele fogo que não conseguia esquecer, mas tudo que Conrad fez foi dizer boa-noite, afastando-se a seguir.

Ela encostou-se no batente da porta entreaberta, sentindo-se tola e fútil. Durante todos aqueles anos de trabalho aprendera a colocar os homens sobre um único patamar: o da frieza. Esquecera-se de que havia outros tipos de homens, os de verdade, sensíveis, sinceros, decididos. Só que estes eram raros. Difícil distingui-los. Impossível resistir-lhes.

Conrad Landry era um desses homens.

Quando ele não estava por perto, Glenda sentia-se impaciente, inquieta e só agora se dava conta disso. Ele conseguia captar suas emoções mais profundas.

Na manhã seguinte partiram para Nova Orleans e desta vez iriam tratar mesmo de negócios. Depois disso, não haveria mais passeios de barco, jantares à luz de velas, hotéis... Ela acabara de perder a chance de estar com Conrad mais uma vez, afogada naquele abraço que sabia ser ao mesmo tempo terno e apaixonado... Deixara passar uma chance de fazer amor com o homem que começara a amar não sabia quando, onde... mas sabia quanto!

CAPÍTULO X

Conrad percorria devagar o vasto convés do veleiro *River Queen*, sob um céu repleto de estrelas, prenuncio de mais um lindo dia de sol. A brisa suave trazia conforto, alento para o homem pensativo, preocupado. O som de um antigo *blues* chegava aos seus ouvidos como um bálsamo para o coração inquieto.

Todos os passageiros recusavam-se a dormir, ansiosos por aproveitar cada minuto da viagem. Todos exceto Glenda, que se recolhera à cabine sob o pretexto tolo de que precisava descansar para enfrentar a longa caminhada que lhe reservava o dia seguinte.

Debruçado sobre a amurada, Conrad procurava entender o comportamento estranho da moça. Por que ela sentia tanto medo de se deixar envolver?

Na verdade, nem mesmo conseguia entender seu próprio comportamento. Poderia simplesmente descer até o bar do veleiro e conversar com uma das muitas mulheres que já lhe haviam dirigido vários olhares convidativos. Nunca fora um santo; por isso seu desinteresse só podia ter um motivo:

Glenda era tudo o que queria no mundo. E mais: estava certo de que não lhe era indiferente.

Se naquele instante fosse até a cabine onde ela descansava e lhe dissesse que a amava, Glenda não resistiria. Então, por que não seguia esse impulso?

Conrad não acreditava em mulheres que separavam as relações físicas das emocionais. Seria este o motivo?

O rosto dela desenhara-se em seu pensamento; aquele rosto delicado, de traços perfeitos, a pele agora ligeiramente bronzeada formando um esplêndido contraste com os olhos de um azul tão puro que às vezes deixavam transparecer as cores de sua alma. Aqueles olhos sinceros, que não sabiam mentir e que lhe haviam dito na noite anterior que ela também o desejava.

Mas a vida daquela mulher tão linda perdia-se entre os apelos do pai inválido, que acabariam por fazê-la casar-se com Tom Stuart, abdicando do direito de ser uma pessoa inteira, feliz.

Certa vez, uma mulher com quem tivera um romance relâmpago dissera-lhe que todas deveriam ter um homem como ele guardado

em algum canto da memória. Assim, quando a beleza se fosse com os anos, e o marido e a casa cheia de filhos lembrassem um poço vazio, elas poderiam remexer naquele canto, soprar a poeira e rever o dia em que foram desejadas por alguém tão excitante...

O problema era que Conrad queria ser mais que uma simples lembrança para Glenda. Não gostaria de ser apenas mais uma fotografia pálida no álbum de seu passado, depois que se casasse com Tom.

Não, dessa vez ele não fugiria, como fizera toda sua vida. Dessa vez não era somente um caso.

Alguns casais à sua volta começavam a retirar-se, abraçados, as silhuetas fundindo-se entre beijos e carícias ousadas.

Ele estava só. Sempre estaria só. Sempre estivera só.

Nos tempos da escola jamais conseguira fazer parte das turminhas. Sua cabeça andara sempre em outras coisas, diferente dos colegas de sua idade. Era obcecado por ganhar dinheiro, ser o primeiro, o melhor, o mais importante e muito tempo se passou antes que fosse capaz de descobrir a origem desse problema.

Seu pai, um homem sem berço e sem fortuna, casara-se pensando estar dando o golpe do baú, impressionado com a Mansão Prendergast e com o ar nobre da família da noiva.

Mas logo descobriu que cometera um erro e pagou caro pela travessura, pois apaixonara-se perdidamente pela esposa e passou a vida tentando convencê-la disso, sem conseguir. Foram muito infelizes.

Conrad crescera acreditando que o dinheiro devolveria a felicidade à sua mãe, reconciliando-a com os pais, de quem se afastara por terem sido contra seu casamento. Jurara repetidas vezes que um dia seria rico e cumpriu sua promessa.

Em vão. A mãe, que passara todos os seus dias acusando o marido de caça-dotes, percebera afinal que sucesso e riqueza não substituíam o amor, e continuou infeliz até morrer.

Talvez fosse este o motivo de sua atração por Glenda. Ela era uma moça simples, cujo único interesse financeiro restringia-se ao pagamento das dívidas do pai. Seu caráter e sua franqueza estavam escritos na testa, refletidos em seus olhos.

Sim, ele cederia aos encantos de Glenda, faria o seu jogo. Iria até o quarto dela dizer que aceitava qualquer coisa, qualquer imposição, em troca de seu amor.

Mas ninguém respondeu, quando bateu à porta.

Do lado de fora da cabine de Conrad, Glenda sentiu-se uma idiota quando um camareiro a surpreendeu. Ele sorriu com ar solícito.

— O sr. Landry está lá em cima, no convés. Eu o vi não faz cinco minutos.

Ela fez que sim com a cabeça e afastou-se, envergonhada, sem saber por quê. Aquele camareiro a salvara de um vexame. Claro que a garrafa de champanhe que trazia sobre a bandeja devia ser para Conrad e uma possível acompanhante. Já percebera como as mulheres o perseguiram com olhares e sorrisos insinuantes. Muita pretensão sua julgar que ele estaria sozinho, triste e abandonado.

Na manhã seguinte, mal chegaram à Nova Orleans, dirigiram-se às fábricas em busca das estruturas que substituiriam os balcões da Mansão Prendergast.

Estavam a ponto de desanimar quando encontraram um artesão que lhes prometeu

recriar o desenho das antigas armações. Glenda comprou algumas outras peças importantes para a reforma e ao meio-dia a parte comercial da viagem estava terminada.

Conrad falou-lhe de seu interesse em visitar o Bairro Francês, a Cidade Jardim, e ela assentiu.

Tomaram um bonde e rodaram pela cidade, encantando-se com a graça das pequenas residências e com os jardins bem cuidados e planejados.

No Bairro Francês, de arquitetura à antiga, admiraram as linhas harmoniosas das sacadas em quase todas as casas. Numa das esquinas sentiram o cheiro delicioso de pão recém-saído do forno, vindo de uma confeitaria toda cor-de-rosa, como um enorme bolo decorado.

— Estou morrendo de fome. Quero ostras, lagostas e camarões. Depois decidiremos onde e o que almoçar.

Esquecida por completo da decepção que ele lhe causara na noite anterior, Glenda não pôde conter uma gargalhada. Conrad parecia uma criança em dia de festa.

Após o almoço à base de frutos do mar, regado a vinho branco, uma carruagem os

levou até a praça Jackson, onde passaram a tarde ao ar livre, admirando o trabalho dos artistas e visitando o pitoresco comércio do lugar.

Mais tarde, exaustos da caminhada, sentaram-se à mesa de uma graciosa casa de chá. Conrad ostentava um ar satisfeito e Glenda o observava em silêncio.

— Você nem pode imaginar como essa viagem me faz bem. A maneira como o povo daqui preserva sua cultura restaura a minha fé no futuro da humanidade.

Glenda terminou seu café e recostou-se no espaldar da poltrona de vime.

— Você não está parecendo o cínico que eu conheço. O que está acontecendo? Seus valores estão mudando?

— Dizem que os cínicos são idealistas desiludidos. Bem, no meu caso acho que consegui tudo o que queria cedo demais e fiquei esperando a felicidade chegar, como se ela só dependesse de dinheiro e posição. Na verdade só é feliz quem se relaciona bem com as pessoas e não tenho tido muito sucesso neste setor. Dizem que sou frio e que penso mais em tomar do que em dar. Você também pensa assim?

— Conheço-o há muito pouco tempo para dar minha opinião, mas posso dizer que tem qualidades e defeitos, como todo mundo.

Um vendedor ambulante acercou-se deles nesse momento, oferecendo amuletos. Conrad surpreendeu-a ao adquirir uma pequena boneca vestida de bruxa.

— Espero que não seja para mim. Não sou nada supersticiosa.

— É para mim. Pretendo usá-la para conquistar você.

Glenda sorriu, divertida.

— Cínico.

Ela sentia-se completamente à vontade na companhia de Conrad. Quem os visse assim, soltos e brincalhões, haveria de pensar que eram namorados, talvez um casal em lua-de-mel. Nenhum dos dois conseguia disfarçar a emoção que crescia a cada instante.

Glenda sentia-se observada, analisada, apreciada, mas deixara-se descontrair pela simplicidade de Conrad.

— Dê uma olhada naquele hotel. Não parece aconchegante, como um daqueles albergues dos contos de fadas?

O hotelzinho era branco e tinha pequenas sacadas cheias de flores de todas as cores.

Glenda nada respondeu. Limitou-se a parar diante do prédio, olhando-o enternecida.

— Poderíamos entrar e perguntar se têm dois apartamentos para passarmos a noite.

— Mas precisamos voltar...

— Poderemos retornar amanhã.

— Oh, não, Conrad. Preciso ajudar meu pai com o novo projeto, já se esqueceu?

— Podemos telefonar a ele, avisando. Depois jantamos, ouvimos música... Quem sabe você aceitaria um convite para dançar?

— Não, acho que não.

— Você não acha nada. Vamos, diga que sim. Há quanto tempo não tira férias ou mesmo uns dias de folga, hein?

Ele apoiou as mãos nos ombros de Glenda, deslizando-as por seu braço e apertando-lhe com força as mãos. Ela o olhou indecisa entre o dever e o desejo.

Aqueles dois dias, apesar de tudo, haviam sido os melhores de sua vida. Então, por que não os prolongar?

— Muito bem, vamos lá.

Glenda pensou que ainda tinha chance de recuar; o hotel poderia estar cheio. Mas suas esperanças não duraram muito, pois o dono os atendeu e deu-lhes a chave da única

suíte vaga. Tinha dois dormitórios separados, dois banheiros e uma sala de estar. Tudo o que os separava eram duas portas que davam para um mesmo ambiente.

— Vou subir e levar as bagagens, querida. Ligue para seu pai.

Tomada de surpresa, e sem que lhe fosse dado tempo para medir as consequências de seu ato, Glenda dirigiu-se à cabine telefônica com ar resignado.

Do outro lado da linha, a sra. Brewster respondeu:

— Glenda? Seu pai está fazendo a sesta, é urgente?

— Não, não. Está tudo bem?

— Ah, sim, tudo bem. Sabe de uma coisa? Sua ausência está fazendo um bem enorme ao sr. Halliday. Ele nem precisa mais de ajuda para sair da cama!

Glenda recebeu a informação entre incrédula e espantada.

— Que ótimo! Sabe se ele já deu entrada nos papéis para a liberação do novo projeto?

— Seu pai passa o dia inteiro no escritório, meu bem. Sempre que vou até lá levar algo para ele comer, eu o encontro pendurado no telefone, discutindo planos,

falando de negócios... nem me olha!

— Sra. Brewster, estou pensando em ficar um pouco mais por aqui. Acha mesmo que não vai haver problema?

— Pode ficar o tempo que quiser, menina, não se preocupe. Cuide de se divertir e nem pense em seu pai. Ele está melhor do que imagina.

Glenda repôs o fone no gancho devagar e dirigiu-se à suíte para encontrar Conrad, que acabava de despachar o camareiro. Ainda não acreditava no que ouvira. Andou até a janela e pôs-se a observar o parque em frente. Ouviu o ruído da porta bater e virou-se, encarando Conrad.

— Gostaria de vê-la num vestido de noite. Importa-se que eu lhe dê um de presente para usar hoje, na hora do jantar?

Glenda esteve prestes a dar uma resposta malcriada, mas resistiu ao impulso. Falou, simplesmente:

— Usarei um vestido, se dá tanta importância a isso, mas eu mesma faço questão de comprar minhas roupas.

— Está bem, então. Espero que esteja gostando de Nova Orleans tanto quanto eu.

— Claro que sim. É bom estar aqui de

novo. Tenho a impressão de que tudo é diferente, novo, nunca imaginei que...

O tom brando, suave, na voz de Glenda o surpreendeu. Já estava acostumado a vê-la sempre tensa, arisca.

— Continue, por favor.

— Nunca imaginei que nos daríamos tão bem. Afinal, nossos passados são tão opostos... nossas vidas são tão diferentes...

— Mas temos um objetivo em comum. Acho que isso vale alguma coisa.

O olhar quente que ele lhe dirigiu a fez enrubescer. As palavras que dissera tinham dupla interpretação e ela sabia disso. Conrad não se referira apenas à Mansão Prendergast ao falar em objetivo comum. Queria dizer algo mais, não importava o quanto aquele algo mais fosse impossível para ambos.

Estavam ali, a sós, um ao lado do outro, um voltado para o outro. Lá fora o mundo girava, pessoas corriam, trabalhavam, viviam.

Ali dentro, havia um homem e uma mulher, apaixonados como adolescentes, cada qual à espera de que o outro tomasse a iniciativa.

Foi Glenda quem quebrou a magia do momento.

— Bem, se tenho que comprar um vestido é melhor andar depressa ou não encontrarei mais nada aberto.

Conrad segurou-lhe a mão e a fez parar.

— Tenho uma sensação estranha a seu lado... Como se tivesse a vida inteira pela frente e, ao mesmo tempo, nem um minuto...

CAPÍTULO XI

Algumas horas depois, Glenda admirava a própria imagem no enorme espelho da suíte do hotel. Gastara o que não podia, mas valera a pena. O tecido fino da seda pura, aquele tom lilás, o feitiço do vestido de ombros nus, as sandálias altíssimas e a bijuteria delicada faziam-na arrepender-se de haver escondido sua feminilidade por tanto tempo.

Parecia estar pronta para tornar-se capa de alguma famosa revista de moda, ou destaque nas colunas sociais.

Mas não era a beleza de sua imagem refletida no espelho o que a surpreendia. Sempre tivera consciência de suas belas formas. Era a vulnerabilidade que o vestido imprimia aos seus gestos; o sorriso se tornara delicado, os olhos brilhavam mais...

Jogou a cabeça para frente, escovando os cabelos para baixo, em seguida lançou-os para trás, deixando que caíssem naturalmente sobre os ombros ligeiramente bronzeados. Estava pronta e sentia o peito queimar, ansiosa por conhecer a reação que despertaria em Conrad, que a aguardava na sala de estar

da suíte.

Abriu a porta com ar teatral e fez uma reverência parando em frente ao homem que a olhava de cima a baixo, fascinado.

— Eu sabia! Meu amor, você está maravilhosa!

Ao entrarem triunfalmente no restaurante francês, os dois ouviram algumas exclamações abafadas e perceberam algumas expressões de admiração. Glenda sentia-se orgulhosa do companheiro, que ostentava seu porte altivo com a naturalidade de quem sabia o efeito que causava nas pessoas.

Pudera! Aquele homem moreno, alto, atlético, naquele *blazer* impecavelmente branco, mais parecia uma visão.

A melhor mesa da pequena sala foi destinada a eles. O *maitre* em pessoa os serviu, solícito. Glenda e Conrad saboreavam o vinho de safra rara que ele escolhera com ar de *connaisseur*¹.

Na atmosfera romântica do restaurante, sob a luz dos candelabros, garçons iam e vinham quase em silêncio, levando e trazendo os pratos aromáticos de um cardápio de mais

¹ Especialista, perito na arte.

de cento e cinquenta itens.

Depois do jantar, caminharam até o anexo, onde funcionava uma boate de decoração sensual, onde o vermelho sobressaía na pista, na iluminação e nas toalhas das mesinhas dispostas em círculo.

Glenda recostava a cabeça sobre o ombro de Conrad enquanto dançavam, abraçados, sem dar a menor importância ao ritmo, à melodia, a nada. Ele apertava a cintura fina contra o corpo, sentindo-a leve e solta em seus braços.

Agora Glenda entendia por que as mulheres enlouqueciam por causa de Conrad. Como resistir à segurança, ao fascínio daquele homem lindo, perfumado, elegante, inteligente, lúcido? E mais, muito mais. A força, o carisma que o envolvia era algo indizível.

Quando a música acabou, Conrad manteve o braço em volta da cintura de Glenda, conduzindo-a delicadamente de volta à mesa.

— Preciso reformular minhas idéias. Sempre detestei esse tipo de divertimento, e hoje me sinto tão bem!

Conrad sorriu levemente ao ouvi-la, sussurrando junto a seu ouvido:

— Eu poderia passar a noite inteira dançando com você até ficarmos exaustos, mas tenho outros planos para esta noite, sabia?

Ela não respondeu. Apenas lembrou-se da noite anterior e decidiu deixar-se levar. Pelo menos daquela vez teriam que voltar para a mesma suíte, constatou, estremecendo. E não podia esperar nem mais um dia para estar com ele outra vez. Só que agora, ao contrário do que acontecera na Mansão Prendergast, eles teriam uma cama de verdade e estariam a sós, e a luz estaria acesa. E dessa vez Glenda sabia que estava perdidamente apaixonada por Conrad.

— Cá estamos.

Ela mal podia acreditar no que via. Conrad a olhava deliciado, diante da porta de uma outra boate. Um letreiro luminoso piscava e letras garrafais anunciavam o nome de um conhecido conjunto musical.

— O melhor jazz do mundo!

Glenda sentiu-se animada. Aquele homem era imprevisível!

O som sensual e inconfundível de um saxofone, seguido do soar gostoso de um trompete, a fizeram vibrar.

Não havia assentos e eles tiveram que

abrir espaço para passar na sala apinhada de gente. Quando o último músico acabou seu solo e a banda começou a tocar junta, animada, Glenda abandonou de vez a resistência e começou a mover-se ao ritmo contagiante, liberando as emoções e indo para mais perto do palco.

Conrad a agarrou pela cintura e seguiu-a, apertado, pela força da multidão, contra o corpo feminino que ainda balançava, apesar da falta de espaço.

Sentindo o desejo crescer, ele comentou:

— Não há uma única pessoa aqui dentro que não reconheça o apelo erótico do verdadeiro jazz, já notou?

Glenda parou de mexer os quadris, tentando controlar as sensações intensas que a música lhe provocava.

Estavam tão juntos, devido ao espaço limitado, que ela podia sentir cada músculo do corpo de Conrad vibrar junto ao seu.

Quando os músicos pararam para um breve intervalo, Conrad perguntou:

— Conhece alguma coisa da história do jazz?

— Pouco. Sei, por exemplo, que, ao contrário do que a maioria imagina, o jazz não

surgiu em Storyville. Muito antes disso o *rag time* era tocado aqui, em Nova Orleans, e ao que me consta foi o que deu origem a este ritmo.

Conrad sorriu, entusiasmado.

— Ora viva! A vida inteira prometi a mim mesmo que me casaria com a primeira mulher que realmente provasse gostar de jazz como eu!

— Depressa, eles vão recomeçar e esta música é uma das minhas favoritas!

— *Amor à Moda Antiga.*

— O quê?

— É o nome da canção. E, se quer saber, é uma das minhas preferidas também.

Ao final do concerto, caminharam pelas ruas devagar, de volta ao hotel, dividindo seu entusiasmo pela música.

Quando ele abriu a porta da suíte, Glenda pensou que, se Conrad simplesmente lhe desejasse boa-noite e fosse para o quarto, gritaria de raiva e frustração ou exigiria aos berros que fizesse amor com ela, nem que tivesse que aprontar um escândalo.

— Toma um licor comigo?

— Claro que sim.

O que queimava mais? O licor descendo

lento pela garganta ou aquele fogo ardendo em suas entranhas? Ah, precisava de um pouco de ar com urgência, para não se precipitar sobre ele e beijá-lo inteiro...

Foi até a sacada e abriu a janela de vidro, olhando para baixo sem ver absolutamente nada, sentindo a presença dele em toda parte. Conrad aproximou-se, apoiando o braço na grade de ferro do balcão, olhando-a dentro dos olhos.

— Foi um grande dia e uma noite inesquecível. Muito obrigado.

Glenda sentiu que ele estava sendo sincero.

— Sou eu quem deve agradecer, Conrad.

Ele passou-lhe o braço sobre os ombros.

— Só isso? Vamos ficar trocando agradecimentos como dois negociantes? Você me faz lembrar de quando eu era mais moço e começava minha carreira. Só pensava em concretizar minhas ambições, meus ideais de grandeza.

— Ambições? Não é nada disso. Não sei o que está pensando, mas não vivo sonhando com negócios e não acho que o dinheiro seja a mola que impulsiona o mundo. Isso é muito fácil para você, que tem tudo o que quer,

quando quiser. Estava apenas sendo sincera, acredite. Não é mera questão de formalidade; estou agradecendo pela melhor noite de minha vida, por ter-me feito reviver, enxergar a mulher que mantenho adormecida dentro de mim.

Ele a puxou com delicadeza, beijando de leve os lábios macios e mornos.

— Estava apenas tentando provocá-la. Quero que enxergue mais, que veja que nós não podemos ter apenas uma relação comercial. E não diga nada, por favor. Deixe-me falar sobre as minhas intenções e...

— Acho que sei quais são as suas intenções. Diga, já foi rejeitado por alguma mulher em sua vida?

— O que é isso agora? Está com medo de mim ou vai repetir aquela história ridícula de que pretende casar com Tom? Ouça, esta noite é nossa. Nada vai roubá-la de nós!

Quando ele a abraçou, Glenda não conseguiu pensar em mais nada. Estivera esperando por aquele momento nem sabia desde quando, talvez desde o minuto seguinte ao desfecho daquela noite na Mansão Prendergast, quando ela o deixara ali mesmo no chão da saleta às escuras, meio

adormecido, e fugira para o quarto, desnorteada, perplexa, sem saber direito se deveria dormir ali mesmo ou pegar o carro e correr de volta à casa de seu pai como uma adolescente insegura.

Ali, naquele momento, a sós com Conrad, tudo o que queria era sentir a pressão da boca sensual sobre a sua, sentir cada instante de prazer que aquele corpo forte e saudável podia lhe dar, ainda que fosse pela última vez.

Sentia-se flutuar quando ele a tomou no colo e a levou até a cama, beijando-a no pescoço, a língua deslizando sobre a pele sensível, enquanto as mãos abriam o fecho do vestido.

Quando ele se levantou para livrar-se da própria roupa, parou por um instante, olhando-a com uma expressão de ardor e desejo.

— Você é linda. Nunca vou esquecer o dia em que a vi pela primeira vez lá na mansão, parecendo uma princesa perdida entre as ruínas, naquele seu jeans. Sabe, eu a desejei desde aquele dia. Agradeça a Deus por estar com um homem civilizado, senão...

Mas não havia nada de civilizado naquele jeito de olhar, que passeava malicioso pelas

curvas bem-feitas.

Quando Conrad deitou sobre ela, Glenda ainda lhe perguntou:

— Acha que vou me arrepender disso?

A resposta veio entrecortada pela respiração ofegante e tensa:

— A gente só pode se arrepender do que não faz, amor.

Ela fechou os olhos e entregou-se inteira. Lutava contra a consciência, que ainda lhe ditava as coisas mais absurdas num momento como aquele. Nenhum dos dois tinha qualquer compromisso com o tempo, com alguém, com o mundo. Naquele instante eram um do outro. Mas apenas naquele instante.

E ela o queria para toda a vida.

As mãos fortes apertavam os quadris redondos quase com desespero. Ela sentia a pressão do pênis latejando entre as suas coxas e não resistiu à tentação de prendê-lo entre os dedos. Isso o fez explodir em gemidos, o rosto expressando paixão, e ele afogou nos seios dela os gritos de prazer que estava prestes a soltar.

Conrad queria resistir mais, fazê-la enlouquecer de desejo, mas estava ficando cada vez mais difícil dominar-se. Baixou os dedos longos até o clitóris e o roçava em

círculos, devagar, devagar, até que ela também começasse a gemer e prender-lhe o pescoço junto aos seios, pedindo mais, mais! Quando sentiu o orgasmo explosivo que se aproximava, ele a penetrou de uma vez, sem poder esperar mais. E seus gemidos fundiram-se num só.

Bem mais tarde, quando todo aquele calor se dissipava aos poucos, a cabeça de Conrad descansava em total abandono sobre os seios macios. Glenda sentiu como se sua alma descesse lânguida, flutuante, lá de cima, onde fora levada pelo êxtase de volta ao seu corpo, de volta à realidade. Por um breve momento todos os problemas e todas as preocupações foram arrancadas de sua mente, permitindo-lhe que se sentisse alguém que vivia do amor e para o amor, sem mágoas, sem pressões.

Um ruído vindo da sala de estar a fez despertar do estado de torpor. Alguém batia à porta. Ela levantou-se devagar para não despertar Conrad de seu sono enlevado libertando-se com todo cuidado, e vestiu rapidamente a camisa dele, jogada sobre a poltrona, apressando-se em atender ao chamado.

Pela fresta aberta o jovem camareiro

desculpou-se, embaraçado:

— Seu telefone deve estar fora do gancho. Desculpe-me por incomodá-la a esta hora, mas há um telefonema urgente para a sra. Halliday. É a senhora, não é? Seu pai...

— Certo, vou atender lá embaixo. Peça que aguarde um instante.

CAPÍTULO XII

Conrad abriu e fechou os olhos no mesmo instante. A luz do sol entrava pela janela aberta da varanda, ofuscando-o. Não se lembrava de ter acordado assim tão tarde nos últimos anos. Devia ser perto de meio-dia.

As últimas cenas da madrugada voltavam aos poucos à sua memória e ele sorriu, estendendo o braço à procura de Glenda e apalpando a cama vazia.

Espantado, sentou-se na cama, olhando em torno e constatando que ela não estava lá. Hora de levantar. Glenda devia ter acordado faminta e descido para comer alguma coisa. Não estava no banheiro, na sala ou no outro quarto.

O vestido azul descansava sobre a poltrona, como havia sido deixado na noite anterior. As sandálias de salto jaziam abandonadas no tapete.

Ele parou, pensativo, em frente à roupa largada ali, de qualquer jeito. Dirigiu-se ao armário onde Glenda guardara sua valise e pendurara o velho jeans. Estavam lá, também.

Como um cão sem dono ele andava pela

suíte, desanimado, lamentando-se em voz alta:

— Não! Não, Glenda, você entendeu tudo errado! Tinha que ser mais do que um programa para você também!

Sobre a penteadeira, uma folha com o timbre do hotel chamou-lhe a atenção. Claro, mulheres como ela sempre deixavam um bilhete...

"Conrad,

Espero que me perdoe por fugir assim, sem acordá-lo, mas se o fizesse você não me deixaria ir. De resto, agora não precisará pedir que eu fique. Obrigada por tudo. Adeus."

Ele tornou a ler o bilhete, procurando alguma mensagem oculta nas entrelinhas, incapaz de entender aquela atitude. Depois, enraivecido, atirou o bilhete amassado na cesta de lixo. Aquela tola pensara com certeza que aquela noite era tudo o que ele queria. Sentira-se ameaçada e fugira como um bichinho assustado, incapaz de captar suas verdadeiras intenções.

"Ironia da vida...", pensou.

Ele, que sempre fora especialista em escapar de situações comprometedoras, ali

estava agora feito uma donzela seduzida e abandonada.

Conrad Landry, o mestre dos amores rápidos e indolores! Dessa vez fora ele o enganado.

Como dizia seu amigo, o mestre oriental: "Mais cedo ou mais tarde a gente tem que pagar a conta".

Conrad estava pagando caro. Chegara a sua vez.

Ao entrar na Mansão Prendergast, ele procurou por Glenda para exigir uma explicação, mas ela já havia ido embora.

Fayette informou-lhe, com uma boa dose de malícia, que a moça fora cuidar de outros projetos, declarando não haver mais necessidade de sua presença permanente ali e avisando que a entrega dos tijolos tinha sido prometida para aquela manhã.

Conrad correu até o telefone, discando o número da Companhia de Construções Halliday e aguardando com visível impaciência que atendessem.

A voz rouca de um homem respondeu, afinal:

— Companhia de Construções Halliday.

— Glenda está?

Do outro lado, a voz tornou-se hostil ao responder:

— Não, não está. Aqui é Ethan Halliday. Em que posso ser útil?

— Sabe onde posso encontrá-la?

— Quem está falando?

— Conrad Landry. Tenho urgência em falar com sua filha, senhor.

— Ouça, sr. Landry, minha filha não está, como já lhe disse, e não sei onde poderá encontrá-la neste momento. Mas posso resolver qualquer problema.

— Desculpe, mas preciso falar com ela. Poderia transmitir o meu recado?

— Sr. Landry, já lhe disse que sou capaz de resolver qualquer assunto com relação à reforma da mansão. Portanto, pode falar comigo mesmo.

— Muito obrigado, mas não há problema algum. Bom dia.

Conrad desligou, irritado e confuso. Era evidente que Glenda continuava fugindo dele. Mas por quê?

Barnaby aproximou-se, resmungando que os tijolos haviam chegado e que estavam descarregando tudo no jardim, de qualquer jeito, a despeito das recomendações.

Conrad dirigiu-se ao pátio externo e pediu com bons modos que colocassem tudo no galpão dos fundos, no que foi imediatamente atendido.

O mestre de obras, que observava a cena à distância, chegou perto para pedir instruções com relação à famosa parede perfurada a bala. Glenda lhe havia recomendado que não fizesse a emenda, o que ele achara muito estranho.

Conrad respondeu, seco:

— Deixe como está.

— Como quiser, senhor.

O homem fez menção de sair, mas Conrad o impediu.

— Espere. Se eu decidisse derrubar toda a estrutura e reconstruí-la, precisaria de uma licença especial da Prefeitura, não é mesmo?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Obrigado, pode ir.

Voltando ao interior da mansão, Conrad dirigiu-se ao escritório e fez mais uma tentativa de falar com Glenda. Dessa vez, uma voz feminina, de timbre estranho, respondeu-lhe que ela estava fora, supervisionando uma obra.

Ele baixou os ombros, desanimado, perguntando-se o que teria feito para merecer

aquele castigo.

Alguns minutos se passaram até que Fayette entrasse no escritório para anunciar que os Stuart estavam lá e gostariam de vê-lo.

— Leve-os até o salão e diga que esperem um pouco. Estarei lá num segundo. Mas, antes, peça a mestre Tanaki que nos prepare um coquetel.

Um drinque àquela hora serviria para confirmar as suspeitas dos Stuart sobre sua péssima reputação e ele fazia questão de dar a pior impressão possível àquela família.

Ao entrar no salão, com a barba por fazer, os cabelos em desalinho, Conrad sentiu o choque que despertou no rapaz de ar comportado e arrumadinho e em sua irmã, exemplar perfeito da sociedade local, de aparência esnobe e pretensiosa.

— Pois não. Querem falar comigo?

Tom Stuart parecia desconcertado. Aquela, sem dúvida, não era a aparência que esperava do proprietário da Mansão Prendergast.

— Bom dia, sr. Landry. Sou Tom Stuart e esta é minha irmã Lucie Mae Emory.

— Muito prazer, já a conhecia de nome.

Lucie dirigiu-lhe um olhar especulativo.

— Viemos para lhe falar sobre a festa anual. Glenda Halliday nos disse que concorda em participar da batalha simulada. — A voz dela era açucarada como a de Fayette.

Sem querer, ele a comparou com Glenda. Não pareciam nativas da mesma cidade. Lucie era fútil, insinuante, enquanto o charme de Glenda residia exatamente em seu ar distante e desinteressado.

— É verdade, concordo. Suponho que deva existir uma espécie de loja onde poderei adquirir o uniforme dos adversários...

— Não se preocupe, este trabalho é nosso.

A mulher o examinava com atenção exagerada.

— O senhor deve ter mais ou menos um metro e noventa, não é isso?

Tom não parecia aprovar o comportamento da irmã.

— Como a festa está bem próxima, achei que gostaria de ver algumas fotografias e se inteirar da história original da batalha para que tome contato com o seu papel. Sempre organizamos um ensaio geral antes do evento, mas como o senhor é novo por aqui...

Apesar de toda a polidez, Conrad reparou

um certo tom de censura na voz do rapaz.

Lucie, pelo visto, não lhe fazia caso, pois continuava sua encenação:

— Pode me procurar a qualquer hora, sempre que tiver alguma dúvida. Costumo estar em casa pela manhã. Eis meu telefone.

Conrad estendeu a mão para alcançar o pequeno cartão e nesse instante seu amigo oriental apareceu trazendo uma bandeja de prata com três cálices longos.

— Este coquetel se chama Cingapura e é uma especialidade de meu amigo aqui presente, mestre Tanaki.

Lucie e Tom entreolharam-se com visível espanto.

— Não estamos acostumados a beber a esta hora do dia, sr. Landry. Obrigado.

O rapaz insistia em chamá-lo de senhor, com o provável intuito de fazê-lo notar a diferença de idade entre eles. Tom devia regular com Glenda; portanto, deveria ser mais ou menos dez anos mais novo que Conrad.

Nos dez minutos seguintes eles discutiram mais alguns detalhes da festa e Conrad reparou no olhar de desprezo que Lucie ostentou à entrada de Fayette. Esse era o tipo de hipocrisia que Conrad esperava

encontrar naquela cidade e que só agora constatava.

Ao acompanhá-los até a saída, ele ouviu a mulher sussurrar ao ouvido do irmão:

— Este é o mais lindo decadente que já encontrei. Não admira que Glenda tenha sumido de vista nos últimos tempos.

Tom a olhou com raiva incontida.

— Vamos, cale essa boca. Glenda só está preocupada com o trabalho. Você vê maldade onde não existe.

— Pode ser, mas se eu fosse ela não ficaria indiferente a um homem destes. Acho melhor você se cuidar...

Conrad despediu-se dos dois visitantes e voltou ao escritório. Precisava cuidar dos negócios. Deixara-os de lado para dedicar-se a Glenda naqueles últimos dias e precisava retomar tudo.

O mais torturante era que, para onde quer que olhasse, via Glenda, o toque de Glenda, o olhar de Glenda.

Aquele sentimento era-lhe novo. Sentia-se vazio sem ela por perto.

Glenda... onde estaria ela agora? Por que se escondia daquele jeito? Por que o desafiava?

Precisava reagir. E, assim pensando,

pegou o telefone e discou o número de seu escritório em Nova York.

CAPÍTULO XIII

Enquanto ajudava o pai a sentar-se, Glenda tentava mais uma vez, com toda diplomacia, convencê-lo a tratar-se:

— Não quer pelo menos conversar com o novo terapeuta do qual lhe falei? Ele vê grandes possibilidades de progresso no exercício de alguns músculos.

— Está cansada de tomar conta desse velho inválido?

— Não é isso. Só quero que pense que, quanto mais o tempo passa, menores são as suas chances. Alguns de seus músculos poderão se atrofiar de forma irreversível.

— Não comece, por favor. Já não se divertiu bastante em Nova Orleans? Acha que gosto disso? Saiba que rezo todas as noites para que Deus ponha um fim nessa agonia!

Glenda balançou a cabeça, contrariada. Todos eram unânimes em afirmar que Ethan Halliday comportava-se como um doente apenas para chantagear emocionalmente a filha.

Ela não encontrara ainda um jeito de fazê-lo sair da tristeza em que a morte de sua

mãe e o acidente, o haviam atirado e começava a perder as esperanças de que o tempo o fizesse mudar de idéia. Nova Orleans fora o feriado, a festa, o intervalo. Agora tudo voltava à estaca zero.

— E mais uma coisa. Por que não trata de dispensar a sra. Brewster?

— Fale baixo, papai, por favor. Ela pode nos ouvir. Olhe, já lhe disse que o sr. Charlebois pediu que eu o acompanhasse a Vicksburg para examinarmos algumas de suas propriedades. Ele gostou muito das minhas idéias para o *shopping center* e quer alguns esboços para a reforma de outros prédios. Vê? Ainda precisamos da sra. Brewster.

— Conversa! Você virou desenhista, agora?

— Só o que quero é pagar as nossas dívidas e estou disposta a tudo para conseguir isso. Agora vamos tomar café... preciso sair.

A amável sra. Brewster, agachada junto ao forno, retirava bolinhos de aroma irresistível.

— Bom dia! O café estará pronto em um minuto.

— Bom dia, sra. Brewster. Estou ansiosa para experimentar estes bolinhos.

— Sente-se, querida.

O sr. Halliday observava as duas, contrafeito.

— Não suporto bolinhos. Quero ovos fritos e presunto.

Glenda sorriu, piscando o olho para a viúva, que lhe devolveu o gesto com um ar maroto.

— Ah, você não vai me fazer esta desfeita, vai? Experimente primeiro passar a geléia de pêssgo, que eu mesma preparei para rechear os bolinhos, e aposto como vai mudar de idéia.

O bule de café fumegava na mão da bondosa senhora, que com graça e eficiência o conduzia até a mesa.

Glenda virou a xícara em três goles e preparou-se para sair, às pressas.

— Não me esperem para o jantar. Devo chegar muito tarde.

A sra. Brewster fez uma expressão de desgosto.

— Não vai experimentar os meus bolinhos? Por isso está tão magrinha!

— Não dá tempo, mas levo um para comer no caminho. Papai, tem certeza de que ontem ninguém me chamou lá da Mansão Prendergast?

— Já disse que não.

— Sabe ao menos se a nova secretária anotou algum recado para mim?

— Olhe aqui, mocinha, a nova secretária tem um nome. Jenny é uma garota muito bonita, sem compromissos e, se eu fosse você, trataria de fisgar Tom Stuart de uma vez antes que alguma secretária o faça.

Glenda não fez caso da recomendação.

— Se Conrad Landry ligar, diga que as novas janelas da mansão devem chegar hoje.
— E saiu, sem esperar resposta.

Conrad Landry... Tinha até medo de pronunciar o nome dele e cair em prantos. Por que não se apaixonara assim por Tom, que conhecia os seus problemas com o pai e era capaz de ajudá-la a enfrentá-los?

Tomando assento ao volante da caminhonete, pensava no quanto fora tola em fugir de Conrad daquele jeito. Mas talvez lhe tivesse poupado o trabalho de dispensá-la com uma desculpa qualquer, como estava acostumado a fazer.

Dez minutos depois, ela se encontrava a caminho de Vicksburg para encontrar-se com o sr. Charlebois e, ao final do dia, mais um contrato era assinado.

Por ironia do destino, após meses de inatividade a Companhia de Construções Halliday tinha mais contratos do que qualquer outra construtora da região. Isso vinha a calhar para os planos de Glenda, no sentido de afastar-se da Mansão Prendergast e não tornar a cair nos braços de Conrad.

De certa forma tinha que agradecer ao pai por ter interrompido seu idílio em Nova Orleans. Aquele telefonema alarmante havia sido providencial, apesar de ela não aprovar os métodos dele para atraí-la de volta.

Aquela fora a segunda vez que ele a chamava com a desculpa de estar muito doente e precisando de seus cuidados.

Da primeira vez ela viajara até St. Louis para participar de um seminário e ele a fizera voltar no início do evento. Ao chegar em casa o encontrara em sua cadeira de rodas, às escuras, com uma fotografia da mulher ao colo.

— Papai, o que houve? Você não disse que estava muito mal?

Na ocasião, ela acendera a luz e sentira pena ao ver o rosto do velho coberto de lágrimas.

— Estava me sentindo muito só. Ela me

faz tanta falta... Era tão linda, tão meiga, tão amiga...

— Também sinto falta de mamãe e se pudesse a traria de volta, mas isso é impossível e você precisa conviver com a idéia.

— Ela não devia ter saído naquele temporal, não podia!

— Sim, é verdade, mas insistiu em buscá-lo no aeroporto e não pude convencê-la a desistir da idéia.

— Sabe, princesa, eu estava pensando nisso quando caí do telhado, naquele dia...

— Pare de se torturar, pelo amor de Deus!

Desde então, Glenda vinha dedicando a vida à tentativa de fazê-lo esquecer seu infortúnio, mas nada do que fazia era o bastante para que ele reagisse.

Ao chegar de Vicksburg, encontrou-o acordado, como sempre, à sua espera, e fez-lhe um pequeno relato sobre a bem-sucedida viagem enquanto o ajudava a deitar-se.

— Onde está a sra. Brewster, papai?

— Eu a dispensei.

— Por quê? Sabe que não gosto de que fique sozinho.

— Achei que não precisava mais dela e pronto.

— Eu a chamarei amanhã cedo. Tem algum recado para mim?

— Bem... aquele rapaz, o dono da Mansão Prendergast, resolveu derrubar a tal parede perfurada e construir tudo de novo. Claro que para isso vai precisar de uma licença da Prefeitura e por isso quer a nossa ajuda.

Então, Conrad ligara! Algo lhe dizia que ele usara um falso pretexto para atraí-la até a Mansão Prendergast.

CAPÍTULO XIV

Conrad tomava seu café na varanda com gestos lentos, observando o rio que cintilava ao sol da manhã, quando viu despontar a figura de Glenda vindo em sua direção. Trazia um envelope na mão e uma expressão contrária da refletida no belo rosto.

Pensou em desejar-lhe bom-dia mas ela não lhe deu tempo.

— Pode me dizer o que pretende com essa história de derrubar paredes?

O envelope estendido parecia uma ameaça.

— No que está querendo transformar esta casa, num desses infernos modernos, cheios de móveis metálicos? Mudou de idéia?

Conrad a olhava de baixo para cima, calmo e seguro como se não a ouvisse.

O silêncio a exasperava ainda mais e ela atropelava as próprias palavras, sem refletir:

— Aqui estão o contrato que assinamos e as faturas de todo o material que compramos até agora. É tudo seu.

Conrad balançava a cabeça, como se quisesse insinuar que ela estava se

comportando como uma criança.

— Sente-se e tome um café, vamos.

Ela virou-lhe as costas, disposta a correr para longe dali, mas Conrad adiantou-se, interceptando-lhe o caminho.

— Antes de decidir que não quer me ver nunca mais gostaria que me ouvisse.

Ela parou, sem coragem para erguer os olhos e encará-lo, confusa e envergonhada. Contudo, Conrad não parecia disposto a poupá-la.

— Acho que está confundindo as coisas. Só porque tivemos uma bela noite de amor em Nova Orleans, isso não significa que precisemos esquecer os assuntos que nos aproximaram. Pode esfriar esta linda cabecinha porque não vou persegui-la com cantadas ou coisa que o valha. Não faz o meu gênero.

Glenda sentiu tristeza diante do pouquinho que ele fazia daquela noite. Seus sonhos morriam ante o sorriso cínico de Conrad.

— Você leva as coisas muito a sério, moça.

— Conrad Landry, vim até aqui para saber o que resolveu mudar no trabalho de reforma e já perdemos muito tempo. Dou-lhe

um minuto para dizer o que quer de mim.

— Mas não precisamos discutir aqui fora, não é mesmo? Entre e veja com seus próprios olhos as mudanças.

Ela hesitou por um segundo e então decidiu ir até o fim, acompanhando-o escada acima, ainda que fosse para despedir-se da casa.

Uma dor aguda transpassava seu coração e um sentimento de perda tomava conta dela. Nas duas últimas noites tivera dificuldade em dormir, lembrando-se de Conrad e dos momentos únicos que vivera ao lado dele.

Jamais perdera o sono por um homem e isso a perturbava. Sabia o que esperar de alguém como Conrad. Então por que a angústia, aquela vontade de chorar?

A casa assumia ares de vida outra vez. Os espelhos reluziam; as paredes limpas e os móveis restaurados pareciam esperar novos festejos.

Parada em frente à lareira, Glenda olhava em torno, admirando os progressos que os empregados haviam feito na sua ausência.

— Jura que não vai modernizar nenhum pedaço da casa?

Conrad a olhou e sua expressão era

profunda e arrebatadora.

— Tudo o que eu queria era tê-la de volta. Você não viria por mim, estou certo, mas sei o quanto gosta da Mansão Prendergast.

Glenda enrubesceu ligeiramente. Talvez ele lhe dissesse que a queria, afinal. Talvez a abraçasse pela cintura como das outras vezes e sussurrasse, daquele seu jeito gostoso, que precisava dela.

— Gostaria de lhe fazer uma proposta.

O coração disparou e ela precisou prender a respiração para que Conrad não lhe notasse a ansiedade. Ele continuou:

— Sabe que não posso fixar residência aqui por causa de meus negócios no exterior, mas não quero abandonar a mansão e pretendo usá-la como um lugar de descanso. Portanto, pensei que talvez você aceitasse o meu convite e se mudasse para cá. Preciso de alguém que tome conta de tudo por mim.

A muito custo, Glenda disfarçou a decepção.

— Está louco! O que o faz pensar que eu aceitaria uma proposta absurda destas?

— Sei que adora este lugar e pensei em lhe dar uma oportunidade de viver sua própria vida, longe de seu pai. Morando aqui, você

teria chance de continuar seus estudos e fazer o que realmente gosta. E eu lhe garanto que não terá problemas financeiros. Veja bem, estou lhe propondo um emprego, não um caso.

— Não tenho a menor intenção de considerar sua proposta, com ou sem garantias. Por que não contrata Fayette? Ela vai adorar a idéia!

— Certo, então pelo menos termine o que começou. Se a mansão estiver pronta e restaurada quando Vernon vencer a questão do inventário, os novos proprietários serão obrigados a mantê-la em seu estado. É uma exigência do testamento.

Glenda ficou perplexa ante aquelas palavras.

— Quer dizer que seu primo tem chance de ganhar a questão?

— Ao que tudo indica, existe outro testamento, anterior àquele em que meu avô me legou a propriedade, e uma testemunha pronta para afirmar que ele estava perturbado quando ditou o último.

— Fayette Stanhope!

— Exatamente. Ela se uniu a Vernon e os dois vão lutar contra mim. Por isso preciso de alguém de confiança para tomar conta da casa

enquanto eu estiver em Nova York. Deve conhecer bem a reputação do juiz local para saber do que ele é capaz por um bom dinheiro.

— E não existe uma forma de provar a sanidade do velho Prendergast na ocasião em que o testamento foi formulado?

— Sim, há uma carta de próprio punho que ele me escreveu dias antes de morrer. Pelo teor ele se mostrava lúcido como qualquer um de nós.

Que estranho poder a mansão exercia sobre as pessoas... Ali estavam eles, entristecidos com a ameaça de vê-la entregue a mãos estranhas, que possivelmente não se deixariam tocar pela magia daquelas sólidas paredes...

Conrad percebeu a preocupação de Glenda, interpretando-a como uma resposta positiva.

— Então, vai aceitar meu convite?

— Sinto muito, não posso vir para cá. Mas continuarei à frente dos trabalhos de restauração, fique certo.

— E quanto a nós? Acha possível enterrar o incidente da última noite que passamos juntos?

Ela sentiu a dor em seu peito tornar-se

mais aguda e pediu aos céus que a ajudassem.

— Podemos repeti-la de vez em quando, sem compromisso, é claro.

Conrad, um tanto decepcionado, reagiu à ironia:

— Se é assim que você quer...

A evasiva atuou sobre Glenda como uma bofetada. Era terrível aceitar que Conrad tivesse dela uma impressão leviana, avessa aos seus princípios.

Para disfarçar o constrangimento, ela resolveu desviar o rumo da conversa:

— Onde está a carta de seu avô?

— Lá em cima, no meu quarto.

— Não acha que deveria guardá-la a sete chaves num lugar mais seguro?

— Tem razão. Mas tive o cuidado de colocá-la sob uma pilha de papéis em minha escrivaninha. Venha comigo, gostaria de conhecer sua opinião a respeito.

Subiram a escada lado a lado, cruzando com Annie, que lhes dirigiu um amplo sorriso.

À porta do quarto, Glenda hesitou por um instante, talvez por pressentir que penetrar na intimidade de Conrad fosse reavivar as recordações de Nova Orleans e daquela noite fantástica, que jamais esqueceria.

Conrad caminhou a passos largos até a escrivaninha, vasculhando a pilha de papéis. Em seguida, puxou as gavetas uma a uma, examinando-lhe o conteúdo de forma agitada para em seguida começar a atirar tudo no chão, exasperado.

De repente parou e virou-se para Glenda, surpreso e incrédulo.

Antes que dissesse uma palavra, ela compreendeu tudo... A carta já não estava lá.

CAPÍTULO XV

O relinchar de um cavalo fez com que Glenda levantasse os olhos do trabalho em que se concentrava.

Jenny Dee, a nova secretária da Companhia de Construções Halliday, começou a ajeitar-se às pressas, remexendo as gavetas à procura de um batom para retocar a maquilagem.

Ethan Halliday dirigiu sua cadeira de rodas até a janela.

— Parece que temos visita.

— Espero que seja para você, papai, porque tenho que sair agora mesmo.

Glenda olhou de soslaio para Jenny. Pobre moça! Com certeza era o tipo de mulher que fazia qualquer coisa para fisgar um marido e Tom era sem dúvida o melhor partido da cidade. Aquela cabecinha oca devia estar tecendo planos.. .

Tom entrou no escritório com aquele seu ar jovial, os cabelos loiros em eterno desalinho.

— Boa tarde para todos! E como vai a minha gatinha?

— Estou bem, mas correndo como

sempre. Estava de saída. — Glenda ofereceu-lhe o rosto para que ele a beijasse.

Tom perdeu a graça no mesmo instante.

— Tudo bem, só vim para lembrá-la de nosso compromisso. Você prometeu ir ao baile em minha companhia e não quero que aceite nenhum outro convite.

— Ainda faltam duas semanas para o baile, Tom. Não acha muito cedo para me lembrar disso?

Jenny observava a cena, aguardando uma oportunidade para chamar a atenção do rapaz.

— Aceita um cafezinho, sr. Stuart?

— Aceito, obrigado. Glenda, já experimentou o vestido de sua bisavó?

Ethan interveio, de cara amarrada.

— Estou surpreso de que a tenha convencido a ir ao baile. Ela não se interessa por essas coisas. O vestido continua no porão, abandonado, desde a última vez em que a mãe dela o usou.

— Se as traças não o tiverem destruído e se eu for capaz de entrar naquele corpete minúsculo, tudo bem.

Ela enchia a maleta de papéis enquanto falava, sentindo-se culpada por estar dando a

impressão de que iria tratar de negócios com Dakin Charlebois.

Ethan e Tom começavam a combinar uma pescaria.

— Tom, só não o leve ao bar hoje, por favor. Ele precisa se cuidar, sabe disso — ela recomendou.

— Fique tranquila, meu bem.

Glenda saiu às pressas, antes que um dos dois lhe fizesse alguma pergunta que ela não poderia responder.

Duas intermináveis semanas haviam se passado desde a última vez em que vira Conrad e ela sentira a falta daquele homem de maneira dolorosa e atormentada. Não era apenas seu corpo que o desejava mais e mais; o coração e o pensamento também o queriam por perto. Ela, porém, não conseguia uma desculpa para lhe telefonar. O trabalho ia bem e não havia a mínima necessidade de sua presença na Mansão Prendergast.

Mas na noite anterior ela ficara acordada até mais tarde, pensando nele, no sorriso dele, na voz dele, no corpo dele e sentindo-se louca de desejo e amor quando o telefone tocou, fazendo seu coração saltar.

— Glenda, é você? Preciso vê-la. Pode vir

até aqui?

— Isso é uma ordem? Não ouço falar em você há mais de duas semanas!

— Tive que retomar meus negócios e andei muito ocupado depois de nossas férias em Nova Orleans. Você vem?

— É muito tarde. Não posso ir agora.

— Que tal amanhã à tarde, então?

— Sim, acho que posso dar um jeito de ir.

Depois que desligaram, ela começou a imaginar um pretexto para afastar-se do escritório e da vigilância do pai no dia seguinte. Não apreciava muito a idéia, mas, se dissesse a ele que iria encontrar-se com Conrad, Ethan provavelmente simularia um ataque cardíaco ou coisa parecida.

O ciúme de Tom ou talvez algum comentário ferino de Lucie faziam a implicância do pai contra Conrad crescer a passos largos. Ou quem sabe ela própria não estivesse conseguindo mais disfarçar a emoção que lhe causava o simples mencionar do nome dele?

Glenda pensava nisso quando abriu a porta do carro e viu Tom chegar correndo e ofegante, como um menino atrás da bola.

— Tome cuidado ao dirigir pela cidade.

Vai ficar surpresa quando vir a quantidade de carros e pessoas que transitam por lá hoje. Parece que minha fotografia no jornal está trazendo o povo para cá, hein? Há mais *yankees* hoje na cidade do que na época da guerra.

E fez menção de beijar-lhe a boca, mas ela desviou-se a tempo, recebendo o beijo no rosto e entrando no carro em seguida. Acionou o motor e arrancou sem olhar para trás, evitando ver o rosto decepcionado de Tom, que fitava o carro até que sumisse de vista.

O coração de Glenda disparou quando ela lembrou-se de que iria estar com o homem que amava dali a uma hora. Nem mesmo pudera caprichar um pouco na aparência para não levantar suspeitas no velho Ethan, que a crivaria de perguntas.

Estava tão absorta nos próprios pensamentos que não notou a aproximação de um enorme automóvel que vinha em direção contrária. Só o percebeu no tempo justo de evitar uma colisão, jogando o volante para a direita e quase atropelando um turista na calçada.

Enquanto se recuperava do susto, olhou pelo espelho retrovisor e ainda pôde ver o

carro, que se afastava a toda velocidade. Ela o conhecia... Sim, pertencia a Vernon Sewall quando ele, fazendo-se passar por Conrad, visitara a Mansão Prendergast pela primeira vez!

Vernon deveria estar vindo da mansão e Glenda ficou curiosa em conhecer os motivos de sua visita ao primo. Logo saberia.

Os jardins da Mansão Prendergast renasciam aos cuidados de mestre Tanaki. As folhas brilhavam como se tivessem sido polidas uma a uma.

Uma suave brisa balançava as folhas dos carvalhos e o sossego reinava, dando às pessoas a sensação de que era bom viver, apesar de tudo.

Glenda subiu os degraus da entrada devagar, retardando o momento do encontro para melhor saboreá-lo.

Os progressos da reforma faziam-se notar e a mansão irradiava beleza, imponência.

Barnaby estendia uma enorme bandeira dos confederados no terraço, preparando a casa para os festejos que se aproximavam.

Annie trabalhava no *hall* de entrada, polindo a prataria antiga, e a recebeu com seu habitual sorriso alegre.

Tudo corria bem por ali, e também com os demais projetos da Companhia de Construções Halliday, que finalmente voltava a ter algum dinheiro. Porém, mais do que tudo, Glenda sentia-se feliz por estar ali, prestes a ver de novo o homem que amava, a ponto de ouvi-lo, quem sabe, dizer que ela era mais do que um simples caso.

— Sabe onde está o sr. Landry, Annie?

A empregada apontou para a escada.

— Ele deixou ordens para que a enviássemos ao Quarto Verde, madame.

Glenda agradeceu e dirigiu-se para lá, pensando em avisar a sra. Brewster de que talvez passasse a noite fora. Mas era cedo para tomar aquele tipo de atitude. Afinal, Conrad ainda não a convidara a ficar.

Ao abrir a porta do quarto, ela ficou surpresa ao ver seu novo aspecto. O tapete havia sido substituído e toda a mobília estava restaurada. Os apliques que enfeitavam a cama e os demais móveis tinham sido pintados de dourado e a iluminação indireta tornava o ambiente acolhedor e repousante.

Sobre a cama descansava o vestido de seda que Glenda esquecera no hotel de Nova Orleans, na pressa em fugir. Lá estava ele,

para recordá-la dos sonhos e fantasias que aquela noite lhe reservara.

O que Conrad teria imaginado ao criar aquela cena? Talvez pretendesse reavivar as sensações, o fogo que os arrebatara na última noite em que fizeram amor...

Olhando em torno, Glenda notou que ele havia pensado em tudo, mandando colocar pequenos arranjos de flores do campo que emprestavam um suave perfume ao cômodo em insinuante penumbra.

Ela sorriu e levantou o vestido pelo corpete, admirando-o. Só então notou o bilhete que ficara sobre a cama, reconhecendo imediatamente a letra de Conrad nas poucas linhas:

"Querida,

Queria que visse o quarto e, se possível, que fosse a primeira mulher a dormir nesta cama desde 1860... Mestre Tanaki servirá o jantar, às sete".

Glenda fechou os olhos e apertou o bilhete contra o peito. Ele queria vê-la, estar com ela, dormir com ela, e não apenas tratar de negócios!

Talvez devesse tomar um banho para acalmar a ansiedade, talvez devesse vestir-se como naquela noite e aguardá-lo, porque a julgar pelas aparências ele ainda não estava em casa.

O banheiro da suíte estava arrumado, como se Conrad tivesse adivinhado suas intenções. Havia toalhas limpas, óleo e sais de banho e, pendurada sobre um cabide, uma camisola de *lingerie* negra, ousada e sensual.

Glenda franziu a testa, tentando descobrir o que Conrad teria imaginado ao criar aquela cena. Talvez alguma fantasia erótica?

Ela preparou o banho, usando os sais e o óleo que imediatamente tingiram a água de um rosa-pálido e repousante, ao mesmo tempo em que desprenderam um aroma delicado de flores.

Deitou-se na banheira e pôs-se a imaginar a reação de Conrad se a surpreendesse assim, entregue, desarmada, solta.

Algun tempo se passou. Glenda já estava pronta e dava os últimos retoques nos cabelos que prendera no alto da cabeça, deixando uns poucos fios soltos. Mas Conrad ainda não

chegara.

Ela desceu a escada e dirigiu-se ao salão, parando em frente ao retrato de uma dama antiga, que sempre lhe causara forte impressão. Mas não pôde continuar examinando-o porque mestre Tanaki irrompeu na sala, naquele seu jeito silencioso e místico.

— Aceitaria um aperitivo?

— Não, obrigada. Vou esperar até que...

— Algo na expressão do oriental a fez interromper o comentário. Resolvida a matar a curiosidade, emendou uma pergunta ao acaso:
— O primo do sr. Landry esteve aqui hoje à tarde?

— Que eu saiba não. Jamais fui apresentado ao sr. Sewall, nem mesmo o vi de longe. De qualquer forma não teria sido capaz de identificá-lo.

Talvez estivesse enganada ou... quem sabe ele teria rondado a casa sem se deixar ver. Teria que mencionar o fato a Conrad quando ele chegasse.

Mais, uma vez, mestre Tanaki interrompia suas divagações:

— O jantar está servido, senhorita.

Havia apenas um lugar à mesa e o oriental puxou com gentileza a cadeira para

que se sentasse.

Ela não se sentia à vontade para perguntar-lhe mais nada, porém mesmo assim arriscou:

— Conrad disse a que horas voltaria?

— Ele não vai demorar.

Mestre Tanaki fez menção de retirar-se, mas desta vez foi Glenda quem o impediu.

— Conhece o sr. Landry há muito tempo, não é? Sei o quanto tem sido leal a ele todos estes anos. Diga-me, acha que pretende se casar um dia ou vai ser um eterno solteirão?

A expressão de pena que surgiu no olhar do oriental a intrigou.

— Muitas mulheres já tentaram desfazer a maldade que uma certa dama causou ao sr. Landry, mas somente ele pode superá-la. Algum dia terá que aceitar o fato.

Então era isso! Conrad vingava-se de uma mulher punindo todas que cruzavam seu caminho! Que espécie de mulher seria aquela, com tamanho poder? Devia ser alguém especial, muito linda e sedutora para deixar cicatrizes profundas naquele homem tão auto-suficiente...

Terminado o jantar, lá estava o mestre outra vez, solícito, discreto, oferecendo-lhe um

licor.

— O sr. Landry espera que lhe dê a honra de passar a noite aqui, pois precisa muito lhe falar e não poderá chegar cedo.

— Está certo. Obrigada, o jantar esteve perfeito.

À medida que o tempo passava, Glenda ficava mais agitada e ansiosa, temendo que algo houvesse acontecido a Conrad. Incapaz de controlar-se por mais tempo, resolveu procurar por mestre Tanaki e contar-lhe sobre seus medos, sua expectativa.

Mas, como sempre, ele se antecipou, avisando:

— O sr. Landry me pediu para lhe mostrar alguns pequenos detalhes que gostaria de ver inspecionados.

Passava de meia-noite quando ela resolveu desistir de esperar por Conrad e aceitou o copo de vinho que mestre Tanaki lhe oferecia, retirando-se em seguida, disposta a dormir.

A camisola negra estava agora sobre os lençóis de cetim brilhante da cama e um vento suave, vindo da janela semi-aberta, a fazia balançar ligeiramente. Glenda sentiu com intensidade o apelo sensual da cena e despiu-

se devagar, aspirando o aroma floral do quarto em penumbra.

Todo aquele ritual havia sido criado de propósito, estava certa. Conrad queria que ela o aguardasse com ansiedade, que se desesperasse.

Apesar dos tapetes e das cortinas, novos, aquele quarto conservava sua atmosfera melancólica e um sentimento de perda parecia flutuar ao vento.

Uma noite perfeita para o amor... e ela estava sozinha.

O sono veio, afinal, agitado, cheio de pesadelos. Glenda despertou ao som dos próprios gritos, trêmula e amedrontada, quando um par de braços generosos a enlaçaram com carinho, confundindo-a ainda mais. Alguém sussurrava seu nome, dizendo baixinho que havia sido apenas um sonho, que tudo estava bem.

Os lábios mornos de Conrad tocavam seus olhos, secando as lágrimas que começavam a brotar, e descendo pelo rosto beijaram sua boca, fazendo-a sentir um calor confortante e protetor.

Ele fez a *lingerie* da camisola negra deslizar por sua pele, deixando-a nua e

entregue, temendo abrir os olhos e interromper o que parecia ser um sonho de prazer e emoção.

A língua cálida de Conrad descia agora peio corpo escultural, mordiscando os mamilos rijos, beijando de vez em quando as partes mais secretas, lançando-a num espaço desconhecido, novo, extasiante.

Glenda rolou pela cama, repetindo o nome dele numa espécie de agonia benfazeja até ficar de bruços, mexendo os quadris de forma lenta e provocante.

Ele a penetrou, falando entre dentes coisas que ela não conseguia compreender mas quase adivinhava, sentindo-se excitada, cada vez mais perdida de amor e paixão.

Quando Conrad a levantou, fazendo-a ajoelhar-se, e aumentou o ritmo de seus movimentos, segurando-lhe um seio com uma das mãos, enquanto a outra tocava seu clitóris, circulando-o devagar, ela não aguentou e um gemido rouco saiu de sua garganta, como que a traduzir o longo orgasmo que quase a paralisou.

A respiração de Conrad tornou-se ainda mais ofegante e quase no mesmo instante ele atingiu o clímax, que o estonteou e o fez

contrair-se, apertando-a contra si e beijando-lhe a nuca com sofreguidão.

Permaneceram ali, deitados, exaustos, quando tudo acabou. Glenda piscou os olhos de forma lânguida, procurando os dele.

— Pensei que não o veria mais...

Ele não a deixou completar a frase; simplesmente cobriu-lhe a boca com um beijo intenso.

A última coisa em que Glenda pensou, antes de adormecer nos braços de Conrad, foi que não podiam mais negar a paixão que sentiam. Haveriam de encontrar um meio de estar juntos, vencer as resistências.

Ao acordar, na manhã seguinte, a primeira coisa que fez foi chamá-lo, espreguiçando-se, sentindo-se feliz e realizada.

Mas as cortinas haviam sido fechadas, o quarto estava escuro, abafado e... vazio, exceto pelos móveis, as flores e ela própria.

Glenda levantou-se e procurou suas roupas, ainda tonta e confusa, dirigindo-se ao armário. Na porta estava preso um envelope.

Ela sentiu uma ponta de medo invadir-lhe o peito, lembrando-se do que fizera com ele em Nova Orleans ao deixar-lhe um bilhete e nenhuma explicação depois de uma noite de

paixão, quase tão intensa quanto aquela.

CAPÍTULO XVI

Glenda sentiu-se enrubescer, não sabia se de raiva ou vergonha, ao largar no chão o envelope com um cheque assinado por Conrad.

Vestiu-se às pressas e escovou os cabelos, com ódio de si mesma por ter-se deixado humilhar daquele jeito.

Correu escada abaixo e quase derrubou o velho Barnaby, que vinha resmungando seu eterno discurso contra os *yankees*.

— Onde está Conrad?

— Saiu com aquele gigante chinês faz uma hora.

— Japonês, Barnaby. E disse onde ia?

O homem coçou a cabeça.

— Ele estava fantasiado com aquela jaqueta azul dos malditos *yankees*. Isto não está certo. Quem vai usar a farda do velho coronel este ano?

Glenda o mediu de alto a baixo.

— Por que não você, Barnaby? Nestes últimos anos o coronel vinha desfilando encerrado numa charrete, não é mesmo?

A fisionomia do velho encrispou-se e Glenda interpretou aquilo como emoção, para

depois julgar que a reação dele tinha mais a ver com indignação.

Ele se retirou em seu passo arrastado, queixando-se da ignorância das novas gerações.

Glenda passou a mão pelos cabelos, distraída. Já estava bastante confusa para prestar atenção às rabugices de Barnaby. Precisava sair daquela casa com urgência e voltou ao quarto para juntar suas coisas, recolhendo o envelope e o maldito cheque do chão para evitar que caísse nas mãos de um dos empregados.

Ao abrir as cortinas, o sol encheu o aposento de uma alegria que não combinava nem um pouco com a estranha atmosfera que reinava ali e no seu coração. Era como se os antigos ocupantes daquele quarto tivessem deixado um pouco de sua energia, de seu pranto, algum rancor ou talvez a paixão que os fizera destruir aquela mobília

Ela jamais perdoaria Conrad por aquele insulto.

Olhou em volta mais uma vez, antes de descer, para ver se tinha esquecido alguma coisa. E partiu, com a alma em ruínas.

A casa dos Halliday estava em total silêncio quando Glenda entrou sorrateiramente, atravessando a sala e ganhando a cozinha para tomar um café bem forte, antes que o pai acordasse.

Na porta da geladeira havia um bilhete:

"Glenda, estamos no hospital. Tentamos achá-la em Vicksburg, mas ninguém sabia de você. Venha o mais rápido que puder".

Era da sra. Brewster. Ela correu de volta ao carro, maldizendo a mania de Conrad de tirar o telefone do gancho. Mesmo que alguém tivesse tido a idéia de procurá-la na Mansão Prendergast, teria sido impossível encontrá-la.

Ao chegar ao hospital, sentia os nervos à flor da pele. A sra. Brewster veio ao seu encontro, tentando parecer animada apesar da noite de vigília.

— Ele está bem, querida, tudo já passou. O médico o reteve aqui esta noite para que fizesse alguns exames, mas seu pai está dormindo agora.

— Graças a Deus. O que houve, afinal?

A mulher a conduziu pelas mãos até o sofá mais próximo.

— Ouça, querida, não se sinta culpada. Você não pode passar cada minuto de sua vida

cuidando deste velho teimoso. E, para ser franca, ele nem sabe quem o socorreu ontem à noite. Não me entenda mal, por favor, mas eu o conheci antes de sua mãe morrer. Sei que ele mudou muito e precisa reagir.

Glenda pressionou a testa com os dedos, na tentativa de diminuir uma forte dor de cabeça.

— Não sei o que faria sem a senhora.

— Nós duas somos movidas pelo amor, querida.

Glenda a encarou, surpresa.

— Ele não tem feito nenhum esforço para merecer amor, não é mesmo, sra. Brewster? Às vezes tenho dificuldade em me lembrar do quanto era amável e bem-disposto.

— Ah, sim, é verdade. Ethan era o homem mais fascinante da cidade e despedaçou muitos corações ao casar com sua mãe, inclusive o meu.

Glenda reviveu a imagem do pai, imponente em seu cavalo puro-sangue no desfile anual e sentiu-se perturbada. Lembrava-se de quanto sua mãe tivera orgulho dele e de quanto o mimava, incentivando-o, os olhos brilhantes de admiração. Como ela ficaria triste em vê-lo como hoje, tímido,

medroso e dependente...

O dr. Benedict, o médico que cuidava da família há muitos anos, aproximava-se agora das duas.

— Como vai, Glenda?

Ele ainda a cumprimentava fazendo festa em sua cabeça, como quando ela era uma garotinha.

— Como está meu pai, doutor?

— Está bem, fique tranquila. Precisa apenas de um pouco de exercício, mas o coração está ótimo e tudo não passou de uma forte indigestão.

— Podemos levá-lo para casa?

— Gostaria de fazer mais alguns exames, mas asseguro que ele não tem nada que um bom terapeuta e algum interesse pela vida não possam curar. Tem trabalhado?

— Vamos juntos para o escritório todos os dias, mas ele não faz nada além de criticar o trabalho dos outros.

Na verdade Ethan fazia algo mais: inventava crises de todos os tipos e tamanhos cada vez que ela ensaiava alguma coisa parecida com vida própria.

O dr. Benedict pareceu adivinhar os pensamentos dela.

— Precisa deixá-lo sem sua babá favorita de vez em quando, mocinha. Ele tem que parar de viver como um velho.

Na tarde seguinte, Glenda chegou ao hospital para buscar o pai e o encontrou num terrível mau humor.

No caminho para casa, a primeira pergunta que ele fez deixou-a desconcertada:

— Onde você estava aquela noite? Mentiu para mim, não foi?

— Sinto muito, papai. Prometo não repetir o erro, mas deve entender que tenho minha própria vida e que já estou na idade de tomar minhas decisões.

— Está certo, mas não pense que vou permitir que seja passada para trás por qualquer *yankee* imbecil que apareça na cidade.

Ela lembrou-se do cheque em sua bolsa e achou melhor ficar calada.

Quando chegaram em casa, Tom e Lucie os aguardavam, mas Ethan não queria conversa e pediu a Glenda que o levasse diretamente para o quarto.

Ao voltar, ela desculpou-se com os amigos pela grosseria do pai.

Tom apressou-se em argumentar:

— Tudo bem, meu anjo, soubemos que ele não passou bem e estamos aqui para saber se podemos ajudá-la em alguma coisa.

— E também para contar nossos planos para a festa. — Lucie exibia o sorriso de quem teve uma idéia luminosa. — Que acha de convidarmos o velho Ethan para tomar parte na representação?

— Está brincando! Pode se dar por satisfeita se ele concordar em assistir aos festejos!

Tom interveio:

— Só queremos nos garantir de que ele não terá nenhum mal súbito enquanto estivermos no baile.

— Claro, sei o que quer dizer, mas não posso imaginar de que outra maneira ele poderia participar da comemoração.

Desta vez foi Lucie quem falou:

— Nos últimos anos, como *você* sabe, o coronel Prendergast não tem participado do ato como sempre fez, montado em seu cavalo para anunciar o iminente massacre dos *yankees* e prevenir os soldados da cidade. Por isso pensamos que Ethan poderia tomar o lugar dele na carruagem, com a vantagem de que poderia ir em carro aberto.

— Bem, eu... convidei Barnaby para o papel, mas...

— Barnaby? Ora, Glenda, ele mal consegue entender o que lhe dizem!

— Por que não? Barnaby nasceu na propriedade do coronel Prendergast e ninguém melhor do que ele conhece toda a nossa história.

— Pensei que o velho já estivesse meio caduco...

— Não. Às vezes passa o dia resmungando como se pensasse alto, mas é mais lúcido do que muitos de nós.

— Talvez esteja certa, mas achamos que a idéia faria seu pai sentir-se importante outra vez.

Glenda fez silêncio por um instante, rememorando os bons tempos em que Ethan participava da encenação, montado em seu próprio cavalo branco.

— Talvez pudéssemos alugar um daqueles velhos cabriolês e instalá-lo sobre um cavalo, como ele costumava aparecer. Algumas famílias ainda guardam esse tipo de coisa em seus porões e se andarmos depressa poderemos fazer algumas adaptações.

Glenda continuou a falar de seus planos,

eufórica. Poderia ser a luz no fim do túnel!

Lucie afinal convenceu-se.

— Você está certa. Agora, minha cara, vamos subir e ver como é que você vai ficar naquele vestido. Tom, volte para casa e tente agir para que tudo seja arranjado a tempo. Tenho a impressão de que Ethan vai adorar esta idéia.

Glenda estava em frente ao espelho, admirando a própria figura naquele vestido que parecia ter sido feito sob medida.

Pequenas pedrinhas brilhantes adornavam a cintura delgada e surtiam um magnífico efeito sobre a renda de um azul celestial. Tudo o que teria a fazer seria substituir as fitas que adornavam a parte de trás terminando num grande laço, porque até as anáguas armadas estavam em perfeito estado.

Lucie entregou-lhe as luvas de cetim no mesmo tom da renda e parou ao lado dela com um sorriso satisfeito nos lábios.

— Minha cara, você vai ser a moça mais bonita do baile, pode acreditar!

Glenda não pôde deixar de pensar na reação que Conrad teria ao vê-la daquele jeito. Mas, em seguida, lembrou-se do cheque e de

como se sentira ofendida, e imediatamente afastou o pensamento.

— Ajude-me a desabotoar o vestido, por favor. Preciso cuidar do jantar de papai antes que ele acorde. — No andar de baixo, a campainha soou e Glenda olhou para Lucie, surpresa. — Quem será?

— Deixe, eu mesma vou atender. Veja se consegue se arranjar sozinha.

Alguns minutos depois, Glenda ainda lutava com os colchetes do vestido quando ouviu passos pesados na escada e vozes alteradas.

O espelho refletiu a imagem de Conrad Landry, parado à porta do quarto, barrando a entrada de Lucie, que gesticulava, nervosa.

A expressão dele mudou de irritada para emocionada ao vê-la naquele vestido, como uma rainha.

CAPÍTULO XVII

A primeira reação de Glenda foi de timidez, para em seguida transformar-se em indignação. Lucie se desfazia em desculpas por não ter conseguido impedi-lo de subir, mas Glenda não a ouvia.

— Poderia fazer a gentileza de descer e me esperar lá embaixo? — O tom inóspito de Glenda fez com que Conrad caísse em si.

Contudo, ele não perdia uma chance de usar seu sarcasmo.

— Perdão pela impetuosidade, senhorita, e permita-me dizer que, se os confederados tivessem enviado tão belas mulheres à linha de frente da luta, teriam vencido a guerra.

— Modere seu cinismo, Conrad Landry, pelo menos durante as duas próximas semanas. Os ânimos andam exaltados.

— Não vejo o porquê de todo esse empenho. Para que celebrar uma derrota?

— Não estamos celebrando nenhuma derrota, mas prestando uma homenagem à coragem e ao cavalheirismo de nossos antepassados, o que, pelo visto, não é mais comum nos dias de hoje.

Lucie escutava em silêncio o diálogo ferino, deleitada com a atitude da amiga em defesa do povo de Willow Bend.

A expressão zombeteira de Conrad ficou séria, de repente.

— É justamente para pedir desculpas pela minha falta de cavalheirismo que estou aqui. Eu a espero lá embaixo.

Lucie fechou a porta e correu para ajudar Glenda a despir-se.

— Ei, o que ele quis dizer?

— Ah, deve ser sobre o modo indelicado que encontrou de pagar a nossa conta... — ela respondeu sem pensar

Então, nesse instante deu-se conta de que o valor do cheque era o mesmo da última fatura que lhe enviara dias antes do incidente desagradável. Talvez tivesse confundido tudo!

Lucie não parecia satisfeita com a resposta, mas, conhecendo o temperamento fechado de Glenda, mudou de assunto:

— Gostaria que o meu pobre irmão conseguisse despertar esse brilho nos seus olhos. Quer que eu vá embora e os deixe a sós?

A voz de Ethan Halliday chegou antes da resposta:

— Glenda! O que está acontecendo aí?

Venha me ajudar a levantar!

Lucie desceu a escada murmurando qualquer coisa sobre servir um aperitivo.

Quinze minutos depois, Glenda entrou na sala conduzindo o pai em sua cadeira de rodas. Ethan pressentiu a identidade de Conrad e imediatamente demonstrou-lhe seu desagrado, o que o rapaz fingiu não perceber.

— É um prazer conhecê-lo, senhor.

Mas Ethan não fez caso do cumprimento e sem a menor boa vontade expressou sua antipatia.

— Suponho que seja o sr. Landry, pois não? Costuma invadir assim a casa dos outros, em pleno sábado, para tratar de negócios?

Glenda sentiu-se na obrigação de desfazer o mal-estar.

— O sr. Landry veio apenas buscar um recibo que nós lhe devíamos, papai.

Pela primeira vez, desde que o conhecera, Glenda notou que Conrad estava desconcertado e nem reparara em Lucie, que já a algum tempo lhe estendia um cálice de licor.

Um silêncio constrangedor instalou-se na sala até que Ethan desferiu o golpe final.

— Não sei se o senhor tomou conhecimento de que acabo de chegar do

hospital e esse não me parece o momento ideal para visitas inesperadas. Portanto...

— Não, eu não sabia, mas peço desculpas mesmo assim. Já estou de saída.

Então, ele olhou para Glenda com ar súplice.

— Gostaria de ter uma conversa em particular com você.

Ethan explodiu:

— Agora chega! Não há nada que tenha a dizer para minha filha que não possa ser dito na minha frente!

Conrad armou-se de paciência e olhou para Glenda, que parecia muito interessada no que ele tinha a dizer.

— Sua filha tem feito um magnífico trabalho em minha casa e tive receio de que um pequeno mal-entendido fizesse com que ela rescindisse, nosso contrato. Vim até aqui para lhe pedir desculpas.

A expressão de Conrad implorava ajuda e ela sentiu-se vingada.

— Vou levá-lo até o portão.

Saíram sem ouvir os protestos de Ethan. Antes de entrar no carro, Conrad olhou bem dentro dos olhos de Glenda.

— Pelo menos me dê uma chance de

explicar.

— Você não me deve explicações. Aquele cheque preso à porta do armário foi uma tentativa deliberada de me humilhar, mas posso lhe garantir que não alcançou seu objetivo.

— Glenda, todo mundo faz coisas das quais se arrepende depois. Acho que tive a idéia maluca de lhe dar o troco por ter me abandonado em Nova Orleans daquele jeito e, além do mais, tive medo de ouvi-la repetir aquela idiotice sobre nos vermos de vez em quando.

— Não sei por que isso o aborrece tanto, já que deve ter usado essa desculpa inúmeras vezes em sua vida.

— Está enganada. Acredite ou não, os homens também são usados e descartados às vezes.

Glenda pensou se deveria contar-lhe o que ocorrera naquela noite em Nova Orleans, mas achou melhor deixar as coisas como estavam e manter sua falsa superioridade.

— De qualquer forma valeu como experiência. Agora, conte as novidades sobre o inventário. Vi o cano de seu primo Vernon na estrada do rio, outro dia.

Conrad mostrou-se surpreso.

— Tem certeza de que era ele?

— Certeza não, porque não pude ver quem guiava, mas *posso* garantir que era o mesmo automóvel que ele usava no dia em que se fez passar por você.

— Pode ser que Vernon tenha vindo para falar com os advogados ou talvez para mostrar a casa a algum provável comprador. Ainda bem que não nos encontramos.

— Achou a carta que seu avô lhe escreveu?

Conrad sacudiu a cabeça, negando.

— Ainda não tive tempo de procurá-la direito. Bem, agora preciso ir. Suponho que não voltarei a vê-la até o dia da festa.

A menos que ele a convidasse, ela não se lembrava de nenhuma desculpa para voltar à Mansão Prendergast.

— Não, acho que não.

O olhar de Conrad assumiu aquela expressão sedutora que Glenda conhecia tão bem. Ele encostou-se no carro e segurou-lhe os braços com uma leve pressão.

— Nem se eu lhe pedisse por favor?

Glenda levantou o queixo e sua voz saiu mais trêmula do que gostaria:

— Não posso...

Conrad ainda ficou parado ali por mais alguns minutos, vendo-a atravessar o jardim quase correndo, como uma criança assustada, até que desapareceu, batendo a porta da casa.

CAPÍTULO XVIII

Três dias mais tarde lá estava Glenda, diante de um Conrad alarmado, a exhibir-lhe a balaustrada de ferro completamente solta outra vez.

— Por sorte era eu quem descia a escada, porque alguém menos ágil teria despencado lá do alto.

Glenda não estava acreditando muito naquela história e desconfiou que fosse mais um pretexto para atraí-la de novo até lá.

Conrad pressentiu os pensamentos dela.

— Juro que só a fiz vir até aqui para que me ajude a desvendar esse mistério. Estou convencido de que você tinha razão. Alguém está tentando provocar um acidente fatal.

Glenda acalmou-se, acreditando que ele podia mesmo estar sendo sincero.

— Quem poderia ter essa idéia infeliz?

— Pedi a Barnaby e a Annie que ficassem lá embaixo no salão, à nossa espera. Mestre Tanaki também há de se juntar a nós e falaremos os cinco sobre o incidente. Tudo o que posso lhe assegurar é que não fui eu.

Glenda lembrou-se de ter visto Annie

polindo aquela balaustrada algumas vezes, mas logo afastou o mau pensamento.

— Está certo, então vamos a isto. Não posso demorar muito. Estou com os pés latejando de tanto andar.

Conrad segurou-lhe o braço enquanto desciam e Glenda sentiu aquele toque como um choque.

No salão, ele lhe ofereceu um copo de vinho e ela aceitou, afundando-se numa poltrona em frente ao retrato da dama antiga que sempre a perturbava um pouco. Mas havia outras coisas mais importantes a questionar naquele momento. Conrad começou a falar.

— Todos nessa casa estão a par do ocorrido com a estrutura de ferro da balaustrada, pela segunda vez. Já conversei pessoalmente com os operários. Devo dizer que tirei minhas conclusões e desconfio de alguém, mas gostaria de dar uma chance a essa pessoa de confessar o seu erro e se retratar, antes que cometa outros e provoque a morte de algum de nós, o que seria ainda mais sério e irreversível.

Barnaby resmungava como se nada tivesse ouvido e Annie, assustada, tentava esconder-se atrás do velho. Mestre Tanaki apenas os observava com uma expressão

enigmática no rosto exótico.

Conrad ainda aguardou algum tempo, antes de continuar:

— Barnaby, conte à senhorita tudo o que aconteceu aqui nesta casa alguns dias antes de meu avô falecer.

Os *olhos do* velhinho foram do rosto dele ao de Glenda e voltaram ao chão.

— Aquela bruxa não deixava a gente chegar perto dele nem para levar as refeições... disse que ele estava doente. Mas Annie limpava o chão naquele dia, perto do quarto do coronel, que pediu a ela que me chamasse com urgência.

O velho hesitou por um instante e levantou os olhos para Conrad, que fez sinal para que ele continuasse. A expressão de sofrimento de Barnaby ao recordar-se da cena comoveu Glenda.

— Tive que pular o balcão do lado de fora para entrar no quarto, sem que ela me visse. O coronel só queria papel e algo com que escrever mais algumas páginas do livro. Pediu que eu pusesse tudo embaixo de seu travesseiro para que Fayette não visse. Ela ameaçava botar a mim e a Annie na rua se não fizéssemos o que mandasse. Dizia que o

coronel Prendergast estava muito doente para sair do quarto. Imagine!

Conrad olhou para Glenda.

— O livro em questão devia ser o da história da família, em que meu avô trabalhava. Como ele jamais numerou as páginas, não temos meios de saber se faziam parte do meio ou do fim do livro.

Glenda afastou uma mecha de cabelo dos olhos.

— Ainda não entendi por que fez questão de que ele me contasse toda essa história.

— Se meu avô escreveu aquelas páginas dias antes de morrer e estava lúcido, então não preciso mais encontrar aquela carta. Ele deve ter deixado as tais páginas em algum lugar onde Fayette não pudesse encontrá-las e pelo visto ela não sabe da existência desses manuscritos. Por tanto temos chance de encontrá-los. Pelo tipo de papel, Barnaby e Annie podem testemunhar quando foram escritos, certo? Além do mais, apesar de não numerar as páginas, meu avô era muito metuculoso com relação às datas.

— Toda essa análise de nada adianta, enquanto não encontrarmos os tais manuscritos.

— Sei disso, mas o que me deixa mais enfurecido é saber que aquela megera escondeu meu avô, trancando-o no quarto, sem lhe dar assistência médica alguma até que fosse tarde demais... sem pelo menos permitir que ele escrevesse suas notas para se distrair, mantendo-o solitário e proibindo até mesmo que Barnaby o visitasse. Por isso fiz questão que soubesse dessa história, para que me apoiasse em minha decisão: vou lutar contra estes dois até o fim e vencer.

— Assim é que se fala!

Glenda entendeu que ele não só se interessava pela mansão e seu destino como ia lutar por ela. E, acima de tudo, clamava por sua ajuda.

De repente, Barnaby ergueu os ombros e sua voz soou de modo diferente no meio da sala:

— Eu... eu quero lhe pedir perdão, sr. Landry. Se soubesse que o senhor não pretendia vender a mansão não teria feito aquilo...

As mãos do velho subiram lentas até os olhos e ele parou de falar emocionado. Conrad dirigiu-se a ele com delicadeza.

— Está tudo bem, Barnaby, eu entendo.

Mas agora chega, hein? Precisa entender que estamos do mesmo lado. Vamos, leve a nossa Annie até a cozinha e nos prepare um cafezinho.

Quando a porta se fechou atrás dos dois empregados, Glenda perguntou:

— Agora pode me explicar o que houve?

Conrad abaixou-se em direção aos pés pequenos, tirando as botas de Glenda antes que ela pudesse ter qualquer tipo de reação. Começou a massageá-los como um autêntico profissional.

— Barnaby removeu os parafusos da balaustrada nas duas vezes e foi ele também quem provocou aquele primeiro acidente com um de seus empregados. Mas, para se aliviar da culpa, me escreveu aquele telegrama, pedindo que eu voltasse com urgência e me avisando da morte de meu avô.

Glenda sentia-se relaxar cada vez mais. Uma incrível sensação de bem-estar tomava-lhe o corpo e a mente.

— Gostei do jeito como você conduziu o velho Barnaby a confessar sua culpa.

— Eu precisava primeiro fazê-lo compreender que estava entendendo tudo errado, concorda?

— Claro. Pessoas como Barnaby permanecem leais a seus patrões até a morte. Entendo que ele não possa se conformar com a idéia de jogar fora o sacrifício que o coronel Prendergast fez durante toda sua vida para manter esta casa. O que me parece inacreditável é que ele não tenha medido o mal que poderia ter causado a outras pessoas.

— Barnaby não pensou nas consequências de seus atos pode ter certeza. Tudo o que ele queria era salvar o patrimônio de seu antigo patrão. Mas fique sossegada, já procurei meus advogados e eles vão entrar em contato com Bobby e indenizá-lo pelo dano que sofreu.

— Só espero que ele pare por aqui. Bobby Jim teve muita sorte por não ter arrebentado os miolos no mármore da lareira...

— Fique tranquila, vou ficar de olho em Barnaby daqui por diante, apesar de ter certeza de que não tentará mais nada.

Annie bateu à porta, entrando em seguida com uma bandeja onde trazia café e sanduíches.

Glenda estava faminta, mas sentia-se pouco à vontade para comer tendo diante de si os olhos de Conrad, que não a deixavam um

minuto sequer.

Tomou seu café em silêncio e assim que terminou procurou por suas botas, um tanto desconcertada.

Conrad mexeu-se na cadeira.

— Precisa ir agora?

— É melhor. Estou cansada.

Ele se aproximou e ajudou-a a calçar as botas de cano longo. O toque provocou-lhe um novo arrepio. E, quando ela acabou de fechar o zíper, Conrad continuou sentado sobre as próprias pernas, concentrado no corpo feminino. Glenda percebeu que ele também sentia a forte vibração que se apossava dos dois.

Antes de se retirar, ela olhou ainda uma vez para o retrato da mulher na parede e, de repente, descobriu o que tanto a impressionava nele.

— Claro! É isso!

— Do que está falando?

— Todos os retratos de seus antepassados têm uma espécie de desproporção entre a cabeça e o corpo, mas este não! Era isto o que me intrigava!

Conrad voltou a cabeça em direção ao quadro.

— Quer dizer que nossa misteriosa dama ali em frente deve ter sido retratada muito depois dos outros, não é mesmo?

— Exatamente! E não deve ter sido retocada ou teria o mesmo problema dos outros, concorda?

— Ainda acho que ela se parece muito com você.

— Comigo?

— Sim. Nunca lhe disse isso? Jamais soube de quem se trata, mas sempre achei que ela se parece muito com você. Costumo vir até aqui para admirá-la quando estou com saudade. Não acha que pode ser o retrato de sua bisavó Clorinda, por quem o primeiro coronel Conrad se apaixonou?

— Não, pode descartar esta hipótese. Este quadro foi pintado no máximo neste princípio de século e minha bisavó morreu em 1865, muito jovem, antes do final da guerra. Sabe, até nos conhecermos jamais ouvi dizer que ela teria casado com um *yankee* logo depois da queda de Vicksburg.

— Soube que ela foi morta alguns meses depois. Já percebeu que estamos sempre tentando reconstituir a história de nossos antepassados? O que será que vão dizer de nós

no próximo século?

— Que salvamos a Mansão Prendergast, espero.

Ele abriu a porta, mantendo-se na frente para impedir que ela se fosse. Acariciava-lhe os braços, devagar.

— Só isso? Por que não passa a noite comigo, para tentarmos construir um pouco mais da nossa história?

Ela afastou os dedos de Conrad de seus braços, louca para ficar, mas controlando as emoções.

— Talvez eu volte mais tarde para trazer novos parafusos para a balaustrada, mas, se isso for impossível mandarei alguém amanhã cedo para tratar disso.

— O dever antes de tudo, como sempre. Se eu não estivesse tão frustrado, elogiaria sua extrema dedicação ao trabalho.

— Boa noite, Conrad.

E afastou-se para não cair naqueles braços sedutores antes que fosse impossível dominar a vontade de estar com ele e provocá-lo até fazerem amor.

Por um triz não esbarrou no oriental, cuja acentuada agitação provocou-lhe espanto. Jamais o vira assim tão descontrolado.

CAPÍTULO XIX

A silhueta esguia de Glenda afastava-se da mansão em direção ao carro e Conrad a seguia com os olhos, indiferente ao gigante oriental, como se fosse possível ignorar sua presença.

— Diga, mestre, tenho ou não tenho razão em estar louco por ela?

Mestre Tanaki sequer olhou para trás. Sua formação o ensinara a ser paciente nos momentos mais críticos e ele aguardava que o amigo saísse de seu devaneio amoroso.

Como se captasse a ansiedade do outro, Conrad despediu-se da bela figura e voltou à Terra.

— O que houve, mestre? Que bicho o mordeu?

— Se há uma coisa de que não gosto é gente que desrespeita os mais velhos, homem.

— Do que está falando?

— Falei com os detetives que contratou.

— Ah, entendo. Então vamos entrar e tomar um saquê, enquanto me conta tudo o que soube.

Mestre Tanaki preparava a bebida típica

japonesa e Conrad sentou-se bem em frente ao retrato a óleo daquela jovem desconhecida, que tinha uma estranha semelhança com Glenda.

O mestre japonês continuava a reclamar do comportamento dele quanto a seus antepassados e Conrad tentava contra-argumentar, sem muito sucesso, que sua mãe fora renegada pelos pais, que se recusaram a ver as duas filhas após terem desposado adversários. Sim, porque para os Prendergast qualquer *yankee* era um inimigo eterno.

Mestre Tanaki conhecia aquela história nos mínimos detalhes, mas a filosofia oriental era rígida em seus princípios e colocava os velhos no mais alto pedestal. Para ele não importava que o avô de Conrad estivesse certo ou errado; tinha que ser respeitado, mesmo contra todos os argumentos.

Sob o ponto de vista do mestre, Conrad Prendergast tinha razão e o neto devia entender o orgulho, a angústia de um velho que não tivera filhos homens para dar seguimento à família e preservar-lhe a tradição.

— Seu avô o convidou para tomar o lugar dele e, pelas cartas que lhe escreveu, acreditava que *você* daria valor ao passado

glorioso de seus ancestrais, apesar de ser o mais novo dos dois netos. Conrad, você precisa cumprir com a sua obrigação com toda seriedade e reviver os ideais daqueles heróis confederados que lutaram com bravura na guerra para defender um patrimônio que é seu.

— Não se esqueça de que eu também sou filho de um homem tão bravo e destemido quanto estes antepassados aos quais você se refere. E ele estava do outro lado, na guerra. Além do mais, não concordo muito com a obsessão de meu avô, lutando até morrer por uma causa perdida. O que ele defendeu foi esta casa, onde minha pobre mãe nunca mais pôde pôr os pés.

Era inútil mencionar que havia grande probabilidade de que o avô lhe tivesse deixado a casa em testamento pelo simples motivo de que ele usava o mesmo prenome, Conrad, que era parte da tradição dos Prendergast.

A discussão prolongava-se mais do que devia; cada um queria provar que estava com a razão e enquanto isso quase uma garrafa inteira de saque era esvaziada. Então o mestre resolveu abordar a questão dos detetives.

— Seus investigadores descobriram muita coisa por trás dos panos, meu caro.

— Muito bem, então por que não começa a me dizer do que se trata em vez de perdermos tempo com o orgulho de meus ancestrais?

— Sabia que quem herdou primeiro a propriedade foram dois irmãos do meio de seu avô?

— Ora, ora, mais surpresas! E onde estão eles, que ate agora não deram o ar de sua graça?

— Estão mortos. Um morreu num acidente de automóvel, mas há suspeitas de que já estivesse morto antes da colisão. Devido à idade avançada e ao estado de total destruição do automóvel, não foi possível fazer uma autópsia na ocasião, mas o médico legista garante que a causa da morte foi envenenamento...

— Sei... E o veneno pode ter sido tomado pelo próprio morto.

— Envenenamento alcoólico, Conrad. Deixe-me acabar de falar, por favor. Uma grande quantidade de álcool ingerida durante algumas horas pode ser fatal e eu me pergunto: como um homem que sabidamente nunca foi dado à bebida e que sofria do coração pôde consumir álcool suficiente para

se matar e em seguida entrar em seu carro e dirigir?

— É muito estranho, tem razão... E quanto ao outro irmão do meio?

— Nunca saberemos por que o corpo dele foi cremado, mas poderemos pesquisar algum detalhe que tenha passado despercebido no relatório médico. O importante nisso tudo é que você tinha razão quanto a Fayette Stanhope: ela realmente conhecia seu primo Vernon antes de se apresentar ao sr. Prendergast como candidata a secretária, em resposta ao anúncio que ele publicou. Foi enviada por uma agência de modelos que fazia seus contratos de seguro na firma onde Vernon trabalha e a pedido dele.

Conrad refletia sobre as últimas palavras do mestre, que confirmaram suas suspeitas a respeito daquela estranha criatura. Então Fayette era uma espécie de atriz e enredara o velho Prendergast a mando de Vernon, com o intuito de se apossar do pouco que restava ao coronel.

— Acho que devemos providenciar a exumação do corpo de meu avô, investigar isso bem. Meu priminho é muito mais perigoso do que eu imaginava e poderemos ter grandes

surpresas, não acha?

— Acho. E não vejo outra saída para elucidarmos o teorema.

— Fico imaginando se Vernon não teria providenciado, através da influência de Fayette sobre o velho, que ele assinasse algumas apólices de seguro nomeando-os como beneficiários... Suspeito desse interesse por uma velha mansão e por tão pouca terra, sabe? É muito trabalho para uma herança tão insignificante.

O mestre serviu-lhe mais um pouco de saquê.

— Para que recebessem o dinheiro do seguro bastava que seu avô fosse declarado morto. O que me intriga é essa história dos dois irmãos do meio. Que lhe parece?

— Bem... envenenamento alcoólico não é necessariamente assassinato, embora eu concorde que seja possível. — Mais alguns segundos se passaram até que Conrad concluiu:

— Muito bem, vamos examinar a questão mais uma vez. Vernon convenceu Fayette a matar meu avô, administrando a ele pequenas doses diárias de veneno, e ele próprio se encarregou da morte dos dois outros herdeiros,

certo?

— Certo. Seu primo já havia tentado tomar conta dos bens de seu avô há dois anos, quando o declarou incompetente para ditar o testamento.

Conrad estendeu as pernas para relaxar a tensão, olhando em torno da sala e percebendo o quanto gostava daquele lugar, da mobília fina e delicada que Annie lustrava com dedicação.

As sombras da noite projetavam-se sobre o mármore da lareira e o retrato da jovem mulher, pendurado na parede, perturbava-o, fazendo com que desejasse absorver o espírito do autor daquela obra. Queria entender o que dizia aquele olhar profundo e experiente.

De repente ele se levantou, como se tivesse tomado uma decisão.

— Mestre Tanaki, há muitas coisas que precisamos desvendar. Quero saber quando aquele retrato foi pintado e quem foi o autor da obra.

— Mas o que tem isso a ver com toda essa confusão?

— Nada, mas mesmo assim preciso saber. E mais: quero descobrir por que meu primo necessita tanto de dinheiro e por último vamos

averiguar o que aconteceu de fato aqui em 1863.

— Vou telefonar para o detetive.

— Não, nada disso. Tenho alguns negócios a resolver em Washington e isso é urgente. Acredito que possamos descobrir muito mais sozinhos, em Washington, investigando as atividades de Fayette antes que ela viesse para cá e se tornasse a amante de meu avô. Podemos pesquisar também os arquivos nacionais e encontrar muitas respostas às nossas indagações sobre a história da cidade e de seus habitantes...

A campainha interrompeu o discurso entusiasmado de Conrad, que correu em direção à porta, sentindo-se emocionado. Podia ser Glenda...

Mas não era ela e sim Tom Stuart quem entrava naquele momento, com uma caixa na mão e a fisionomia impenetrável de um rival.

Conrad olhou atrás dele à procura de mais alguém, mas Tom percebeu-lhe o gesto e apressou-se em dizer:

— Estou sozinho. A srta. Halliday pediu que eu viesse porque está muito cansada. Não vou tomar muito de seu tempo; isso não leva mais de alguns minutos. Conserto a escada e

caio fora porque Glenda me espera acordada para conversarmos sobre uma coisa muito importante.

Conrad afastou-se para que o rapaz passasse, inquieto com o que ele acabara de dizer. O que de tão importante tinham a conversar àquela hora da noite?

Irritado e confuso, ele imaginava se Glenda tivera a intenção de lembrá-lo de seu compromisso com Tom Stuart ao dizer-lhe não. Ou talvez estivesse com medo de que o relacionamento que vinham tendo nos últimos tem posse aprofundasse até se tornar irreversível...

Foi pensando nisso, alentado por essa esperança, que ele esboçou um sorriso puro, quase infantil.

Um sorriso que desapareceu quando Tom, com voz decidida, anunciou:

— Sr. Landry, tenho uma grande notícia para lhe dar. Eu e a srta. Halliday vamos ficar noivos na noite do baile.

Conrad conteve o impulso de dar-lhe um murro ali mesmo, mas o outro fingiu não ver a raiva que a frase, solta propositadamente, provocara.

— Espero que esteja lá, para nos dar os

parabéns, senhor.

CAPÍTULO XX

Glenda acendeu a luz do abajur e olhou o relógio: eram quase duas horas da manhã e o telefone tocava com insistência.

— Srta. Halliday, eles estão aqui mexendo em tudo, como se fossem os donos da casa. Falaram sobre banheiros novos e reforma da fachada...

— Barnaby? De quem está falando?

A voz inconfundível do velho empregado parecia conturbada e nervosa.

— Aquele homem que disse ser o sr. Landry e agora se chama Vernon Sewall. Ele é a maldita cobra! Sempre desconfiei dessa mulher horrível!

Devia estar falando de Fayette Stanhope.

— E onde está o sr. Landry?

— Acho que ainda deve estar em Washington. Disse que só voltaria para o baile.

— Mas ele não deixou um telefone onde pudesse ser encontrado?

— Nada. Só deixou ordens de procurarmos pela senhorita se houvesse algum problema. Ele está com o chinês.

— Japonês, Barnaby. — O que significava

aquilo agora? Glenda, ainda sonolenta, não conseguia raciocinar direito. — Está me dizendo que Vernon Sewall e Fayette estão aí agora?

— Não ouviu o que eu disse? Esperei até agora para telefonar porque podia ser perigoso. Foram dormir há meia hora, dona. Não sei o que fazer. Eles chegaram hoje de tarde dizendo que o sr. Landry não manda mais aqui porque o velho sr. Prendergast não estava muito bom da cabeça quando escreveu o testamento.

Glenda afastou a mecha de cabelo que caía sobre seus olhos e fitou o teto, como a buscar uma saída.

— Meus empregados não estavam aí quando eles chegaram? Vejamos... deviam estar substituindo os batentes, hoje.

— Eles já tinham acabado o serviço e foram embora quando aquele Vernon Sewall chegou, mostrando um papel. Ele disse que era uma autorização para tomar conta da propriedade e vendê-la porque o sr. Landry não pode mais morar aqui. Srta. Halliday, a Mansão Prendergast não pode ser vendida a ninguém. Nunca!

— Por que não, Barnaby? Tem que me dizer por quê.

— O sr. Landry prometeu que não deixaria isso acontecer e eu confiei nele.

Glenda lembrou-se naquele momento dos dois atentados cometidos por Barnaby e achou melhor que ele continuasse acreditando em Conrad.

— Se ele prometeu vai cumprir, Barnaby. Sabe que não é homem de duas palavras. Mas Conrad não sabe o que está acontecendo. Agora me prometa que não vai tentar nada até que ele volte.

— Ele mandou ligar para a senhorita...

— Barnaby, ouça, não há nada que eu possa fazer a essa hora da madrugada. Amanhã estarei aí bem cedo. Enquanto isso tente achar algum indício do paradeiro de Conrad Landry, está bem? — O empregado continuava a falar, mas Glenda foi firme. — Boa noite, Barnaby. Até amanhã, às oito.

Aquela noite já estava perdida, de qualquer maneira. Glenda pôs as mãos sobre a cabeça e olhou para o teto, repassando as lembranças dos últimos dias em que estivera mergulhada no trabalho, o tempo todo, dedicando-se a convencer o pai a participar do desfile nos poucos minutos que lhe sobravam.

Tom e Lucie haviam conseguido alugar o

cabriolé e adaptá-lo para que Ethan o usasse, mas ele ainda resistia à idéia, temeroso de que pudesse acontecer um acidente a despeito de todos os cuidados.

— Papai, sempre me orgulhei de você quando desfilava em seu magnífico uniforme cinza e dourado pela cidade. Gostaria muito de vê-lo assim outra vez.

— Parece que estou ouvindo sua mãe, querida. Ela possuía um verdadeiro orgulho de mim, lembra? Dizia que eu era o melhor cavaleiro do mundo!

— Era mesmo. Pense que será o único a aparecer nos festejos em cabriolé e no quanto isso servirá de incentivo para os voluntários que trabalham no hospital de crianças paraplégicas da cidade. Eles foram convidados para assistir à festa e muitos dos pequenos virão. Pense nisso. Você vai servir de estímulo, de inspiração.

— Hum... não é tão fácil como você pensa, mocinha. Lembre que terei de me equilibrar em cima daquilo usando apenas as mãos, inclusive para dominar o cavalo.

— Mas você é capaz de fazer isso! Pode ser difícil para a maior parte das pessoas, mas não para meu pai!

Depois disso, ela teve que ir a Vicksburg e de lá telefonou para o terapeuta que o dr. Benedict recomendara, o qual a incentivou a insistir junto ao pai.

Glenda mantivera-se animada, inclusive pelo fato de ter recebido todos aqueles dias, religiosamente, uma rosa de cabo longo. Uma única rosa, que Ethan Halliday julgava vir de Tom, mas que não vinha dele.

Pensando nisso, ela virou-se na cama, inquieta, imaginando onde poderia estar Conrad naquele momento. Pensou em telefonar para a floricultura de onde vinham as rosas e perguntar se ele teria deixado um endereço para que enviassem a conta.

A primeira flor viera com um bilhete. Conrad escrevera-lhe algumas palavras amorosas, dizendo-lhe que sentiria falta dela e que lamentava ter que se afastar por uns tempos, mas gostaria de não ser esquecido e por isso mandaria rosas todos os dias.

As flores faziam bem a Glenda e até haviam ajudado a superar um incidente desagradável no trabalho, quando um de seus novos empregados a enfrentou dizendo que não recebia ordens de mulheres.

Ela foi firme e autoritária naquele dia.

— Você passou boa parte de sua vida fazendo tudo o que sua mãe mandava, rapaz. Por isso não vejo o que pode haver de estranho em continuar a receber ordens de uma mulher. Trate de fazer o seu serviço e será pago por ele; do contrário, pode ir para outro lugar.

Isso servira de lição para ele e outros tantos, que pensavam a mesma coisa, embora não tivessem coragem de externar sua opinião.

Ela sentia-se forte e sua paixão por Conrad a empurrava para frente, apesar de ser secreta para a maioria das pessoas.

A última rosa que recebera dele estava ali em seu quarto agora, descansando num jarro de cristal transparente, exalando um perfume encantador para lembrá-la do homem que amava doce e selvagememente.

Todos aqueles dias ela planejava ir até a Mansão Prendergast para vê-lo, mas descartara todos os pretextos que haviam surgido e agora congratulava-se por isso. Teria sido inútil porque, a julgar pelas aparências, ele viajara logo depois do último fim de semana em que o havia visto, talvez para resolver os negócios que adiara por causa da viagem a Nova Orleans.

Na manhã seguinte, Glenda dirigiu-se à

mansão, não sem antes telefonar à floricultura e saber que Conrad pagara a conta adiantado e não deixara qualquer vestígio de seu paradeiro. Tudo o que a vendedora sabia era que deveria enviar uma rosa por dia, até a ocasião do baile.

Era uma bela manhã ensolarada e os pássaros enchiam a paisagem com seu voar alegre e seu cantar melódico, uma verdadeira orquestra de trinados dos mais originais.

Glenda deixara o pai pronto para ir a uma academia para paraplégicos, onde faria exercícios para fortalecer os músculos dos braços. E isso parecia muito bom e promissor, até porque ele convidara a sra. Brewster para acompanhá-lo, o que era uma novidade e tanto!

Somente naquela manhã ela descobrira o primeiro nome da viúva, ao ouvir o pai chamá-la de Maybelle. Estavam se entendendo, afinal, e não era sem tempo!

Ao estacionar o carro no pátio da mansão, Glenda viu o grande automóvel azul de Vernon e sentiu-se um pouco nervosa. Tinha uma batalha pela frente e precisava tomar coragem.

A chave da casa que trazia em sua bolsa não rodou na fechadura e ela bateu à porta

com força, sem obter resposta. Ao pressionar a campainha, uma Annie tímida e preocupada mostrou o rosto pela fresta que entreabriu, com os cabelos presos numa touca branca que Glenda jamais vira.

— Sou eu, Annie, me deixe entrar. Acho que minha chave emperrou.

Glenda tentou forçar a porta mas a empregada a impediu de entrar.

— O que houve, querida? Sou eu!

A voz de Fayette veio lá de dentro e a pobre moça assustou-se como um animalzinho prestes a levar uma surra por alguma arte.

— Annie, me deixe entrar, por favor. Pode deixar, eu me entendo com Fayette.

A moça abriu a porta relutante, certa de que iria sofrer algum castigo por sua desobediência, e Glenda entrou às pressas, antes que ela mudasse de idéia.

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi o uniforme preto e branco da moça, sem dúvida alguma, imposição da megera traiçoeira.

Fayette descia a escada num fantástico penhoar, apoteótica como uma estrela de cinema.

— Então é você, hein? — Voltou-se para

trás e falou sobre o ombro: — Pode deixar, benzinho, eu mesma cuido disso. É apenas a encarregada desta porcaria de reforma.

Glenda não fez caso da observação maldosa.

— Vim inspecionar os trabalhos. O sr. Landry não está?

— Não está, nem vai estar... nunca mais! A Mansão Prendergast pertence a Vernon Sewall agora, sabia?

— Pode provar o que está me dizendo ou terei que chamar a polícia?

Fayette pareceu enfurecer-se.

— Quem você pensa que é, mocinha? Como se atreve?

Sem se dar ao trabalho de responder, Glenda caminhou até o telefone e começou a discar, mas Fayette a impediu de continuar, sugerindo-lhe que ligasse para os advogados do inventário e checasse a informação.

— Ainda não sei o que lhe dá autoridade para questionar os direitos do sr. Sewall, mas acho que vou adorar ver a sua cara quando ouvir do próprio advogado o que acabo de dizer.

Não era um blefe e Glenda sabia disso, mas era preciso ganhar tempo até que tivesse

uma boa idéia para derrubar aqueles dois. Assim, discou o número que a outra lhe fornecera, identificando-se e perguntando ao advogado o que deveria fazer, já que assinara um contrato com o sr. Landry e alguém tinha que pagar a conta.

Uma voz esganiçada informara-lhe que Fayette dissera a verdade.

— O testamento em favor de Conrad Landry foi anulado, senhorita, e provamos que o sr. Prendergast não estava em seu juízo perfeito quando o escreveu. Portanto, temo que deva seguir a determinação da lei nesses casos e se render às evidências.

Aquela voz odiosa continuara informando que qualquer questão quanto ao contrato de reforma deveria ser reportada diretamente ao sr. Landry, já que o trato havia existido apenas entre eles e, desde que Conrad fizera tudo à revelia do magistrado, deveria arcar com o prejuízo.

O sorriso de Fayette ampliou-se quando Glenda desligou o telefone com raiva e preocupação.

— Apesar de tudo, sra. Stanhope, ainda tenho um contrato e todo um trabalho sob minha responsabilidade sendo desenvolvido

aqui. Portanto, terei que supervisionar tudo para que possa submeter a fatura final ao sr. Landry.

Glenda não esperou que a outra reagisse e subiu a escada. Agora entendia muita coisa e a situação assumia novas proporções. Imaginava se Conrad sabia de antemão que tudo aquilo iria acontecer e por isso lhe pedira ajuda. Mas concluiu que não.

Ele não era do tipo que abandona o barco sem lutar, e sem dúvida deveria estar tomando suas providências.

Vernon Sewall apareceu no alto da escada.

Vestia um quimono de cetim preto, curto, deixando à mostra as pernas muito brancas, e tinha o aspecto de quem acaba de se levantar.

Glenda sorriu, com uma doçura que estava longe de sentir, e disse:

— Ah, como vai o falso sr. Landry?

Vernon, como era de se esperar, não foi muito receptivo ao cumprimento.

— Não creio que a senhorita pense que a contrataremos para concretizar nossos planos de modernização deste lugar, e por isso não entendo o que veio fazer aqui.

— Eu não entendo de onde virá tanto

dinheiro para que realize seus planos, sr. Sewall. Até onde sei, tudo o que pretendia era uma reforma rápida para que pudesse vender a casa o quanto antes. Mudou de idéia?

Ele respirou profundamente como a buscar novos ares que o ajudassem a controlar-se.

— Tenho alguns interessados, gente de muito dinheiro que obviamente não quer se incomodar com o trabalho de remodelação. Sabe o quanto é demorado e aborrecido conseguir as permissões e toda aquela papelada, mas como isso não é da sua conta, creio que poderia fazer o favor de acabar de uma vez com o seu trabalho e tratai de tirar suas coisas e seu pessoal daqui.

— Lógico, farei isso o mais rápido que puder, mas tenho um contrato assinado, como sabe, e pretendo cumpri-lo. Se está pretendendo obter as licenças para começar tudo de novo deve saber que haverá uma inspeção depois que meu trabalho estiver terminado, a fim de que seja constatado o cumprimento de todos os requisitos.

Os olhos astutos do homem a examinaram de cima a baixo.

— Nunca soube que a lei tratasse de

simples projetos de restauração.

— Certo, então digamos que devo isso ao sr. Landry para cumprir minha parte no contrato. Ah, sim, e o senhor não precisa ter tanta pressa, já que seus novos contratados, que sem dúvida vêm de fora da cidade, vão ter muito trabalho para obter as permissões para a obra...

Os olhos de Vernon estreitaram-se, como se ele fosse capaz de apertar o pescoço de Glenda.

— Como pode ter certeza de que vou trazer pessoal de fora?

— E não vai?

— Bem, eu...

Glenda deixou-o de lado e começou a percorrer os quartos, examinando-os. Na cidade, a única empresa construtora além da Companhia de Construções Halliday era a de Tom, que lhe contaria a respeito, se tivesse sido contratado por aquele horrível monstro que andava ali, atrás dela, como se tivesse medo de deixá-la sozinha na casa.

— Não se importe comigo, sr. Sewall, vou apenas terminar minha inspeção. Depois disso acho que não me verá mais.

Glenda achou que Vernon a expulsaria de

lá no momento seguinte, mas ele estava muito surpreso para reagir. Seu pai sempre lhe dizia que a melhor defesa era o ataque, e ela constatava a veracidade daquelas palavras.

Enquanto percorria os corredores, ouviu murmúrio no andar inferior e em seguida a voz de Fayette ordenou a Annie que levasse o café da manhã para a varanda. Isso lhe daria algum tempo para agir.

Antes de mais nada tinha que encontrar Barnaby, mas já havia procurado o empregado em quase todos os cômodos, olhado pelas janelas para talvez encontrá-lo no jardim cuidando das plantas ou pelos arredores fazendo qualquer serviço, mas o velho sumira como por encanto.

Ela então correu escada abaixo, procurando evitar fazer barulho para não chamar a atenção, e conseguiu chegar ao escritório de Conrad, fechando a porta devagar e examinando a desordem da escrivaninha. Num canto da mesa encontrava-se o segundo volume da história da família e perto dele estavam um caderno de anotações, com capa de couro marrom, e uma caneta esferográfica dourada.

Folheando o caderno, ela notou que,

exceto pela breve menção de uma chegada a Willow Bend, as páginas estavam em branco.

O charme irresistível de Conrad estava ali, naquela sala que tinha o seu cheiro, naquela cadeira que parecia aguardá-lo a qualquer momento, na letra masculina, nos objetos que só podiam pertencer a ele...

Glenda sentou-se devagar na cadeira confortável, lembrando-se de seu homem com carinho e saudade, tentando entender por que ele a fazia julgar-se a mulher mais importante do mundo, a mais bonita, a mais desejável a mais inteligente e ao mesmo tempo a mais livre...

Tentava descobrir, por fim, o que existiria nele de tão misterioso que a enchia de medo e que a fazia fugir, odiá-lo um pouco...

Conrad devia ter trabalhado muito, e dedicado todo seu esforço no sentido de crescer e melhorar, até ser o dono de um império que seus "súditos" comandavam enquanto ele se permitia dedicar um pouco de tempo aos amores eventuais, aos prazeres, à sua individualidade.

No entender de Glenda, somente Conrad tinha o direito de comandar a Mansão Prendergast, como único e verdadeiro dono,

porque só ele seria capaz de conservar o ar antigo e gracioso daquelas paredes para as futuras gerações, levando o passado até o futuro e talvez ensinando aos netos o quanto é importante defender o triunfo e as falhas do espírito humano.

Este pensamento levou-a a abrir o volume que restava da história da família Prendergast, que começava em 1846 e fora escrito pelo terceiro Conrad. Glenda sabia que não podia perder tempo com a leitura do texto, por que a qualquer momento um dos dois traidores entraria ali e a surpreenderia. Mas um certo trecho da história chamou-lhe a atenção:

"Mais uma guerra termina e não creio que esta seja a última. Desde que voltei para casa ando à espera de alguma coisa que não sei ao certo o que seja, talvez o fio de meada da minha vida, perdida em algum ponto onde eu ainda admirava os heróis de minha família, antes de sonhar em conhecer a natureza sórdida da guerra.

E a vida me prega mais uma peça: justamente agora que me questiono sobre a validade da guerra, acontece meu encontro com a verdadeira história de meus antepassados,

aqueles a quem julguei marcados para sempre na glória e na coragem.

Talvez por isso, porque hoje conheço esta grande mentira, sinto-me tentado a escrever outro volume dessa história ingrata, para deixar impressa minha profunda tristeza, meu pesar por ter crescido e derrubado meus ídolos, meus mitos.

Neste verão mais uma vez vestirei o uniforme cinza e dourado na festa da cidade e terei ainda uma vez que acenar aos meus compatriotas para anunciar a invasão dos inimigos.

Mas quem serão, afinal, meus verdadeiros inimigos?"

Uma voz imperiosa masculina assustou Glenda:

— O que está acontecendo aqui? Que diabos está fazendo?

Ela fechou o livro e levantou-se, disposta a inventar uma desculpa, encarando o olhar furioso de Vernon Sewall.

CAPÍTULO XXI

Glenda levantou-se e tratou de disfarçar o medo sob uma falsa máscara de tranquilidade.

— Desculpe, senhor, estava apenas procurando alguns papéis que me pertencem.

— Então ande depressa e retire-se desta casa.

Conrad voltaria dali a dois dias, a tempo, portanto, de impedir que Vernon tomasse qualquer providência, mas ninguém tinha idéia do que aquele homem era capaz de fazer em tão pouco tempo. De qualquer forma, a Mansão Prendergast corria sério perigo.

Ela abriu a primeira gaveta da escrivaninha, de lá retirando os primeiros papéis que encontrou e colocando-os sobre o que estivera lendo. Em seguida pegou toda a pilha, inclusive o livro, e percorreu o aposento devagar, sem olhar para o homem ali em pé, a vigiá-la.

Antes de sair virou apenas a cabeça e disse, por sobre o ombro:

— Ainda tenho que examinar alguns cômodos e preciso de Barnaby para que ele transmita minhas ordens aos carpinteiros,

caso voltem para fazer alguns retoques.

— Barnaby foi à cidade e não sei a que horas estará de volta. Portanto, trate de acabar com isso sozinha.

Ao subir a escada, Glenda encontrou-se com Annie, que esfregava a balaustrada com força, as lágrimas brotando de seus olhos sem parar.

— Algo errado?

— Não sei o que vai ser de mim... A sra. Stanhope disse que terei que deixar a casa.

Glenda segurou a moça pelos ombros, fazendo-a levantar-se.

— Não se preocupe, daremos um jeito nisso. Você sabe muito bem que não terá dificuldade em arranjar outro emprego.

— Nunca tive outro lar, srta. Halliday, e nunca fiz nada de errado para merecer este castigo, como algumas pessoas nesta casa.

Glenda percebeu ali uma chance de conhecer algo mais sobre a morte do velho Prendergast.

— Continue, Annie. Diga tudo o que sabe.

A pobre moça sentiu que tinha falado demais e olhou para trás, para verificar se alguém mais a ouvira. Glenda percebeu-lhe o temor.

— Tudo bem, não se preocupe. Vou deixar meu telefone neste cartão para que me procure caso tenha problemas, certo?

Annie enfiou o cartão no bolso antes que Fayette a surpreendesse com ele na mão.

Glenda continuou seu trabalho de inspeção. Era a vez do Quarto Verde e as imagens de sua noite de amor naquela cama a tomaram de emoção. Ela jamais esqueceria o modo como Conrad a levava ao êxtase, com sua agilidade única, sua enorme capacidade de dar e receber.

Ele era o tipo de homem que procurava adivinhar o momento, o jeito da parceira.

Ao olhar para aqueles móveis, aquelas paredes, Glenda sentiu-se invadida de uma raiva súbita contra aqueles usurpadores, aqueles desonestos que pouco ligavam para a dedicação e o dinheiro gastos por Conrad naquela reforma. Que direito tinham de apoderar-se da casa, principalmente diante das suspeitas da participação de Fayette na morte do velho? Fora ela quem tomara conta do coronel em seu último ano de vida e a partir de sua chegada ele começara a sentir-se doente.

Glenda observava cada detalhe do quarto

e sentia o sangue ferver. Deviam ser os fantasmas do passado que o habitavam, gente que vivera intensamente suas paixões e suas Jutas. Era melhor afastar-se dali.

Melhor ainda ir para casa e terminar de ler o livro que "tomara emprestado" e lhe aguçava a curiosidade.

Naquela noite, bem tarde, ela recomeçou a leitura da história.

Conrad Prendergast III voltara da II Guerra Mundial casado e tivera duas filhas. Jamais reunira dinheiro suficiente para reparar a casa e por isso contentou-se em apenas mantê-la.

Havia também algumas referências ao "santuário" e àquele Quarto Verde quase destruído, ao qual ele jamais permitira visitas, nem mesmo dos outros membros da família.

Glenda achava estranha aquela obsessão do avô de Conrad em preservar as relíquias de uma guerra tão antiga e perdida, mas continuou a leitura e estava quase dormindo quando um trecho lhe chamou a atenção, despertando-a.

"Vi a filha de Clorinda hoje, na cidade. Ela tem olhos expressivos, e cabelos lindos e vai ser

ainda mais parecida com a primeira Clorinda, mais do que sua própria mãe sempre foi.

Ao vê-la na garupa do cavalo do pai, que se preparava para representar seu papel na festa da cidade, decidi mandar restaurar o quadro que jaz entre os destroços do Quarto Verde. Encontrei um artista que se dispôs a refazê-lo em outra tela porque, segundo ele, seria difícil restaurá-lo no estado em que se encontrava. Quando estiver pronto eu o colocarei na sala, bem à vista de todos.

O que mais me intriga é o total desconhecimento dos descendentes de Clorinda... dos fatos que a ligaram à minha família."

O velho se referia a ela! Sempre soubera de sua existência! Então por que jamais se aproximara deles? Ali estava a explicação da estranha impressão que aquele quadro sempre lhe causara. Era sua bisavó quem estava lá, perpetuada.

Algumas páginas depois Glenda encontrou um relatório sobre o baile daquele ano, em que chovera torrencialmente. Os festejos quase haviam sido cancelados.

"Eu estava quase uma hora atrasado para levar a notícia da invasão das tropas da União e encerrar a representação. A chuva inundava minhas terras, atrasando-me ainda mais.

Aquele imbecil do Josh Stuart estava conduzindo os confederados para simular um contra-ataque.

A cada ano que passa, eles ficam mais distantes da verdadeira história da batalha, criando sua própria versão. Qualquer dia desses, eu os ouvirei dizer que venceram a guerra."

Aquele devia ser o ano em que ele representara o papel do coronel Prendergast pela última vez, pois a partir daquela data passara a viver isolado e suas contribuições à festa foram rápidas aparições, encerrado numa carruagem, representando o desfecho da batalha.

Suas anotações a respeito do baile daquele ano eram comoventes:

"Não fiquei mais do que uma hora no baile, apenas o tempo suficiente para dançar ao menos uma vez com Clorinda. Isto foi o bastante para alimentar minhas fantasias. Naquele

momento ela era Clorinda Gervais e eu, o coronel Conrad Prendergast. Estávamos em 1863 e revivíamos a história de nossos antepassados. Pena que ela não demonstrasse saber nada do que aconteceu entre nossos avós.”

Glenda fechou o livro porque o sono a vencia aos poucos e porque já não era mais capaz de continuar a leitura. Suas emoções se misturavam com o sonho em que ela e Conrad apareciam fantasiados, revivendo os amantes de um passado distante...

CAPÍTULO XXII

Era chegado o dia da comemoração e a cidade inteira se agitava naquela manhã ensolarada, todos em seus uniformes e fantasias.

Pela janela de seu quarto, Glenda sorria aos cavaleiros que passavam, gritando e acenando em grande algazarra.

Bem abaixo da janela estava atrelado o cavalo que Tom emprestara a Ethan Halliday, que o montaria sentado no cabriolé já adaptado ao lombo do animal.

Glenda espreguiçou-se, feliz. Há muito tempo não participava dos festejos, mas naquele ano tinha dois motivos muito especiais: a volta de seu pai à vida e... Conrad.

Este pensamento a transportou ao dia anterior, quando discutira com Lucie, que mais uma vez insistira em que ela deveria agradecer a Tom por ser tão paciente.

Glenda respondeu que jamais pedira ao rapaz que a esperasse ou fizera qualquer jura amorosa.

A última frase de Lucie ainda lhe martelava o pensamento:

"Tom é o melhor partido da cidade e acho que você anda muito entusiasmada com esse Conrad Landry para prestar atenção nele. Lembre, Conrad não é daqui nem fixará residência na Mansão Prendergast por sua causa. Depois que ele se for, não espere que meu irmão recolha os pedacinhos de seu coração!"

Na cozinha, Maybelle Brewster preparava uma apetitosa salada de frutas. Ela pensava em tudo. Naquele dia precisariam mesmo de um café da manhã reforçado.

Ethan já estava lá, pronto para representar seu papel, e Glenda não pôde deixar de sentir uma ponta de orgulho e uma grande ternura invadir-lhe a alma. O pai parecia um novo homem.

Aproximou-se dele e deu-lhe um abraço carinhoso, protetor, como para demonstrar que valorizava a maneira como ele se esforçara nos exercícios, naqueles últimos dias.

— Ele não está maravilhoso, sra. Brewster?

A viúva sorriu, maliciosa.

— Vou ter um grande trabalho para manter as mulheres longe dele no baile, esta noite.

Enquanto tomava café, Glenda pensava que, se Conrad estivesse ali ou pelo menos ligasse, sua felicidade estaria completa.

As últimas notícias que tivera da Mansão Prendergast não eram nada animadoras. Lucie descobrira que Vernon Sewall estava negociando a venda da mansão com um grupo de milionários árabes. Sabia-se que ele tinha dado entrada no pedido de permissão para a remodelação da casa e logo o conseguiria.

— Eles estão na cidade, querida, sinistros em suas vestes brancas. Estranho modo de se vestir, não? E pensar que temíamos que a mansão fosse entregue a alguma família de *yankees*!

Conrad prometera chegar a tempo para a festa e talvez ainda pudesse tomar alguma providência para impedir aquele criminoso de prosseguir com seus planos diabólicos.

O galope de um cavalo seguido de um grito à maneira dos rancheiros anunciava a chegada de Tom, que irrompeu segundos depois na cozinha dos Halliday, levantando Glenda no colo como se ela fosse uma pluma.

— Vim para ver como está minha garota. Por que ainda não se vestiu?

— Ponha-me no chão, seu maluco.

Esqueceu que você precisa se comportar como um cavalheiro, hoje?

— Sempre me comporto como um cavalheiro, meu anjo. Que temos para o café?

Satisfeito, Ethan sorria para Tom, como um pai orgulhoso.

— Puxe uma cadeira, meu rapaz.

Antes mesmo de sentar-se, Tom avistou pela janela uma figura encurvada que se aproximava.

— Céus, quem é aquele?

Glenda acompanhou a direção dos olhos dele e seu rosto assumiu uma expressão de surpresa.

— Barnaby!

Ao abrir-lhe a porta, Glenda deparou com o velhinho pálido pelo esforço da caminhada e quase sem fôlego.

A sra. Brewster apressou-se em ajudá-lo e assim que ele se acomodou na cadeira, tirando o chapéu que colocou sobre o colo, ela já estava de volta, oferecendo-lhe um refresco.

Todos os olhares se concentravam nele, que se recuperava aos poucos e por fim retirou um envelope do bolso do paletó, segurando-o firmemente enquanto falava:

— Não vou fazer o papel do coronel hoje,

sinto muito. Não posso entrar na cidade naquela carruagem e representá-lo como se ele fosse um grande herói.

Ethan cravou no rosto cansado de Barnaby um olhar furioso.

— O que quer dizer com isso? Ele foi um herói, sim senhor. Defendeu aquela casa enquanto pôde, sozinho, e só a deixou para avisar nossos soldados sobre a invasão das tropas inimigas. Como se atreve a questionar a bravura de seu antigo patrão?

Barnaby virou o rosto devagar para Ethan e sua expressão era triste e desconsolada.

— Aquela casa foi construída por meu tataravô, senhor, e toda minha família serviu ao coronel. Cresci ouvindo contar as proezas e atos de coragem do sr. Prendergast, mas era tudo mentira!

Todos trocaram olhares surpresos ante a inesperada eloquência do velho Barnaby.

Tom foi o primeiro a expressar sua revolta.

— Do que está falando?

Barnaby olhou à sua volta, para depois encolher os ombros num gesto resignado.

— Guardei esse segredo até hoje, mas eles vão destruir a casa e agora nada mais

importa.

Glenda sentia pena do pobre empregado e dirigiu-se a ele, com ternura.

— Conte o que sabe, Barnaby.

— Um dia, eu e o sr. Prendergast encontramos cupins no chão daquele quartinho que chamamos de "santuário". Isso foi logo depois que as moças se casaram e que a sra. Prendergast faleceu. Resolvemos aplicar o inseticida e refazer o piso danificado, e tivemos sorte porque estava apenas no começo da...

Tom veio em seu socorro, completando:

— ... Infestação.

Barnaby o ignorou.

— Foi aí que encontramos a caixa de metal com um livro, que o coronel Conrad tinha começado a escrever antes da guerra entre os Estados.

Glenda o interrompeu:

— O primeiro volume da história da família! O que aconteceu com ele?

— O sr. Prendergast o levou para seu quarto e passou toda aquela noite lendo. Na manhã seguinte eu estava consertando o assoalho e já era bem tarde quando ele desceu e me disse que havia pensado em colocar o

livro ali mesmo, embaixo do piso. Mas depois refletiu melhor e teve medo de que alguém o descobrisse. Por isso resolveu queimá-lo.

— E o que você tem aí nas mãos?

Tom se referia ao envelope que ele trouxera e que permanecia esquecido em seu colo, mas Barnaby não estava com pressa.

— Annie era apenas uma criança naqueles dias e já tinha mania de lustrar os móveis, mas havia algumas coisas que ela detestava fazer e uma delas era limpar as lareiras.

Glenda interferiu outra vez:

— Então você encontrou algumas páginas do livro na lareira, não foi?

— Sim. Acho que o sr. Prendergast estava cansado quando o atirou ao fogo e com certeza o livro caiu longe das toras em brasa. — Barnaby fez uma pausa, bebendo seu refresco com gestos lentos, e sua expressão demonstrava certo alívio. Depois continuou: — Por isso não me surpreendi quando ele decidiu não participar mais da festa da cidade, fazendo o papel do grande herói. Nunca tocamos no assunto, mas ambos sabíamos por que ele não saía de casa. E por certo não teria mais saído, se alguém não tivesse aparecido para chamá-lo

a tomar parte da festa novamente. Foi só então que ele resolveu voltar, mas em carro fechado.

Naquele instante, Barnaby pegou o envelope e o entregou a Glenda. Ela o abriu e examinou com cuidado as poucas folhas de papel que estendeu sobre a mesa.

Ethan e Tom a ladearam, curiosos, enquanto ela separava algumas das páginas que não tinham sido atingidas por completo pelo fogo e começava a lê-las em silêncio. Falavam de Clorinda Gervais, sua tataravó, da terrível participação dela na guerra e contavam a verdadeira história, a tragédia histórica do coronel Prendergast.

Ao cabo de algum tempo, Ethan arredou sua cadeira de rodas um pouco para trás, colocando as mãos na cabeça como se a leitura o tivesse estarrecido.

— Glenda? Que diabos está acontecendo? Acabo de ler que Clorinda era uma espiã inimiga!

— Sim, papai, é verdade. Ela foi uma espécie de ponte entre os *yankees* e os confederados e estava apaixonada por um soldado inimigo que foi morto numa batalha. Depois disso, ela serviu de mensageira para o exército da União. Mas também deve ter

gostado do coronel Prendergast, porque o deixou construir aquela casa para ela e...

— O quê?!

A indignação de Tom a fez recuar por um instante, para recomeçar a falar em seguida:

— Quando o coronel voltou para casa, com a cidade correndo perigo, Clorinda foi até ele com um plano para salvar a mansão. O coronel devia permitir que os *yankees* entrassem em sua propriedade na calada da noite e organizassem um posto de comando. Em troca, os soldados inimigos tocariam fogo nas terras depois que se fossem e simulariam um ataque à mansão. Isto explica aquele buraco na parede do quarto. Depois disso o coronel deveria ir até a cidade para avisar aos nossos soldados que os inimigos eram incontáveis, o que tornava impossível qualquer tentativa de fuga. Portanto, eles deveriam render-se. Deve ter sido uma decisão agonizante, papai. Aqui há um trecho em que ele diz: "Clorinda diz que ninguém jamais saberá o que eu fiz... mas o pior é que eu sei .

Quando Glenda parou de falar, o silêncio era pesado e insuportável. Minutos depois, Ethan o quebrou, devagar, pensativo:

— Eles ofereceram a segurança da

Mansão Prendergast em troca da traição a seu povo! Todas as casas da cidade foram queimadas, menos a dele!

— Nós passamos anos respeitando o coronel como herói, e ele tinha traído a cidade por causa daquela maldita casa! — A voz de Tom soou revoltada.

Glenda interveio depressa:

— Ele não salvou apenas a mansão, gente, mas teve chance de perceber que os confederados não poderiam vencer a guerra e talvez, como qualquer homem racional faria, tenha procurado salvar algumas vidas em ambos os lados, permitindo que as tropas da União invadissem a cidade. Estava apaixonado por Clorinda e construíra a casa para ela. Talvez esperasse que ela voltasse para ele quando a guerra acabasse.

Ethan foi impiedoso ao responder:

— Clorinda se casou com outro para lhe agradecer a traição! Este é o desfecho da história desta cidade!

A sra. Brewster entrou na conversa:

— Uma mentira... Tudo em que acreditávamos não passa de mentira...

Desta vez, Tom a interrompeu:

— O vexame é deles, não nosso. Não há

mais nada a fazer.

Ethan refletiu por um instante e de repente pareceu lembrar-se de um novo detalhe:

— O vexame não é só deles, rapaz. Clorinda Gervais era a tataravó de nossa Glenda, não se esqueça!

Glenda entrou em defesa de sua antepassada, acrescentando:

— Pelo menos ela não era uma vira-casaca. Sempre estive do lado dos *yankees* em defesa do homem que amava.

Neste ponto pensou no que Conrad acharia de toda a história, caso decidisse contar-lhe.

A voz de Tom tirou-a desses pensamentos:

— Anjo, acho que vai ser mesmo um grande escândalo.

— Mal posso acreditar no que estou ouvindo: escândalos, traições... Meu Deus, isso tudo se passou há mais de um século!

Os olhos de Tom a fixaram, frios.

— Os Prendergast salvaram a mansão enquanto o povo inteiro perdeu suas casas e agora há um *yankee* entre nós para ficar com os lucros, mocinha. Isto está acontecendo hoje

e não no século passado. Não posso suportar a idéia, entende?

Barnaby levantou-se e se arrastou, nervoso, até a saída, sem dúvida temeroso dos resultados de sua confissão.

Ethan, com a voz um tanto alterada, dirigiu-se a Glenda:

— Por que não leva Barnaby até a mansão, filha? Eu e Tom precisamos ter uma conversinha.

Glenda relutou mas apanhou as chaves do carro e saiu com o velho. Não estava gostando nada da expressão de cumplicidade que aqueles dois exibiam, quando se retirou.

CAPÍTULO XXIII

Todas as ruas principais da cidade haviam sido fechadas ao tráfego desde a noite anterior e, à medida que o sol nascia, a multidão começava a despertar.

Muita gente havia acampado nas calçadas, como garantia de ter lugar para ver a parada. Alguns enrolavam os sacos de dormir, outros preparavam café em fogões improvisados e as crianças se agitavam, excitadas pela proximidade da festa.

A maioria dos espectadores tinha apenas uma vaga idéia do que ocorrera na verdadeira batalha e aguardava ansiosa o espetáculo, como se estivesse num circo ou num teatro.

Nos campos, aqueles que representariam os *yankees* preparavam-se em suas tendas, armadas especialmente para o evento.

Conrad os comandaria e naquele momento ajustava o cinto.

Enquanto isso, mestre Tanaki ajeitava a bandeira e externava suas opiniões sobre os festejos:

— Os uniformes de cor cinza são mais vistosos e muito mais dignos do herdeiro da

Mansão Prendergast, não concorda?

Conrad abotoava a jaqueta azul e lançou um olhar preocupado ao amigo, a cabeça cheia das más notícias que recebera ao chegar à cidade, naquela manhã.

— Como pode dizer isso depois de saber que meu honorável tataravô não passava de um traidor?

— Ele lutou com todas as forças por quase três anos. Salvou sua casa e o povo, evitando que pessoas continuassem morrendo por uma causa perdida. O que teria ganho sacrificando a si próprio e ao lar, que construía com toda dedicação?

— Sabe, mestre, posso entender melhor a atitude dele que a de Vernon.

— Se eu fosse o seu primo, economizaria a fortuna conseguida com a venda da casa para me livrar da cadeia depois. Só não posso aceitar essa sua passividade. Por que não começa logo a agir para derrubá-lo?

Conrad não lhe deu atenção. Seu pensamento voltou no tempo até aquela manhã, quando telefonara para a casa de Glenda.

A voz inconfundível de Tom Stuart respondera, do outro lado da linha:

— Ah, sr. Landry! Não esperava que voltasse tão cedo!

— É mesmo? Pensei que soubesse que vou participar dos festejos...

— Claro, claro, vai comandar as tropas inimigas, já que resolveu voltar. Pensamos em convidar seu primo, o sr. Vernon Sewall, mas achamos que ele andava muito ocupado tratando de derrubar a Mansão Prendergast, não é?

Conrad perguntara, dominando a raiva:

— Glenda está, por favor?

— Não, não está. Mas, já que estamos falando de minha noiva, gostaria que daqui por diante o senhor tratasse de todos os negócios comigo ou com o pai dela.

Aquelas palavras ainda o perseguiram e ele sentia-se meio fora de órbita. Tanto que mal ouvia o falatório de mestre Tanaki.

Absorveu apenas suas últimas palavras:

— Meu amigo, acho que está perdido. Estou falando sobre a necessidade de agir de imediato para recuperar seus direitos sobre a mansão, e você nem me ouve!

— Parece que se esqueceu do que tentou me ensinar desde que nos conhecemos: a virtude da paciência, meu caro.

— Se fosse este o seu motivo, eu concordaria, mas sei que está com a cabeça longe, em qualquer parte deste mundo onde Glenda Halliday esteja presente.

— Espero que só você tenha percebido isso. Sabe, ela decidiu casar com Tom Stuart. Eu devia ter imaginado que aquele criança venceria a parada.

— E você escolherá o caminho mais fácil: vai se retirar e aceitar o inaceitável?

— Ouça, hoje não estou com muita paciência para ouvir suas filosofias orientais.

— Acho que desta vez vai ter que me escutar, rapaz. — Conrad tentou sair da cabana, mas o braço musculoso de mestre Tanaki o impediu. — A srta. Halliday é diferente das outras, Conrad. Não é possível que você não tenha percebido que ela é uma moça honesta.

— Mestre Tanaki, estou avisando... Solte-me.

— Meu caro amigo, você passou a vida inteira punindo todas as mulheres que encontrou pelo caminho, esperando que fossem fúteis o suficiente para que as deixasse sem remorsos. E tudo isso por quê? Porque seu pai casou com sua mãe por causa de uma

fortuna que jamais existiu, e ela passou o resto da vida castigando-o com infindáveis romances, cada vez que outro homem lhe dirigia o olhar! A única mulher que não poderia ser leviana, na sua cabeça, era justamente a maior de todas: sua mãe. Por isso você resolveu não confiar mais em nenhuma, nem na mulher que ama!

Conrad sentia a cabeça latejar. Qualquer outra pessoa que lhe jogasse tais verdades na cara estaria agora no chão, porque ele teria feito questão de derrubá-la com os próprios punhos.

Mas ele sabia que mestre Tanaki estava certo. Realmente fugira de todas, até mesmo de um amor que o levaria ao casamento, por não acreditar em mulher alguma.

— Você parece esquecer que Glenda já fez sua escolha.

— Conrad, você por acaso disse que a amava, deu a ela uma chance pelo menos? Ela é uma mulher fantástica uma lutadora, mas duvido que possa ler sua mente.

— Agora é tarde, mestre. Ela vai se casar com Tom Stuart, já lhe disse, e pela primeira vez na vida estou mais preocupado com a felicidade de alguém do que com a minha.

Aquele garoto impertinente é o homem certo para ela, que jamais aceitaria estar casada com um homem que não consegue parar num só lugar, entende? Agora me deixe passar, isto aqui está uma sauna.

A multidão lá fora crescia e mestre Tanaki teve que impor sua gigantesca presença para passar por ela.

Mulheres de todas as idades passeavam usando longos vestidos armados. Conrad procurava por Glenda entre elas, avistando apenas Lucie num vestido cor de pêssego, com uma sombrinha antiga a protegê-la do sol.

Conrad passava por todos carregando uma dor no peito que parecia infundável. Mas ele não era um masoquista e estava certo de que algum dia esqueceria aquela província e aquela mulher que o trocara por um rapazote de nariz empinado.

Contudo, mestre Tanaki não era homem de desistir com facilidade e voltou a insistir, desta vez em japonês:

— Por que não telefona para lá outra vez? Pelo menos procure conversar com ela. Quem sabe não andaram inventando histórias?

— Onde você estacionou o carro, seu gigante teimoso?

Mestre Tanaki apontou algumas árvores, não muito longe de onde estavam, e Conrad dirigiu-se para lá, tomando assento e levantando o telefone do console.

Dessa vez foi a sra. Brewster quem atendeu e o informou de que Glenda não se encontrava em casa.

— Mas a batalha só vai começar daqui a duas horas! Não sabe me dizer onde ela pode estar neste instante?

— Talvez tenha ido para a fazenda dos McBride, onde todos os confederados ficaram de se reunir. Eles estão oferecendo um churrasco e, como Glenda saiu daqui com Tom, talvez tenham ido direto para lá.

— Está bem, obrigado.

Conrad pensou por mais um minuto depois de desligar. Tentava imaginar o tipo de reação que provocaria um oficial *yankee* num churrasco oferecido aos adversários e que desculpa poderia usar.

Estava a ponto de ligar o motor e partir quando mestre Tanaki chegou, esbaforido. Trazia uma espécie de raiva no olhar que num homem de suas proporções chegava a assustar.

— Descobri uma coisa terrível, meu

amigo, sobre a representação da batalha, esta tarde...

Na fazenda dos McBride a agitação era grande. Garçons e soldados misturavam-se às mulheres em seus vestidos longos e armados num festival de cores das mais extravagantes.

O aroma era delicioso e, à medida que o tempo passava, pratos de saladas e frios juntavam-se à mesa já repleta dos mais variados petiscos, enquanto a carne era assada na brasa de uma enorme churrasqueira.

Glenda esperava sob a sombra de uma frondosa árvore a chegada de Tom, que saíra em direção ao caramanchão para servir a ambos de carne fresca e salada. Havia tanta gente reunida, em todos os cantos, que ela apenas vislumbrou Maybelle Brewster e Ethan assim que chegaram ao local.

Jenny Dee, deslumbrante em seu vestido verde, os cabelos ruivos caindo em cachos largos sobre os ombros nus, passeava de um lado para outro, assediada pelos jovens soldados, sem contudo perder Tom Stuart de vista.

Depois que Barnaby lançara a bomba da verdade naquela manhã, todos haviam concordado em evitar que aquela história

caísse em domínio público antes do final da festa.

Tom abria caminho entre as mesas para alcançá-la, mal equilibrando os dois pratos que trazia. De longe ele procurava Glenda e, ao encontrá-la, caminhou em sua direção com um sorriso maroto.

— Você é a mulher mais linda desta festa, sabia? Eu poderia passar o dia inteiro olhando para este rostinho sem me cansar. O que me diz de anunciarmos nosso noivado hoje à noite, no baile?

Ela o olhou, pensando mais uma vez em como formavam um belíssimo par. Todos na cidade tinham como certo aquele casamento e só aguardavam que marcassem a data, mas ainda assim Glenda hesitava.

— Não acho que seja uma boa idéia, Tom.

— Por quê? Pense um pouco. O fato de ficarmos noivos não significa em absoluto que teremos de nos casar amanhã ou depois. Você terá o tempo que quiser para se preparar, mas pelo menos, ao assumirmos nosso compromisso em público, aquele *yankee* não vai bancar o engraçadinho para cima de você.

Uma voz interior dizia a Glenda que o ser humano se ajustava às perdas com relativa

facilidade. Ela própria não tinha superado a morte da mãe, que adorava, e não seguira levando sua vida e lutando pela sobrevivência de si mesma e do pai? Esqueceria Conrad um dia e talvez pudesse amar Tom, se lhe desse ao menos uma chance.

— Tom, acho que o mínimo que lhe devo é honestidade e preciso avisá-lo de que gosto de você como teria gostado de um irmão. Mas estou disposta a tentar.

— Assim que se fala, garota! Não preciso de nada além disso. Anunciaremos nosso noivado esta noite e aproveitaremos o baile para celebrar com todos os nossos amigos.

Glenda assentiu, incapaz de argumentar mais nada. Talvez Tom estivesse certo quando afirmava que ela precisava de alguém para ajudá-la a resolver alguns de seus problemas. Estava cansada de lutar contra a maré.

Um garçom passou por eles naquele instante e Tom pegou dois copos de vinho.

— Um brinde ao nosso futuro, meu anjo!

— Certo, mas não comece a beber feito um louco porque estamos apenas no começo do dia.

O garçom esperava, em silêncio, que a euforia de Tom diminuísse um pouco, e por

isso recebeu um olhar de indagação. No mesmo instante estendeu-lhe um cartão.

Era de Conrad Landry.

— Ele o está aguardando na biblioteca, senhor.

— Ah, sei... Por que não veio até aqui?

— Acho que não seria apropriado. Está usando um uniforme azul, senhor. Dos inimigos.

Glenda ajeitou as saias para levantar-se.

— Ele quer falar só comigo?

— Sim, senhor. Disse que era um assunto particular.

— Diga que já vou.

O coração de Glenda dava pulos de inquietação e alegria, mas Tom tratou de descartar qualquer possibilidade de levá-la consigo.

— Fique aqui mesmo e não fuja! Estarei de volta em cinco minutos. Não creio que aquele almofadinha tenha nada importante para tratar comigo. Acha que Barnaby pode ter contado aquela história a ele?

— Não, creio que não. Barnaby não o vê há semanas. Quando o levei à Mansão Prendergast, hoje cedo, não havia sinal do carro de Conrad por lá. Por isso supponho que

ele tenha ido direto para o acampamento.

Depois que Tom se foi, ela olhou para os pratos à sua frente. Não se sentia nem um pouco animada a comer naquele momento.

Apesar do céu límpido e do sol causticante, ouvia-se o ruído de um trovão de vez em quando e alguns relâmpagos riscavam o céu. Antes que o dia acabasse teriam chuva.

Glenda acostumava-se à idéia de seu noivado com Tom. Talvez fosse o fim de seus problemas com o pai e era bem provável que Lucie se desse por satisfeita e a deixasse em paz. Algumas vezes o amor vinha com o tempo e a convivência, e quem sabe esse fosse o seu caso.

Quando Tom retornou de seu encontro com Conrad Landry, as tropas já se alinhavam e todos se preparavam para a grande parada.

— O que ele queria?

Tom se ajeitava para montar Red Lady e respondeu, de modo distraído:

— Nada importante, como eu previa. Só queria combinar alguns detalhes da batalha.

— Não trouxe nenhuma novidade sobre a Mansão Prendergast?

— Nada, mas você terá chance de estar com ele na parada. Este ano permitiremos que

os adversários tomem parte dela.

— Se é que vão aparecer por lá, depois da quantidade de bebida que ingerem no final da batalha...

— Ah, eles virão, pode ficar descansada.

A expressão do rapaz era uma incógnita e Glenda se perguntou se estava imaginando coisas ou se realmente vira uma certa malícia em seu olhar. Desde que ele soubera da verdade sobre os Prendergast, andava muito estranho.

— Dê-me um beijo de boa sorte, anjo. Estou indo.

Ela ofereceu-lhe os lábios, pouco à vontade, esperando que a beijasse superficialmente. Mas ele desceu do cavalo e a tomou nos braços, beijando-a com sofreguidão.

À sua volta, os demais soldados davam seus gritos de guerra, e o movimento de cavalos e gente era intenso. Todas as damas beijavam seus cavaleiros e a excitação era geral.

Tiros de canhão soavam à distância, anunciando o início da batalha. Tom atçou Red Lady para que partissem.

Glenda sentiu um nó na garganta. Aqueles jovens estavam apenas representando,

mas no passado muitos haviam morrido lutando.

Procurou seu pai e a sra. Brewster em volta, mas não viu sinal deles ou da cadeira de rodas.

Com uma ponta de apreensão, começou a caminhar entre as pessoas, lembrando-se do estado em que encontrara o pai ao voltar da Mansão Prendergast naquela manhã. Ele e Tom falavam sem parar no coronel e em Clorinda Gervais; pareciam tomados de raiva e rancor.

— Pai, calma! Para algumas pessoas Clorinda seria uma heroína, sabia?

Mas eles haviam continuado a discussão sobre a guerra da verdade contra a mentira e Glenda retirou-se da sala, pensando que toda aquela história apenas servira para aproximá-la ainda mais de Conrad.

Enquanto procurava Maybelle Brewster, perguntava-se mais uma vez o que ele teria ido fazer na fazenda dos McBride, à procura de Tom. Por que não fora lá para vê-la depois de todas aquelas rosas e daquele bilhete?

Tom fora bastante evasivo quando lhe perguntara sobre os motivos que levaram Conrad até lá e aquilo era muito suspeito.

Talvez ele tivesse tomado conhecimento de seu noivado... Bem, mas não era isso mesmo o que ela queria? Afastá-lo para ficar a salvo do perigo?

— O que está fazendo aqui ainda, querida?

Era Maybelle, finalmente.

— Tentei encontrá-la para lhe dizer que Conrad telefonou hoje cedo, antes que viéssemos para cá.

— É mesmo? E ele não deixou nenhum recado?

— Sinto muito, querida, mas nem lhe dei tempo para falar. Estávamos atrasados, eu e seu pai.

— Tudo bem. E onde está papai?

Maybelle parecia insegura; seu olhar era angustiado e algo nervoso.

— Querida... não posso mais ficar calada. Prometi a Ethan que não lhe diria nada, mas estou tão preocupada!

— Sra. Brewster, ele não fez nada de errado, não é? Estava são e salvo, bem instalado em seu cavalo, certo?

A pobre mulher hesitava, sua expressão assumindo ares de desespero.

— Venha, vamos conversar lá dentro. Não

quero que ninguém mais tome conhecimento
do que vou dizer.

CAPÍTULO XXIV

Enquanto Maybelle contava o que soubera, Glenda pensava se devia correr até o campo, as saias atrapalhando-lhe os passos, ou se poderia tentar encontrar alguma carruagem atrasada que a levasse até lá.

Ethan saíra havia mais de vinte minutos, segundo as palavras da aflita sra. Brewster, insistindo em que devia tomar parte da batalha. Ele corria perigo e Glenda precisava alcançá-lo a tempo de evitar um desastre, talvez fatal.

Como seu pai poderia ter pensado num absurdo daqueles? Um homem semi-inválido, sem nenhum poder sobre as pernas, sentado num cabriolé a cavalo, sem nenhuma segurança, tomar parte numa batalha que, ainda que simulada, era representada por rapazes impetuosos em cujas cabeças se fantasiava uma luta real!

— Eu sabia que eles estavam planejando algo errado, sra. Brewster. Pressenti no olhar daqueles dois que estavam tramando alguma loucura. Diga o que mais ele lhe contou?

— Deus, prometa que não dirá a seu pai

que fui eu quem lhe contei!

— Prometo, mas ande depressa ou não terei mais tempo de tomar qualquer providência.

— Não é propriamente Ethan quem vai cometer uma loucura. Mas ele incitou o jovem Stuart a fazê-lo. Combinou capturar os rapazes sob o comando de Conrad Landry e mantê-los presos até a hora da parada, quando terão que acompanhá-los a pé, atrás dos cavalos. Mal posso acreditar que tiveram essa idéia maluca de humilhar pessoas generosas e gentis, que concordaram em tomar parte da festa apenas para dar um toque real à batalha! Tom disse que iria se vingar da traição do velho coronel Prendergast fazendo com que o neto dele sofresse uma derrota simulada.

O rosto de Glenda tornou-se pálido e ela sentiu que precisava agir de imediato.

— Não vejo nenhuma carruagem por aqui. Sra. Brewster, por favor, corra e pergunte a algum empregado da casa se poderia me emprestar um cavalo. Vou procurar a filha dos McBride para ver se consigo um jeans em prestado.

— Isso, querida, corra! Não tenho certeza, mas talvez eles tenham planejado algo ainda

mais terrível. Eu o ouvi falar sobre o canhão, mas não pude entender direito o que diziam.

Glenda não esperou para ouvir mais nada. Correu ao encontro de Chrissie McBride, que passava do lado de fora naquele momento.

Chrissie era uma adolescente ainda e por isso não participava dos festejos. Glenda teve dificuldade para enfiar-se no jeans apertado da menina. Mas não havia tempo para ociosidades.

O céu estava escurecendo e o ar úmido anunciava tempestade que não tardaria. Ela tomou uma trilha estreita que cortava caminho até o campo de batalha.

Ouviu-se um tiro de canhão. Pela tradição, faltavam quinze minutos para o início do ato.

Glenda rezava baixinho para conseguir chegar a tempo.

Ao alcançar o campo, os soldados perfilavam-se e ela pôde constatar que os *yankees* eram minoria, o que a desanimou ainda mais. Conrad estava à frente e Glenda teve orgulho ao ver-lhe o porte elegante, garboso.

Nenhum sinal de seu pai, no entanto. Ela entrou na clareira, esperando vê-lo entre a

cavalaria, começando a arrepender-se de ter ido até ali: podia ser atingida pela tempestade, que já estava bem próxima.

Os primeiros pingos de uma chuva grossa começavam a cair quando as tropas partiram, e antes que mais um trovão explodisse nos céus, Glenda lembrou-se de que os cavalos correriam assustados, desordenados, derrubando alguns cavaleiros.

Era impossível tentar atrair a atenção de Conrad em meio ao barulho infernal dos gritos, dos galopes e relinchos dos animais. De nada valeria arriscar-se indo ao encontro das tropas e talvez causar um acidente.

Naquele instante Glenda avistou Tom Stuart, que por sua vez não tirava os olhos de Conrad, e imaginou a surpresa que teria ao vê-la por perto, para atrapalhar seus planos.

Mais um trovão. O cavalo de Conrad partiu num galope e saltou de maneira fantástica sobre uma cerca. Glenda sentiu-se ridícula ao perceber que estava prestes a aplaudir o cavaleiro de seus sonhos. Em seguida perdeu-o de vista e olhou em volta, encontrando Tom, que seguia na direção do lugar por onde Conrad sumira.

Agora sim, a chuva caía torrencialmente

sobre os soldados e os espectadores, ensopando-os. A multidão se dispersou à procura de abrigo, mas alguns dos rapazes não pareciam importar-se com a chuva e gritavam ordens aos companheiros, para que os seguissem.

Os trovões passaram a ser frequentes então, e os cavalos relinchavam de maneira alucinada, derrubando alguns homens enquanto outros mantinham o controle das rédeas.

Foi então que Glenda viu a bandeira branca e azul que Conrad carregava. Flutuou por um breve momento para depois cair ao chão. Pôde ver que Tom também acompanhara aquela trajetória e sentiu o coração apertado. Fechou os olhos e imaginou o que teria acontecido a ele.

Mais do que depressa resolveu ir atrás de Conrad para ajudá-lo. Mas, antes de partir, viu, através do campo, um cavalo com um cabriolé sobre o lombo... vazio!

Ela manuseou as rédeas para que seu cavalo tomasse o caminho por onde se aproximava o outro animal, sentindo-se tremer de frio e de medo. Voltou o rosto para Tom, esperando que ele esquecesse sua vingança e

viesses em seu socorro, mas em vez disso avistou o cavalo de Conrad galopar, frenético, em sua direção.

Mal tivera tempo de pensar, muito menos de agir, e ele já voltava, trazendo seu pai seguro apenas por um braço enquanto o outro manejava o cavalo, com uma perícia surpreendente.

As lágrimas de Glenda misturavam-se à chuva que molhava seu rosto emocionado e ela agradecia a Deus em voz baixa por ter posto aquele homem maravilhoso em seu caminho.

Tudo acabou em questão de minutos, mas para ela, que a tudo observava sem nada poder fazer, o drama tivera a duração de um longa-metragem.

Quando seu coração se acalmou e ela sentiu-se capaz de caminhar, apeou e foi até Conrad, Ethan e Tom.

O pai estava pálido e sem forças, mas sua atitude em relação a Conrad não mudara em absoluto.

— Papai, você quase me matou de susto! Está tudo bem? Não se machucou?

— Estou bem, sossegue. Agora peça a este senhor que se retire. Quero ficar a sós com minha família.

— Papai, este senhor salvou a sua vida!

— Qualquer um faria isso no lugar dele.
E eu teria preferido que um dos meus o fizesse.

Conrad olhou para ela e em seus olhos havia raiva.

— Acho que estamos trocando os papéis, senhor. Seu futuro genro tinha um plano para me humilhar diante desse povo e tenho a impressão de que eu é quem deveria estar furioso. Fui até a fazenda dos McBride para conversar com ele, pedir que desistisse dessa história porque outras pessoas, que não têm nada com isso, seriam envolvidas na mesma vergonha. Mas tudo o que ele fez foi rir.

— Como é que você soube? Quem lhe contou?

— Alguns dos companheiros de Tom não concordavam com essa atitude maldosa e, enquanto discutiam, mestre Tanaki os ouviu.
— Ele virou-se para Glenda. — Seu noivo parece fazer parte do time dos que não medem consequências para conseguir a admiração dos outros. Agora me dêem licença, preciso cuidar dos rapazes. Alguns estão machucados e precisamos removê-los.

Ele montou e partiu, deixando Glenda sob a chuva, ao lado do pai. Glenda reparou

que Conrad se referia ao noivado com Tom por duas vezes, num curto espaço de tempo. Isso significava que o rapaz não perdera tempo em divulgar a novidade.

Ela quis gritar que tudo era mentira, mas ao invés disso ouviu:

— Tome cuidado. Está chovendo muito e ainda há soldados adolescentes por aí. Pode ser perigoso,

Ethan murmurou, entre dentes:

— Deixe que esse maldito se vá e fique quieta.

As imagens daquela tarde misturavam-se em sua cabeça e ela sentia uma forte dor nas têmporas. Sua roupa colava-se ao corpo, molhada, ensopada, os cabelos escorriam pelo rosto. Gente corria em todas as direções e ela não sabia o que fazer ali, com o pai sentado a seu lado, até que tudo foi escurecendo, escurecendo...

Ao abrir os olhos Glenda não fazia idéia de onde estava, mas sentia o calor das cobertas e o conforto das roupas secas.

— O que houve, papai? Desmaiei?

— Está tudo bem agora. Já mandamos chamar o dr. Benedict e ele deve estar chegando. O vento muito forte fez um galho

cair sobre sua cabeça, mas acho que não foi nada. Apenas a pancada a fez desfalecer e todas aquelas emoções juntas...

— Onde está Conrad?

— Mande os dois de volta à cidade. Tom tem que ir até o fim com a parada; o povo inteiro espera a tropa para o início das comemorações.

— Mas foi Conrad quem me trouxe até aqui, não foi?

— É verdade. Agora ouça, mocinha: se o dr. Benedict achar que você está bem, quero que se lembre da promessa que fez a Tom de acompanhá-lo ao baile, certo?

— Conrad disse aonde ia?

— Não, e também não perguntei. Pedi que se afastasse de você e ele se foi.

— Por que fez isso?

— Parece que ele já sabia que devia ir. Disse que a história só se repete quando não se conhece bem o texto.

Glenda ainda ouvia os ruídos daquela tarde de horror, os trovões, os tiros de canhão, o galope, gritos, passos correndo. E sentia que, quanto mais o tempo passava, mais se distanciava de Conrad, como se fossem eles os adversários daquela guerra.

Ethan a observava em silêncio, para depois dizer em voz baixa:

— Tom me contou que vocês iriam anunciar o noivado esta noite e não vi motivo algum para negar quando Conrad me perguntou. Ele iria saber de qualquer maneira.

O rosto amado aparecia no pensamento de Glenda como se o estivesse vendo ali, à sua frente.

Nesse momento mestre Tanaki surgiu e só então ela se deu conta de onde estava. Estivera sentada na cadeira de rodas do pai, sob a proteção de uma espécie de caverna, e o oriental a tirava dali no colo, sentando-a na parte traseira de um carro e voltando para buscar Ethan.

Glenda descansou a cabeça no encosto, concluindo que, embora o pai não aceitasse Conrad, ele não a abandonara.

CAPÍTULO XXV

O trânsito no centro da cidade estava lento e mestre Tanaki precisou reduzir a marcha do automóvel para que espectadores e soldados passassem. Bandos de colegiais uniformizados misturavam-se, alegres, às damas em seus longos vestidos de todas as cores, a ofuscar o brilho das fardas cinzentas e douradas dos confederados.

À frente da tropa seguia Tom em sua magnífica égua castanha, e a julgar pelo sorriso largo e pela altivez que exibia, orgulhoso, os incidentes daquela tarde não o haviam afetado.

Quando os últimos participantes passaram, mestre Tanaki pôde retomar o caminho até a casa do dr. Benedict.

O médico não encontrou nada de errado em Glenda, exceto um pequeno ferimento na testa que um simples curativo resolveria.

— Está sentindo alguma dor?

— Não, nenhuma. Só vim mesmo para satisfazer a vontade de papai.

Ao despedir-se do dr. Benedict, Glenda pensou no vestido que havia esquecido na

fazenda dos McBride, mas decidiu que isso lhe serviria de desculpa para não ir ao baile e, por conseguinte, seu noivado com Tom seria adiado por mais algum tempo.

Maybelle Brewster os recebeu ao mesmo tempo aflita e aliviada, porém não demorou muito a mostrar seu sorriso bondoso e apressou-se em providenciar um refresco para mestre Tanaki, que o recusou com delicadeza. Sua missão estava cumprida e ele precisava voltar para junto de Conrad Landry.

Ao ouvi-lo mencionar aquele nome, Glenda não pôde deixar de perguntar:

— Onde está ele agora?

— Ele se prepara para o baile, suponho.

Ela levou o oriental até a porta.

— Diga a ele que espero que se divirta. Eu não poderei ir.

Maybelle e Ethan balbuciaram protestos desencontrados assim que ela fechou a porta. Glenda simplesmente respondeu:

— Esqueci meu vestido na fazenda hoje à tarde e não tenho outro para usar no baile.

Maybelle sorriu.

— Por isso, não. Seu vestido está lá em cima, acabei de passá-lo. Eu mesma o trouxe, querida.

Glenda caminhou, resignada, até o banheiro. Um banho frio era o remédio certo para qualquer tipo de desânimo. Seu plano para fugir daquele noivado falhara e só lhe restava uma saída: dizer a Tom que mudara de idéia. Não lhe importava o que Conrad faria depois que cansasse dela, mas por enquanto apenas precisava viver aquele romance até as últimas consequências.

Ao sair do banho, no entanto, seu coração dizia-lhe que talvez fosse menos doloroso se ela mesma terminasse tudo e saísse daquela história com seu orgulho intacto.

Vinte minutos depois, admirava-se em frente ao espelho, lembrando-se do retrato de Clorinda Gervais no salão da Mansão Prendergast. Dessa vez não era apenas o romance entre um casal chamado Conrad e Clorinda que se perdera... era também a própria mansão.

O baile a caráter era realizado todos os anos no clube campestre da cidade e, quando Tom e Glenda chegaram, o estacionamento estava quase repleto.

Ela falara durante todo o trajeto sobre o mau comportamento de Tom naquela tarde e

ele a acusara de estar do lado dos *yankees*, para depois de uma longa discussão pedir-lhe desculpas. Glenda tentara mais uma vez adiar o noivado, mas ele se mostrava irredutível e sua voz, já um tanto alterada pela razoável quantidade de bebida que ingerira, mostrava que não adiantaria qualquer argumentação.

O salão de baile fervilhava no momento em que entraram. Pessoas de todas as idades conversavam, animadas. E elogiavam a decoração bem cuidada e o bufê variado na mesa central.

Lucie e o marido trocavam idéias com Ethan e a sra. Brewster a um canto, sob a luz dos delicados candelabros que adornavam as mesas.

Ao vê-los se aproximarem, Lucie foi a primeira a falar:

— Meus queridos, até que enfim! Pensei que tivessem resolvido comemorar sozinhos! Glenda, você está lindíssima! Cuide bem dela, Tom.

A orquestra começou a tocar uma valsa lenta e Tom puxou Glenda para o meio da pista.

— Meu anjo, posso ter a honra de ser seu primeiro par?

A valsa enlevava os corações dos casais, que trocavam olhares lânguidos e deixavam-se envolver pela atmosfera romântica. Mas Glenda estava longe, muito longe dali... Seu pensamento procurava Conrad com uma ansiedade tensa e angustiada.

Quando a orquestra parou, Tom a enlaçou pela cintura e a conduziu de volta à mesa, com ares de proprietário.

O olhar de Glenda encontrou-se com os olhos profundos de Conrad, como se um ímã a fizesse virar o rosto na direção da porta de entrada. Ele estava ali, parado, impotente em seu belo uniforme azul, o único entre as centenas de confederados.

Ela desejou correr e abraçá-lo, mas a expressão dele a deteve. Uma certa arrogância e o velho sorriso sarcástico a inibiam.

Depois de tanto tempo sem vê-lo, era assim que o encontrava: cercada de gente, impossibilitada de dar vazão aos sentimentos que sufocava no peito... Durante todo o tempo em que ele estivera ausente, pensara muitas e repetidas vezes no momento que vivia e pelo qual lutara. Possuía uma razoável conta bancária, os negócios estavam em franca ascensão; havia também o interesse renovado

do pai pela vida... Era tudo o que pedira a Deus, mas isso fora antes de conhecer Conrad e amá-lo.

A seu lado, Tom percebeu a chegada do rival e sentiu a influência que isso exercia sobre o comportamento de Glenda.

— É... nosso amigo Conrad Landry não deve ter nenhum amor-próprio, não acha? Depois de tudo o que houve ainda tem coragem de aparecer por aqui!

Antes que ela pudesse fazer qualquer comentário, Lucie tomou a palavra:

— Nós o convidamos, mocinho, e é nossa obrigação recebê-lo em nossa mesa.

Sem esperar pelos protestos de Tom, Lucie saiu em busca de Conrad e o rapaz tomou a direção do bufê, recusando-se a ficar ali à espera de um *yankee*.

O sangue de Glenda gelava nas veias. Enfim estariam outra vez muito próximos e, a julgar pelos ânimos exaltados de seu pai e de Tom, não podia esperar grande coisa daquele reencontro.

— Encantado, Lucie. Eu fico muito agradecido.

Lá estava ele, tomando assento à mesa, enquanto Lucie o apresentava ao marido. Este

desmanchava-se em elogios à magnífica reputação que o mundo dos grandes negociantes lhe atribuía, mas Conrad não o ouvia. Seu olhar estava preso ao rosto de Glenda.

Feitas as apresentações, ele dirigiu-se a Ethan Halliday com um respeito inesperado, apesar do mau humor do velho, que resistia a todas as suas tentativas de comunicação.

— Conrad Landry, imagino que saiba que foi convidado apenas porque queremos lhe mostrar o espírito hospitaleiro do nosso povo.

Glenda adiantou-se à resposta de Conrad:

— Por favor, acho que preciso lhe agradecer, em meu nome e em nome de papai. Se não fosse por sua coragem, não estaríamos aqui.

Conrad murmurou baixinho alguma coisa parecida para ela e voltou a dirigir-se a Ethan.

— Sr. Halliday, não entendo por que não gosta de mim, mas assim mesmo quero dizer que amo sua filha e pretendo pedir a ela que se case comigo.

Ethan engasgou e tossiu, como se fosse ter um ataque. Lucie olhava para cada rosto, procurando captar a reação que a atitude

inesperada de Conrad provocara em cada um. Aquele seria sem dúvida o prato da semana para ela.

Antes que o encanto se quebrasse, Conrad tomou as mãos de Glenda e a conduziu até a pista, onde a enlaçou daquele jeito sensual e possessivo que ela conhecia *tão* bem.

Enquanto girava nos braços dele, Glenda arriscou um olhar em direção da mesa e viu que Tom já regressara e sua expressão traía o ódio e a indignação que procurava esconder.

Ela estava tensa e confusa. Aquela frase de Conrad, solta e direta, abalara o pouco da estrutura emocional que ainda lhe restava.

— Por que disse aquilo?

— Gosto de provocar as pessoas.

Era demais! O que pretendera ele, brincando assim com as emoções alheias?

— Ouça, Glenda, acredita que será feliz com ele?

— Depende do que significa felicidade para você. Tom pode me dar uma coisa que não é muito comum nos dias de hoje: constância.

— E acha que ele é o único que pode dar isso a você?

— Não espera que eu acredite que você

possa, conhecendo seu passado como conheço, não é?

Ele esboçava um sorriso irresistível e Glenda viu-se a ponto de erguer-se nas pontas dos pés e beijar aquela boca sensual.

A orquestra acelerou o ritmo da valsa e ele a fez rodopiar com agilidade e segurança, tornando qualquer tipo de conversa impossível.

Ao final da música Conrad a cumprimentou com um gesto leve de cabeça e segurou-lhe os braços com delicadeza. Todos os outros pares voltaram às mesas e eles ainda estavam lá, no centro do salão, olhando um para o outro.

Os olhos de Glenda enchiam-se de lágrimas, inexplicáveis, inevitáveis, elevando as emoções de Conrad até o infinito.

— Falei muitas coisas que já não fazem sentido, mas não é do que eu disse que mais me arrependo, e sim do que não disse. Comecei a amar você no momento em que a vi na Mansão Prendergast, como uma princesa em traje de montaria.

Glenda queria, mas não teve tempo de fazer sua própria confissão, pois percebeu que Tom caminhava a passos largos na direção deles, com o rosto lívido e os punhos cerrados.

— Por favor, vamos voltar para a mesa e evitar uma briga inútil.

Conrad hesitou, mas Glenda caminhou decidida ao encontro de Tom, dando-lhe o braço e perguntando-se se o homem que amava teria idéia do fogo que suas últimas declarações lançavam em seu coração.

A voz de Ethan interrompeu seus pensamentos:

— Está ouvindo, Glenda? Vamos anunciar seu noivado agora, antes do jantar!

— Noivado?

Tom interveio:

— Nosso noivado, meu anjo.

Glenda sentiu a forte pressão dos dedos do rapaz sobre seu braço.

— Sinto muito, Tom, mas não posso aceitar que sacrifique sua vida por mim desse jeito. Tive muitos problemas durante este último ano e honestamente não sei o que faria sem você e Lucie, mas não posso permitir que arruíne seu futuro por alguém que não sente mais do que amizade e carinho por você. Não mereço o seu amor.

Um silêncio desconfortável pesou sobre todos. Ninguém era capaz de tentar um movimento e Conrad continuava a olhar para

Glenda, cheio de incertezas.

A chegada providencial de Jenny Dee salvou-os.

— Olá, pessoal. Estão se divertindo?

Ela jamais saberia que fora a tábua de salvação de Tom, que a arrastou para a pista de dança, fugindo da humilhação.

Conrad aproveitou-se da situação para convidar Glenda a dançar mais uma vez e, sem lhe dar tempo para pensar, conduziu-a de volta ao salão.

Eles dançavam em silêncio, abraçados, conscientes de que as palavras eram supérfluas naquele instante.

Num dado momento ele parou e a puxou pela mão, atravessando o salão entre os pares, em direção à varanda.

Glenda estremecia a cada minuto, como se uma febre a queimasse por dentro.

— Você foi maravilhosa. Salvou o orgulho de Tom.

— Já era bastante obrigá-lo a ouvir aquilo diante de todos, não acha? E depois acho que falei apenas a verdade. Acredito mesmo no que eu disse.

Os olhos de Conrad fixavam sua boca e ela sabia o que viria a seguir, mas de repente a

orquestra, que havia feito uma breve pausa, recomeçou a tocar.

— Está ouvindo isso?

Conrad sorriu.

— *Amor à Moda Antiga*. Esta é a nossa música... e diz exatamente o que eu queria que soubesse: "Um amor como o nosso é o que todo mundo espera nessa vida... Eu te amo e quero que case comigo!"

Ela o abraçou e beijou ali mesmo, na frente de todos, com a paixão que guardara desde o princípio, enquanto a música os embalava com doçura.

Quando se afastaram, ele a tomou pelas mãos e, sem ouvir seus protestos, conduziu-a de volta ao salão.

— Venha, vamos fugir daqui.

CAPÍTULO XXVI

O dia amanhecera cinzento e uma chuva fina caía sobre os jardins da Mansão Prendergast. Fayette olhava com desprezo para o retrato de Clorinda Gervais ao lado da lareira, enquanto Vernon tomava mais um uísque sob os olhares de reprovação dos compradores árabes.

Barnaby resmungava mais do que nunca ao lado de Annie, que corria os olhos em volta, assustada. Nesse momento Conrad irrompeu no *hall* de entrada, de mãos dadas com Glenda.

— Onde está Vernon?

O velho o apontou com o queixo e Conrad abriu as portas do salão com alarde, causando surpresa geral. Vernon avançou para eles com o dedo em riste.

— Desta vez você foi longe demais! Quem pensa que é para entrar em minha casa dessa maneira?

— Fique quieto!

Os compradores assistiam à cena estarecidos e Conrad dirigiu-se a eles:

— Senhores, sinto dizer que perderam

seu tempo porque esta casa não está à venda e tampouco pertence ao sr. Sewall.

O espanto dos dois crescia a olhos vistos e Conrad lhes disse algo em árabe, que os fez sentarem-se de imediato. Vernon sentia-se perdido e Conrad não lhe poupava emoções.

— Seu assassino medíocre e imundo! Tudo acabou para você! O diretor da companhia de seguros já sabe do seu desfalque, entendeu? Temos provas de que foi você quem contratou esta senhora para envenenar meu avô aos poucos e também de que planejou o assassinato de pelo menos um daqueles dois pobres velhinhos, herdeiros do primeiro testamento!

Fayette quis sair disfarçadamente da sala, mas Glenda a impediu de fugir, colocando o pé na passagem e fazendo-a cair de maneira pouco elegante. À porta do salão, a figura de mestre Tanaki surgiu, gigantesca, de braços cruzados, desestimulando qualquer outra tentativa de fuga.

— Olá, mestre! Chamou a polícia?

Tanaki anuiu, em silêncio.

Duas horas mais tarde Glenda e Conrad estavam a sós na mansão. Um oficial, acompanhado de vários policiais, havia levado

Fayette e Vernon sob acusação de assassinato premeditado e estelionato.

Mestre Tanaki fora incumbido de partir com Barnaby e Annie para um merecido período de férias.

Conrad segurava a mão de Glenda e a dirigia através do *hall*, tomando-a no colo assim que chegaram ao pé da escada.

— Sabe de uma coisa? Eu quis fazer isso desde a primeira vez em que nos vimos.

Pararam à porta do Quarto Verde e Conrad empurrou-a com o pé.

— Conrad... acho que não quero entrar aí.

— Está com medo dos fantasmas do coronel e sua amada Clorinda? Fique sossegada, eles já podem descansar em paz.

Ele a colocou no chão e quase a sufocou num beijo quente e apaixonado. Suas mãos exploravam o corpo quente por baixo da camisa e ele tirou-a de uma só vez, beijando os seios de Glenda e segurando-lhe os quadris, louco de excitação.

Glenda beijava os cabelos de Conrad, feliz por entregar assim, sem mais reservas, todo o seu amor.

Conrad fechara os olhos para melhor

sentir o perfume único daquela mulher inesquecível, que mudara toda sua filosofia de vida.

— Adoro você... Muito!

Os lábios de Glenda abriam-se num sorriso extasiado

— Meu amor, também te amo, mas... acho que te amaria ainda mais se...

— Pode pedir o que quiser. Faço qualquer coisa.

— Bem... se você tirasse a roupa. Os botões estão me machucando.

Conrad ria, enquanto desabotoava a camisa.

Momentos depois, quando os dois corpos se uniram de forma perfeita, nenhum deles pensava em outra coisa que não fosse reviver o prazer que sempre sentiram juntos, a paixão que nutriam um pelo outro e que derrubara todos os obstáculos para que fossem um só... para sempre.

Fim